

Revista da Semana

ANO XLIV

N.º 31

CR\$ 2,50 NA CAPITAL E CR\$ 3,00 NOS ESTADOS

31 DE JULHO DE 1943



Nêste numero grande suplemento de Guerra



A CAMPANHA DO TOSTÃO NA 1.ª R. M. — Iniciando a "Campanha do Tostão" no sêio do Exército, destinada a aquisição de obrigações de guerra em favor do Fundo Nacional de Ensino Primário movimento patriótico e altruístico que vem sendo patrocinado pela Cruzada Nacional de Educação, o General Maurício Cardoso, Comandante da 1.ª Região Militar, reuniu em seu gabinete todos os comandantes de corpo, numa solenidade que contou com a presença do General Isauro Reguera, Inspetor Geral do Ensino do Exército, Odílio Denys, Dr. Romero Estelita e Gustavo Armsbrust. A foto que aqui reproduzimos fixa um aspecto desta cerimônia, quando o Gal. Maurício Cardoso entregava ao Dr. Romero Estelita o primeiro tostão da campanha ora lançada na 1.ª Região Militar.

CENTENARIO RODRIGUES PEIXOTO

Considerar Campos na terra fluminense é considerar um grande passado e um notável progresso de cidade e município recomendados no cenário nacional por figuras de marca.

Eis uma, cujo centenário natalício ocorre a 1.ª de Agosto de 1943. Ha cem anos, na data apontada, nasceu campista Manoel Rodrigues Peixoto, favorecendo-o a sorte por nascer, educar-se, instruir-se e distinguir-se numa época do Brasil feliz qual a quadra do Segundo Reinado.

Feitos estudos secundários, Rodrigues Peixoto desejou outros de ensino superior. Coursou a Faculdade de Direito de S. Paulo e nela se bacharelou em ciências jurídicas e sociais em 1864.

As viagens completam instrução, Rodrigues Peixoto empreendeu-as através Europa, vendo, estudando, comparando, sem o que viagens são simples deslocções.

Tornado a Campos, aí advogando por certo tempo, acabou se voltando para a agricultura e para os empreendimentos industriais. Dedicou-se a construção de estradas de ferro e de engenhos.

Membro do partido liberal foi por ele sufragado para deputado geral, aparecendo na Camara dos Deputados na qual se distinguiu na tribuna.

A proclamação da Republica



RODRIGUES PEIXOTO

trouxe á vida do dr. Rodrigues Peixoto um largo periodo de abstenção politica e retiro pessoal.

Em 1904, prefeito de Campos, tornou á politica como deputado federal, passando a exercicio administrativo como diretor do Ministerio da Agricultura, Industria e Comercio.

Nunca o dr. Rodrigues Peixoto deixou o estudo das questões sociais tão arduas sempre. Demonstrou-o em varias publicações e em varias épocas. Campista de lei, preocupou-se com tudo quanto se relaciona com o cultivo da cana e com as altas e baixas da respectiva lavoura.

Na Camara dos Deputados, o dr. Rodrigues Peixoto discutio de preferencia tudo quanto dizia respeito ao Ministerio da Agricultura, que dirigiu pois com adquirenda pratica.

Casado em 1868 com D. Maria Isabel de Miranda Manhães, deixou o dr. Rodrigues Peixoto numerosa descendencia que ainda pode contemplar, falecendo a 29 de Setembro de 1919, cercado de respeito e após uma vida de labor e probidade. Um de seus netos, o dr. Isimbardo Peixoto, curador geral da comarca de Campos milita com distincção na justiça local e dedicado a estudos historicos participa da imprensa campista. Neste e noutros descendentes seus revive o dr. Manoel Rodrigues Peixoto no exemplo que lhes traçou.

E. D.

LÉO MAGNUS

POR JOÃO LUSO

Fui levar a Léo Magnus as minhas felicitações e os meus votos de perene ventura. Até ontem, não traváramos propriamente relações. Eu, porém, o conhecia e admirava há bastante tempo, de o ver num circo de Copacabana. E no meu entender de cavalheiro, tão de acordo com o meu interesse de jornalista, isso me autorizava a uma aproximação bem mais que de formalidade, perfeitamente cordial.

Logo após os cumprimentos usuais, referi-me aos termos de sincera estima em que a imprensa registrara o seu casamento.

— Não há dúvida, não há dúvida... concordei Léo Magnus. — Eu, porém, preferiria... Posso usar de franqueza, não é verdade?

— Oh, comigo, quanto mais franqueza, melhor!

— Pois bem... Manifestei-lhes, como de obrigação, o meu reconhecimento, mas, aqui para nós, mais convictamente agradeceria se não tivessem empregado certas expressões de simpatia comovida, em que havia um pouco, talvez muito de compaixão. E compaixão por que? Jamais solicitei ou considere necessária a comiseração de pessoa alguma. Sou anão e não me lastimo por isso. Um colega meu de circo respondeu, certo dia, a alguém que pretendia lançar-lhe em rosto a exiguidade física, tal se fosse um infortúnio ou um labéu: "Sou anão, sim, senhor, e tenho orgulho nisso!" Não vou tão longe. Nem sequer entro por esse caminho. Mas, em verdade, estou muito satisfeito com a minha sorte. Gosto de ser anão. E, se um desses homens de ciência que teem inventado tanta coisa para converter os seus semelhantes de gordos em magros, de morenos em louros, de tímidos em ousados... ou vice-versa; se algum desses mágicos modernos se oferecesse para me fazer crescer até à estatura mediana, eu lhe agradeceria muitíssimo, mas absolutamente não aceitaria. Está claro que não passo a vida a pensar na minha exiguidade, mas cada vez que tal circunstância me acode, sinto certo contentamento. Tenho prazer em me comparar aos indivíduos agigantados, imaginando a sua dificuldade em conduzir tão vasto volume; andar por entre os outros homens sem os incomodar nem se constranger a si próprios; encontrar espaço e comodidade bastantes... Toda a corpulência se me afigura um peso a transportar, uma carga que a gente não pode alijar nem atenuar, obtendo o auxílio doutras pessoas. Ser diminuto parece-me, na vida, a condição ideal. Como o filósofo Alípio de Alexandria que media sessenta e seis centímetros de altura, agradeço a Deus — palavras de Alípio — "o ter-me carregado de tão reduzida porção de matéria corruptível." Quanto a força física, disponho da bastante para as minhas precisões. Nunca invejei a robustez dos meus companheiros de arena que erguiam do chão halteres enormes, podiam com cavalos aos ombros ou torciam entre as mãos trancas de ferro... Olhava com desprezo, embora de baixo para cima, esses brutamontes que se davam ares de me esmagar com um dedo ou me arremessar com um sopro a meia légua de distância. No meu foro íntimo respondia-lhes que a invenção das armas de fogo equiparara as musculaturas e até supria a coragem. Para derrubar um Golias de hoje, não precisamos de nos equiparar ao David de Miguel Angelo; basta possuírmos um revólver, um revólverzinho destes de trazer no bolso do colete. E, se Milon de Crotona, que abatia bois com um murro, me enfrentasse com intenções destruidoras, eu, sem me alterar, puxaria desta pistola... está vendo? portatil como um relógio ou uma lapizeira, e derrubá-lo-ia muito mais facilmente do que ele a mim, com os punhos colossais. Não sei se o senhor reparou que tenho algum preparo...

— Então não havia de reparar? Milon de Crotona, Alípio de Alexandria... Aposto que é bachelar em letras!

— Faltou-me dinheiro e tempo para isso. Além de complexo e exaustivo, o meu trabalho no circo sempre foi parcamente remunerado. Como tantos outros artistas eu me sujeitava aos serviços de arrumação e limpeza; substituíva algum músico que faltasse; intervinha, se necessário, no preparo da comida; tratava, em último caso, dos animais e das próprias feras — além da obrigação, de todas a mais penosa, de fazer rir o público. E por tudo isso me pagavam como a qualquer palhaço ou ginasta vulgar! Como queria o senhor que eu frequentasse aulas e pagasse matrículas? Os estudos oficiais custam os olhos

da cara; e os cidadãos apenas remediados como eu só se podem instruir... pessoalmente. Um dia, tirei uns cobres bons na loteria e comprei uma enciclopédia. Até então, só lia os jornais, tratando, em todo caso, de aprender neles o mais possível... Desde, porém, que me apanhei de posse daquela maravilha do saber, a ela dediquei todos os momentos livres da minha tão atarefada, tão atrapalhada existência. Furtei horas sem conta àquilo que seria um descanso razoável. Às vezes esquecia-me de comer ou deliberadamente deixava passar as horas regulamentares das

mitisse a modéstia — além do receio do ridículo — poderia fazer-me anunciar nos jornais como o anão mais culto do mundo. Nos Estados Unidos, por exemplo, onde os empregários fazem questão de que todos os artistas sejam o mais qualquer coisa do mundo, em pouco tempo eu ganharia uma fortuna.

— Uma fortuna imensa! exclamei convictamente.

Léo Magnus agradeceu o aparte, não como no circo, levando a mão à nuca e fazendo uma "letra" com a perna esquerda, mas inclinando de leve a cabeça cheia de dignidade. E continuou:

— Um dos capítulos que mais me interessaram na obra monumental foi, naturalmente, a História dos Anões. Li-a não sei quantas vezes, pois nela encontrava sempre novos ensejos de me comparar àqueles heróis, tanto quanto possível me habilitando a fazer como eles. Assim, meu caro senhor, eu lhe poderia falar, e com vasto conhecimento, por exemplo, de Marco Túlio, um pouquinho mais alto do que Alípio de Alexandria e que foi cavaleiro romano; de Licínio, que mais de uma vez se mediu com Cícero na tribuna; de Veladislau, que reinou na Polónia, no século XIV, e sobretudo se notabilizou como guerreiro; de Jeffery Hudson, anão de Henriqueta de França, o qual andou, em terra e mar, nas mais ousadas aventuras; provocado por um insolente de dois metros de altura, obrigou-o a aceitar um duelo em que o matou; fez-se amar por diversas damas, da corte et caetera, et caetera. Poderia dizer os nomes e os feitos dos anões retratados pelos grandes mestres: Rafael, Paolo Veronese, o Dominiquino, Velasquez... O senhor, porém, me dispensará doutras citações...

— Está visto! respondi precipitadamente. — Não se incomode mais!

— Foi devido ao sistema de conhecimentos obtido naquelas páginas inumeráveis que pude mudar de ofício como de estado. Adotei o mister de professor e quanto a...

— Perdão! atalhei, num ímpeto de curiosidade — Professor de que?

— A' força de manusear o meu tesouro de sapiência, familiarizei-me com as mais variadas matérias. De maneira que ensino conforme os discípulos que aparecem. Sou um professor... mais ou menos enciclopédico.

— Bravíssimo!

Destá vez, Léo Magnus ia levar a mão à nuca, mas deteve o gesto a tempo; e, sem o menor embaraço, prosseguiu:

— Quanto ao meu casamento, nada mais natural nem mais singelo, embora tanta gente o considerasse um acontecimento de alta importância. Encheu-se a sala e o corredor da Pretorial. O povo é sempre criança. E os jornais não o são menos. Conheci Fédora Tchernichewa aqui mesmo, no Rio. E desde o primeiro momento nos sentimos um daqueles pares de que fala o poeta. Tudo nos aproximava e harmonizava. Fédora é um pouco mais baixinha do que eu, como convém para a boa medida dos amplos em que a cabeça da mulher deve ficar encostada ao coração do homem. Todas as palavras que trocávamos iam formando élos duma cadeia muito fina e muito doce, em que os nossos corações se prendiam. Note o senhor que não procuro absolutamente fazer poesia! A graça do nosso amor está justamente na singeleza, na ingenuidade. Tornámo-nos solidários em tudo. Estávamos sempre juntos...

— Na arena também?

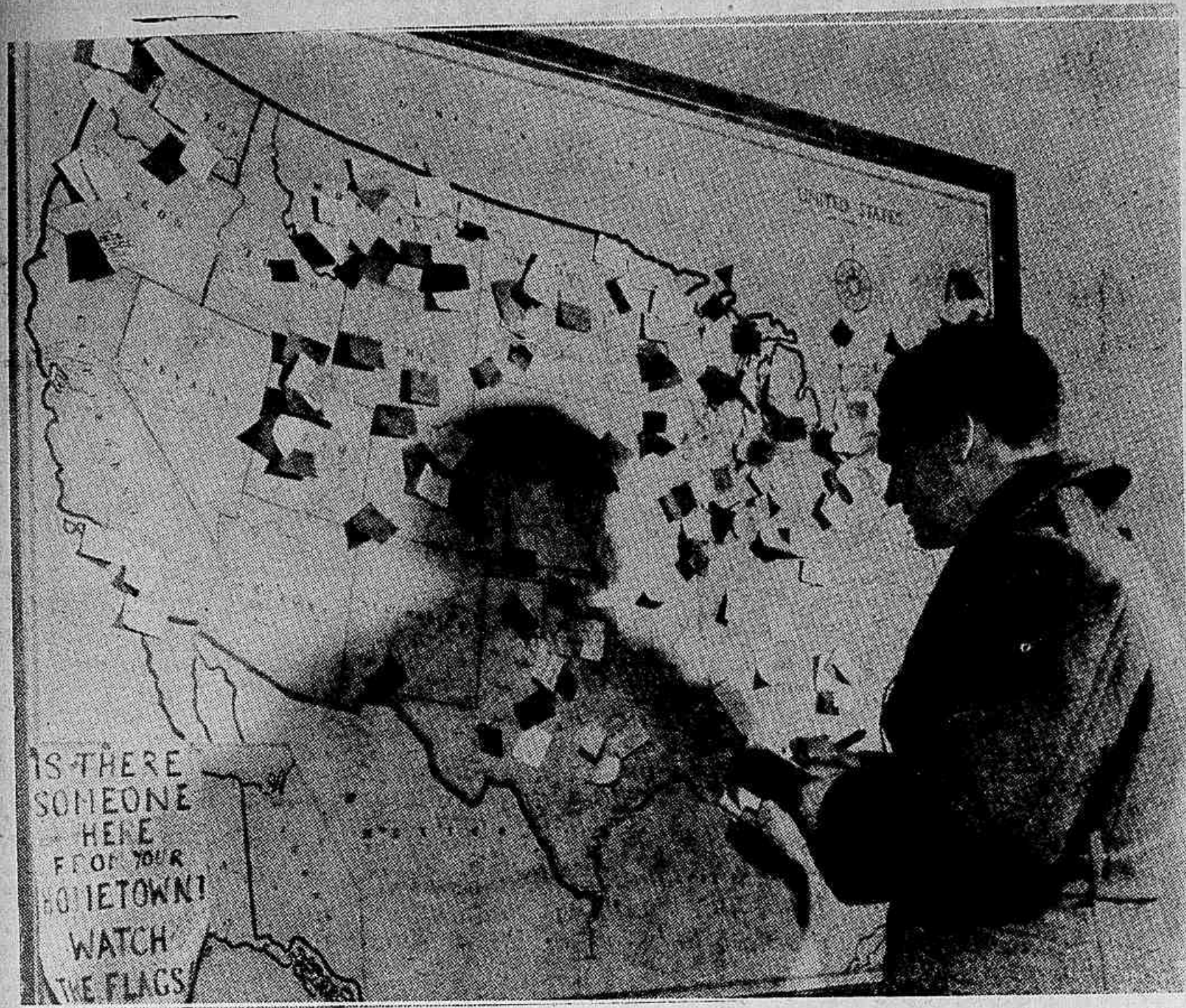
— Não, senhor! protestou Léo Magnus, um tanto revoltado. — Fédora é anã...mas não é de circo!

— Está bem! Longe de mim a intenção...

— Dizendo que estávamos sempre juntos, empreguei uma figura de retórica. Quiz significar que não havia ausência nem distância que nos separasse os pensamentos. Fédora quiz se fazer também professora de qualquer coisa, para que mais se identificassem os nossos destinos... Eu, porém, convenci-a a não trabalhar fora de casa. Quando digo "casa", emprego outra figura de retórica. Na realidade é uma sala. Para nós, porém, vale por dez salões. Bem dividido como está, aquele espaço nos chega para tudo. Como não tentamos receber pessoas grandes, a mobília cabe num cantinho; a outro canto temos a cosinha; mais aqui o guarda-roupa, mais além a enciclopédia... Para que professora doutra coisa? Basta que Fédora me dê diariamente lições de felicidade. Uma felicidade pequenina como nós, mas da estreme, da legítima, da boa!



refeições. Almoçava enciclopédia, jantava enciclopédia; e quantas vezes, depois das funções, enquanto os outros se dirigiam ao botequim próximo, onde os esperava a média e pão quente do costume, não corri para o meu quarto a cear e dormir enciclopédia! Emagreci, naturalmente, enfraqueci ao extremo e creio que até diminuí alguns centímetros na altura... Em compensação, adquiri uma boa dose de cultura. Se m'o per-



NO WASHINGTON CLUB de Londres, um soldado consulta o grande mapa dos Estados Unidos para ver se aí existe alguém de sua cidade natal.



DURANTE UMA FESTA num Clube da Cruz Vermelha, na Inglaterra, soldados americanos e socorristas inglesas fumam, tomam refrescos e namoram um pouco... Além de danças, os clubes promovem cinemas, jogos passeios. Nos hotéis, os rapazes conseguem cama, banho e comida por 50 centavos.

A OBRA DA CRUZ VERMELHA +



NOEL COWARD diverte soldados americanos no seu apartamento em Londres, cantando algumas das suas canções favoritas, "Night and Day", "Sand in my Shoes" e canções do seu repertório de "Bitter Sweet". Em seguida ofereceu-lhes chá, distribuiu autógrafos. Apesar de muitos ingleses acolherem os americanos, a maioria dos convites que recebem parte de celebridades do palco e da cena.



A NETA DE ANDREW CARNEGIE, Mrs. J. Gordon Thomson, abre seu lar de Edinburgo aos soldados e marinheiros de um clube da Cruz Vermelha. Seu marido é Tenente-Coronel do Exército inglês. Mrs. Thomson é novaiorquina.

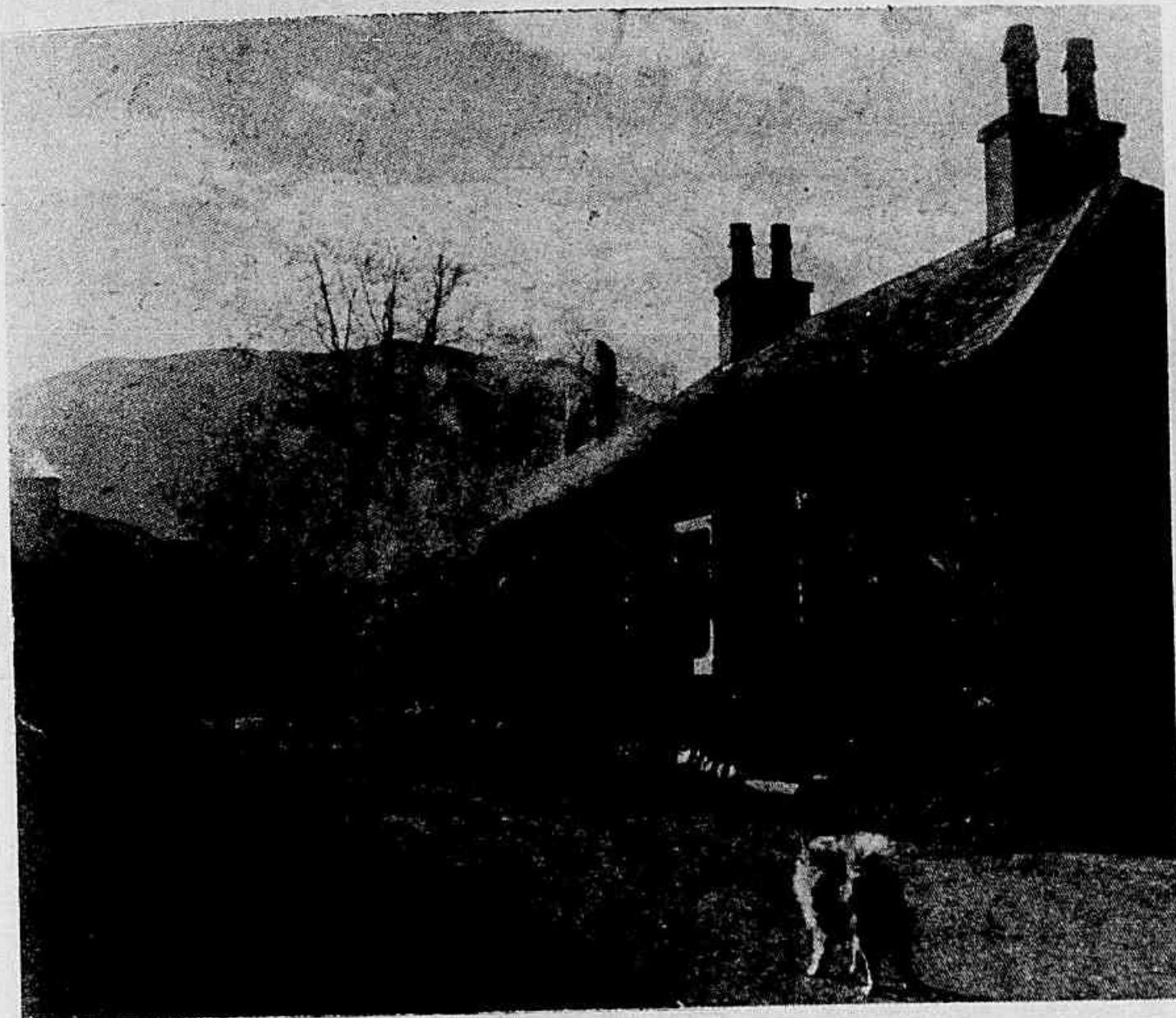
A suas muitas missões de socorro, a Cruz Vermelha Americana acrescentou no ano passado uma nova responsabilidade. Com a guerra mundial espalhando americanos para os quatro ventos, ela empreendeu a criação nos países estrangeiros de centros recreativos, clubes e hotéis, onde as forças expedicionárias norte-americanas pudessem encontrar diversões semelhantes às de seu lar e conforto para seus momentos de lazer. Como estão na Grã-Bretanha, o maior número de tropas americanas, a Cruz Vermelha concentrou ali seus primeiros esforços. Trabalhando incansavelmente, gastando 1.800.000 libras, enviando trabalhadores especializados de casa em casa e recrutando milhares de voluntários locais, conseguiu organizar, no breve espaço de um ano, desde que os soldados americanos desembarcaram em solo britânico, 64 clubes na Inglaterra, Escócia e Irlanda do Norte. Nas fotografias que mostramos, colhidas na "Life", vemos aspectos destes clubes, que devem consolar os corações dos amigos e parentes desses soldados que os imaginavam numa espécie de exílio.

Outros clubes em outros países aliados — Austrália, Índia, China, Nova Caledônia, Islândia, África do Norte, etc. — são organizados da mesma maneira. Apesar de lutarem com algumas dificuldades todos oferecem os mes-

mos remédios para a saudade da casa paterna: pequenas americanas para conversar, jornais americanos, comida americana e o espírito de hospitalidade que sempre foi uma especialidade americana.

Houve quem sugerisse que seria preferível aos soldados americanos — e, ao mesmo tempo, favorecer as relações anglo-americanas, — introduzi-los diretamente nas casas inglesas, e não criar um lar artificial. A Cruz Vermelha, em vez de isolá-los, fez com que entrassem em contato com os costumes ingleses, com a paisagem da Inglaterra, trazendo-os também à intimidade dos lares ingleses e forçando-os a reconhecer o que havia de falso na noção, tão divulgada, de que os ingleses são frios e orgulhosos. A Cruz Vermelha constituiu, assim, a "hospitalidade organizada", fazendo listas de pessoas que estavam dispostas a receber os soldados americanos, vencendo a resistência que estes a princípio opunham em acolher-se a casas estranhas.

Aperfeiçoando a organização, a Cruz Vermelha tem hoje "clubes ambulantes", com uma aparelhagem complicada, fonógrafos, cinema, livros, revistas, etc. e sua vista entusiasma os homens. Afim de ampliar seus serviços, a Cruz Vermelha está treinando um número cada vez maior de voluntárias para enviar à Inglaterra.

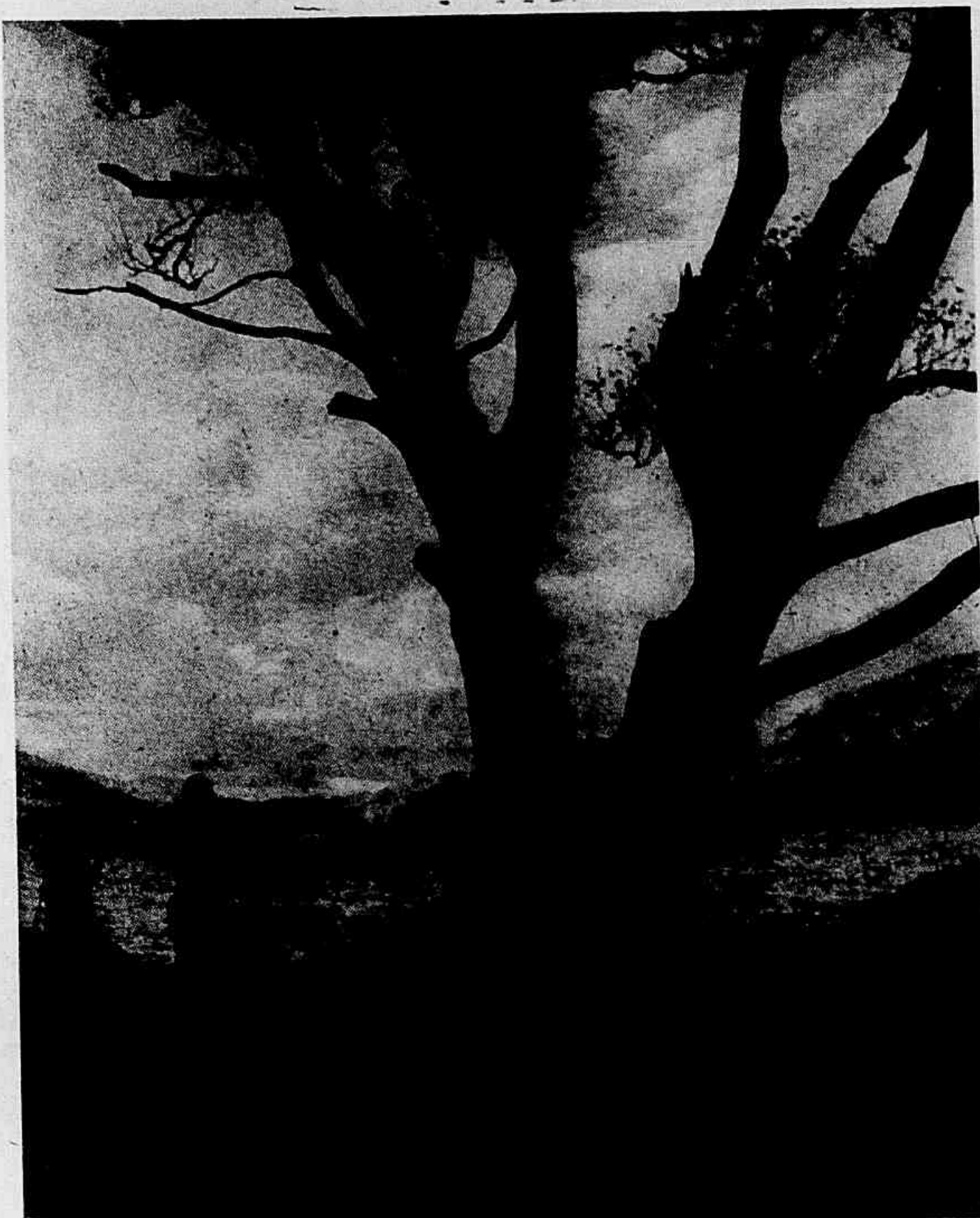


COTTAGES revestidos de vinhas, nas margens do Lago Lomond, são inspecionados pela funcionária da Cruz Vermelha, Alice Sunbarger da Kansas City e dois funcionários de Glasgow. Outros clubes arranjam excursões em bicicleta a recantos pitorescos da Inglaterra, a lugares famosos, e visitas a marcos históricos da Inglaterra.



UM ANTIGO COMEDIANTE escocês, Sir Harry Lauder, leva os americanos a visitar o Lauder Hall e a inspecionar suas curiosidades.

Em baixo:—Ante a tranquila beleza das águas azuis do Lago Lomond, um soldado americano, conversa com sua "cicerone" da Cruz Vermelha.



As Crianças!

Dôres no Ventre, Mau Hálito, Língua Suja, Indigestão, Consequências de Prisão de Ventre



As crianças adoecem muito facilmente do estômago e intestinos.

Basta, às vezes, que mastiguem mal a comida ou comam depressa e fora de horas para que tenham indigestão, dôres no ventre, moleza, arrepios, calafrios, tonturas, mau hálito, dôres de cabeça, vontade de vomitar, língua suja e até febre.

Tenha **Ventre Livre** sempre em casa.

Convenem dar **Ventre Livre** sem demora.

Ventre Livre é um remédio brando e suave, de gosto agradável, que as crianças tomam sempre com prazer.

Ventre Livre é o remédio indicado para combater a prisão de ventre e suas consequências: mau hálito, língua suja, indigestão, dôres de barriga e outros desarranjos do estômago e intestinos.

Revista da Semana

Publicação de arte, literatura e modas — A decana das Revistas nacionais Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Premios nas Exposições de Sevilha e Antuerpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1935.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMERICAS

Porte simples: Um ano — Cr.\$ 63,00; Seis meses — Cr.\$ 32,00
Registrada:.... Um ano — Cr.\$ 80,00; Seis meses — Cr.\$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr.\$ 170,00; Seis meses — Cr.\$ 90,00
O numero avulso custa Cr.\$ 1,50 em qualquer parte do país;
o numero atrasado: Cr.\$ 2,00

Rua Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegrafico: "REVISTA"
Rio de Janeiro

Telefones: — Direção: 22-2622; Gerencia: 22-2550; Redação: 22-4447;
Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Telefone 4-7866

Tem agentes em todas as localidades do territorio nacional

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Koppe & Cia. Times Bldg., New York City. Na Africa Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434. Lourenço Marques. No Uruguai: Moratori & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 229 — Tel. 33 Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

Este numero consta de 52 páginas.

A nossa capa

Instantâneo de um momento de luta, a fotografia que apresentamos em nossa capa é um flagrante tomado a bordo de um "destroyer" britânico, quando um dos artilheiros dos "pom-pons" recebia uma ordem da ponte de comando.

O inglês que se notabilizou nos cinco oceanos do mundo, que tocou nos portos de todos os mares do globo e que ligou todos os continentes com a sua formidável marinha mercante, possui uma esquadra de guerra para cada oceano e uma divisão naval em cada mar.

Quando em 1939 a Grã-Bretanha aceitou a luta contra o Eixo, a propaganda totalitária afirmou que chegara o fim da hegemonia britânica no mar. E os "encouraçados de bolso" germânicos e a terrível frota de submarinos nazi-fascistas abriram fogo e lançaram torpedos, enquanto seus "stukas" e aviões-torpedeiros mergulhavam e atiravam a morte no tombadilho inglês.

Toda noite a "Voz da Alemanha" badalava um sino anunciando o afundamento de "...mil toneladas aliadas"...

Mais tarde o Japão com toda sua população fanática e suicida e todo seu potencial secreto entrou em luta.

Finalmente a América veio em auxílio da Inglaterra.

Hoje estamos em 1943 e, olhando para os mares, apenas vemos a marinha britânica e a de seus aliados.

Onde estão o "Graf Spee", o "Deutschland", o "Bismarck", o "Prinz Eugen", os cardumes de submarinos italo-germânicos, a famosa esquadra italiana, os aviões-torpedeiros, os "stukas" e as terríveis armas secretas do Eixo?

Agora que os aliados levaram a guerra ao solo italiano, que o Eixo se encurralou dentro de suas defesas continentais, é com justa satisfação que tributamos ao marinha britânica a nossa admiração, a nossa gratidão e o nosso reconhecimento, pelo heroísmo e desprendimento com que patrulhou os mares, pelo denodo e valor com que enfrentou o combate, garantindo a segurança e a intangibilidade da América!

Vicicletas

VICTORY



Vendas a prazo

Preços especiais aos revendedores

Mesbla

RUA DO PASSEIO 48/56
RIO
R. VISC. RIO BRANCO 521
NITEROI



MALTOGENO
"Granado"

Medicação
tônico - nutritiva
útil às MÃES e
AMAS DE LEITE



T. TARQUINO



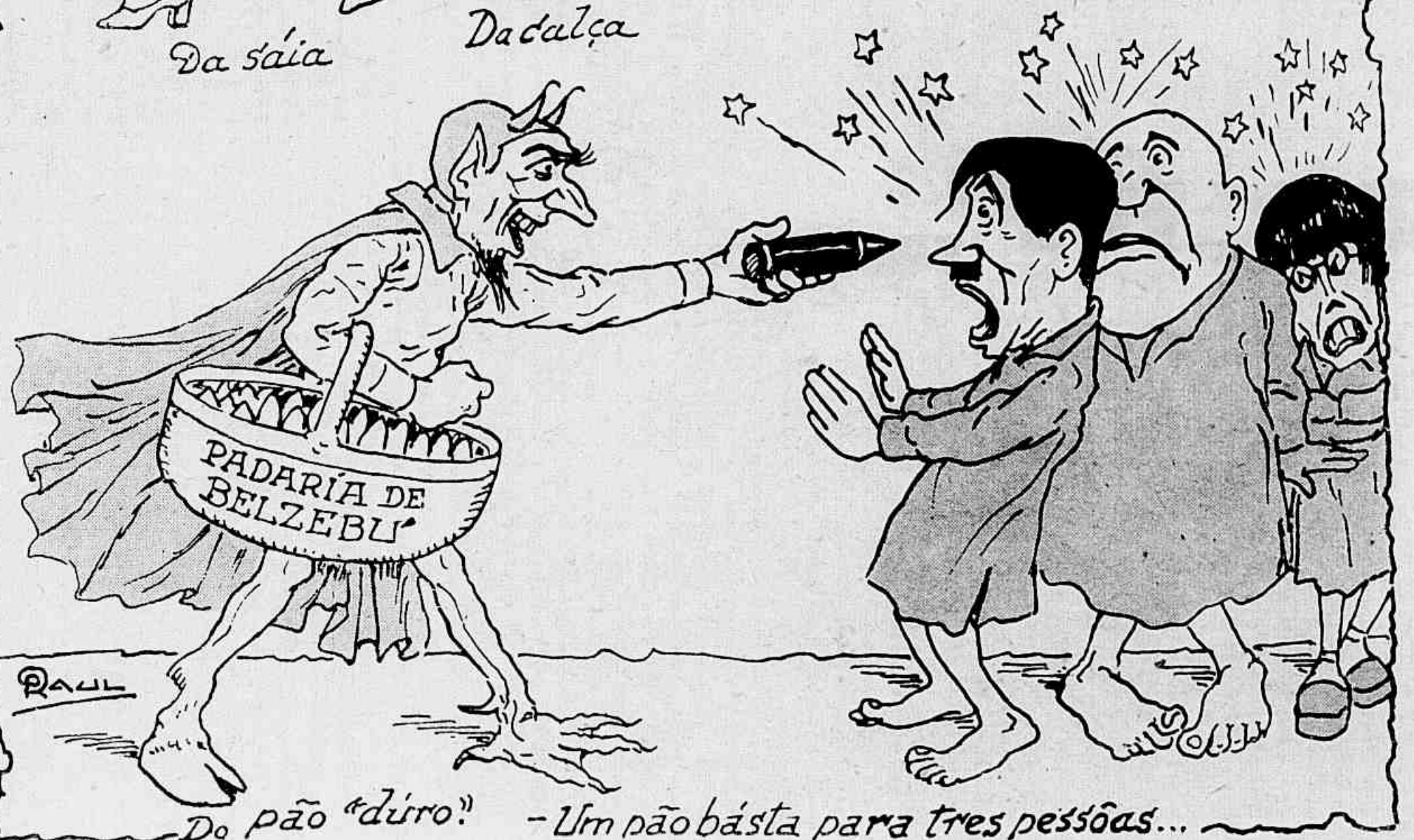
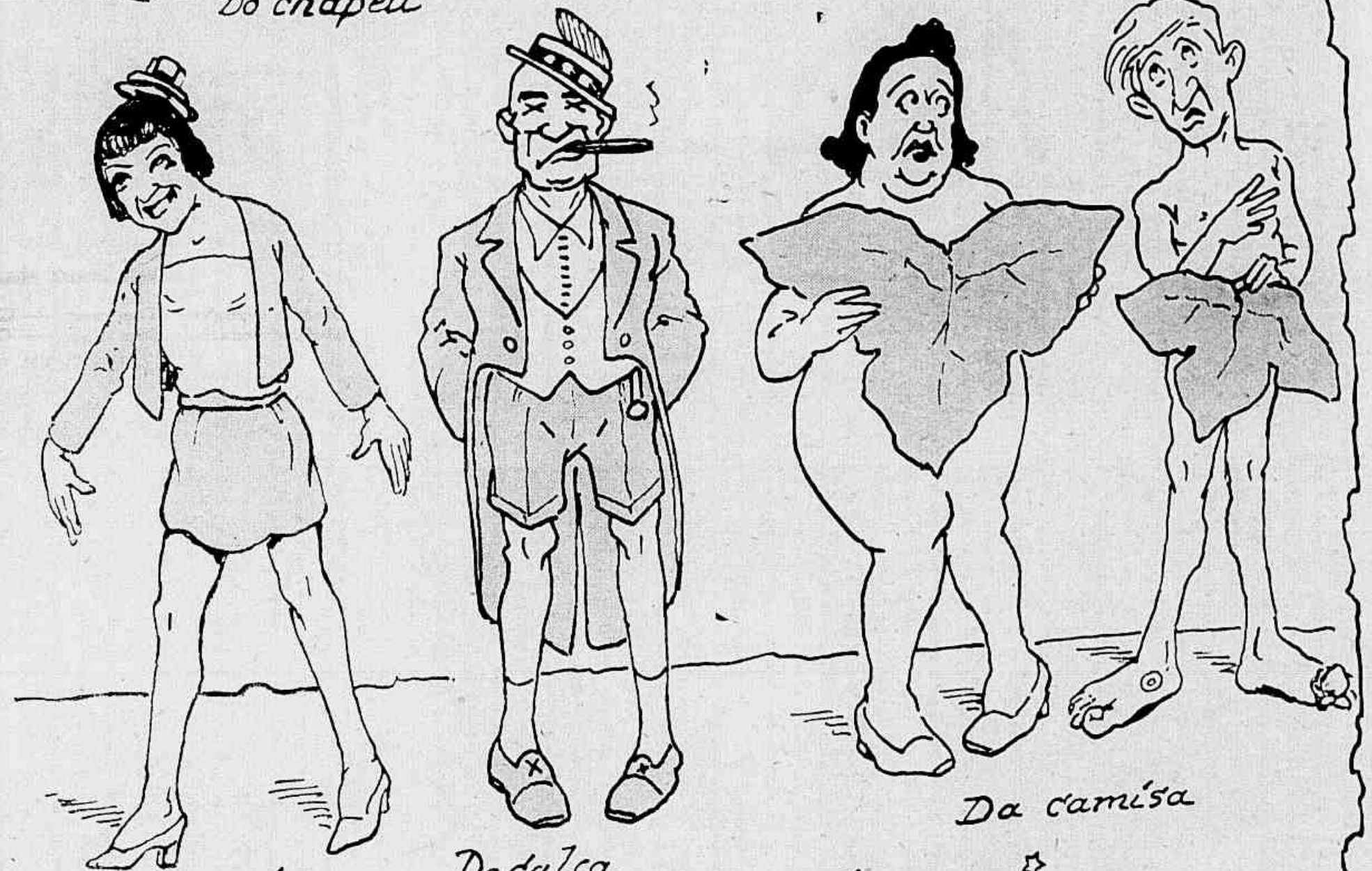
Senhoras!

CAPSULAS

MENAGOL

PARA FALTA DE MENSTRUACÃO
APR. PELA CENS. SANIT. N. 56-J-1

Racionamentos



UM TIRO NA NÉVOA

JENS PETER JACOBSEN

(Traduzida especialmente para a REVISTA DA SEMANA)

A salinha verde da quinta de Stavnede estava arranjada de modo a servir de passagem para as outras peças da casa. Efectivamente, as cadeiras de espaldar baixo, encostadas ao corrimão cinzento, não convidavam a uma demora prolongada. No centro da parede principal via-se um par de chifres de veado, porém o lugar por ele ocupado, uma depressão na parede, mostrava, pela forma, ter sido antes destinado a um espelho oval. Um dos chifres achava-se, no momento em que começa nossa história, corado por um chapéu de senhora, chapéu de grandes abas, das quais pendiam largas fitas de seda verde. No ângulo da direita havia uma espingarda de caça apoiada na parede, no da esquerda um certo número de canas de pesca; do fio de uma dessas pendia um par de sapatos. No centro da sala havia uma mesinha redonda de pés dourados; um grande cacho de samambaias ornava o tampo de mármore negro.

A manhã ia adiantada. A luz do sol, penetrando na sala por um dos cristais mais altos da janela, flutuava num vapor dourado e vinha ferir directamente as folhas que decoravam a mesa, algumas de um verde esplêndido, porém na maioria murchas e descoradas, embora não estivessem secas de todo; conservavam a forma, porém a cor verde se atenuara numa infinidade de matizes amarelos e pardos, do mais terno laranja ao tom de sena mais intenso.

Junto à janela estava sentado um homem de vinte e cinco anos, olhando absorto aquele jogo de cores brilhantes. A porta que comunicava com o cômodo vizinho estava aberta, vendo-se nele um piano. Uma senhora jovem e um tanto gorda estava tocando. O piano ficava encostado a uma janela aberta e o parapeito era tão baixo que a moça podia ver perfeitamente o campo imediato e o caminho, por onde um homem, ainda moço e corretamente vestido com indumentária de cavaleiro, se ocupava em adestrar um cavalo ardego. O cavaleiro era noivo da moça e se chamava Niels Bryde. Ela era filha do dono da casa. O cavaleiro que o rapaz montava era dela; e o outro rapaz, que estava sentado na ante-sala era um primo seu, filho de um irmão de seu pai, o proprietário Lind de Begtrup, que morrera pobre e cheio de dívidas e do qual não se contava em vida nada de bom, por menos que, a falar verdade, o tivesse merecido. O pai dela, Lind de Stavnede, havia se interessado pelo sobrinho e o havia educado às suas custas; quiz porém educá-lo à sua maneira, pois embora Henning fosse um rapaz vivo e bem dotado para começar com proveito os estudos superiores, foi tirado do colégio assim que terminou as aulas primárias e voltou a Stavnede para aprender agricultura. No período em que decorre esta narração, era o administrador da fazenda, apesar de não ter verdadeira autoridade, porque o velho Lind não podia renunciar a inspecionar tudo, pessoalmente.

Sua situação, além disso, não era nada agradável nem satisfatória. A fazenda estava mal administrada e nada se podia fazer para remediar tal estado de coisas, porque o que faltava era o capital. Não havia meio de se adaptar, não já ao tempo, porém à situação dos vizinhos. Tudo devia seguir como tinha sido, sabe Deus por quanto tempo ainda. Aconteceu então que nos anos maus foi preciso vender algumas terras de cultura, para obter dinheiro em espécie com que suprir as necessidades.

Era realmente uma tarefa em extremo desalentadora para um rapaz consagrar seu tempo e suas forças à administração de uma fazenda em tal estado; acrescenta-se a isso que o velho Lind tinha um carácter muito violento e pouco acessível e por haver dispensado a Henning os benefícios antes relatados, acreditava já não lhe dever mais considerações. Assim não se continha, nos acessos de cólera ou mal humor, em lembrar-lhe, sem rodeios, em que triste e miserável situação o havia acolhido na sua casa, e a tanto chegava sua falta de caridade que acabava a série de injúrias com alusões, às vezes verdadeiras porém impiedosas, à má conduta do pai do rapaz.

Um tio solteiro, que morava em Schleswig e tinha um grande e próspero negócio de madeiras, tentara, por diversas vezes, levar Henning para casa; e este teria deixado há muito tempo e de bom grado a vida de escravo que levava em Stavnede, se não se tivesse apaixonado tão loucamente pela rapariga, que não podia compreender nem remotamente a possibilidade de viver noutro lugar senão naquele onde morava. Não era um caso de amor feliz. Agata apreciava-o; tinham brincado juntos, quando meninos e de certa maneira também quando maiores; porém quando um dia, fazia agora um ano, se atreveu a declarar-lhe seu amor, ela se irritara tanto quanto se surpreendera, dizendo-lhe que tomava aquela inesperada declaração como uma pilhéria irrefletida e esperava que ele não lhe desse ensejo de considerar sua paixão como uma idéia fixa sobre a qual comesse outra vez a levandade de insistir.

O menosprezo que ela constantemente lhe mostrava desde aquela data, ele o suportava em consideração ao amor que ela lhe inspirava; ela o via desde então com outros olhos, considerando-o como de uma classe inferior à sua, não por motivo de casta e porque fosse pobre, mas inferior pelos sentimentos, inferior pelo conceito de honra.

Algum tempo depois, Agata ficou noiva de Bryde.

O que Henning teve de sofrer durante os três meses que haviam decorrido desse acontecimento não pode ser descrito. E apesar de tudo não podia determinar-se a renunciar à sua esperança de conquistá-la; esperava que acontecesse alguma coisa; a dizer a verdade, apenas esperava; sonhava, sonhava com acontecimentos fantásticos e estranhos que sobreviessem sem saber como e que impediriam a realização do projetado casamento; porém na realidade não acreditava que suas fantasias se convertessem em realidade; precisava delas, no entanto, como pretexto para ficar.

— Agata! — gritou o cavaleiro do lado de fora, parando o cavalo em frente à janela aberta — você não está olhando para nós e o fato é que nos estamos portando muito bem.



Agata voltou o rosto para a janela e sorriu, enquanto continuava a bater nas teclas: — Estou vendo, estou vendo; ali perto do bosquezinho de Schnee-ball vocês quasi caíam. E arrancou alguns rápidos arpejos das escalas agudas do teclado.

— Agora, vá-se embora!... Hum!... — e começou a tocar uma marcha furiosa. Porém o cavaleiro não se movia do lugar.

— Bem, que é que você está fazendo?

— Mas, escute, você vai passar a manhã inteira tocando?

— Vou, sim.

— Pois sendo assim, creio que vamos passear de novo... Poderemos dar um pulo a Hagededgaard e estar aqui na hora da refeição.

— Sim, se forem depressa. Adeus, Blás! Adeus, Niels!

E ele partiu. Ela fechou a janela e continuou tocando, porém ao fim de alguns momentos deixou o piano. Era muito mais divertido tocar quando ele estava ali fora e impaciente.

Henning continuava sentado no mesmo lugar, e olhava o cavaleiro que se afastava. Como odiava aquele homem! Antes não tivesse nascido! E nem ele tampouco servia para ela; ao menos se sobreviesse uma pequena discórdia entre os dois, que pudesse revelar tal como eram...

Agata entrou, trauteando o motivo do Noturno que acabara de tocar, aproximou-se da mesinha do centro e começou a arranjar as samambaias. Os raios do sol vinham dar-lhe nas mãos; estas eram grandes e brancas e admiravelmente bem feitas. Henning ficara enfeitiçado por aquelas belas mãos; nesse dia, ela estava com um vestido de mangas muito largas, de modo que deixava ver o antebraço até o cotovelo; eram tão lindas aquelas mãos, com a sua tersa suavidade, sua brancura aveludada e suas formas vigorosas; e depois, que jogo tão delicado o de seus dedos, como seus movimentos eram graciosos!... Especialmente, era tão encantador o gesto daquelas mãos, quando acariciavam o cabelo! Quantas vezes lhe tinham feito mal, quando saltavam por cima das teclas estúpidas e eram obrigadas a estender-se violentamente! Elas não tinham sido feitas para aquilo; precisavam dormir aconchegadas no regaço de um vestido de seda escuro, com os dedos peçados de grandes anéis, como as mulheres nuas de um harém.

Enquanto ela estava entretida, arranjando indolentemente as samambaias, havia nos seus olhos uma expressão de ventura indiferente que excitava Henning. Porque a vida haveria de ser para ela tão clara e tão leve, para ela que lhe havia roubado toda centelha de luz e de alegria? Ah, se pudesse afastá-la desse luminoso sossego! Se pudesse projetar-lhe no caminho uma leve sombra! Ela havia arrojado seu amor ao pó, às suas vistas mesmo, e depois se afastara, pisando-o indiferentemente como se fosse uma coisa sem vida, como se não fosse uma pobre alma humana que se retorcesse e gemesse de dor e de desejo no seu anseio à ventura desse amor...

— Daqui a pouco ele deve chegar a Borreby — disse ele, olhando através da janela.
 — Não, ele queria ir a Hagededgaard — fez ela.
 — Bom, Borreby não fica tão longe do caminho.
 — Que é que você está dizendo? Borreby absolutamente não fica no caminho dele.
 — Não, com certeza ele não irá lá. Porém ele vai por lá frequentemente?
 — Aonde?
 — A Borreby, naturalmente; à casa do guarda-bosque.
 — Não sei o que ele iria fazer lá.
 — Ora, são falatórios do povo... Você sabe que naquela casa há umas pequenas muito bonitas.
 — E que é que tem isso?
 — Meu Deus, todos os homens são fracos.
 — Mas, estão dizendo alguma coisa?
 — Alguma coisa? Sim; sempre dizem alguma coisa dos homens; porém ele podia ser um pouquinho mais prudente.
 — Mas que é que estão dizendo? Que é que estão dizendo?
 — Ora, certos encontros e... o mais de costume.
 — Você está mentindo, Henning! Ninguém está dizendo isso! Você é que está inventando essas coisas.

— Então para que é que você pergunta? Que gosto poderia eu ter, além disso, em andar dum canto para outro contando ao povo os bons pedaços que ele possa passar com as pequenas de Borreby!

Ela deixou as samambaias e se dirigiu para ele.

— Eu nunca pensei que você fosse capaz de tal infâmia, Henning — disse ela.

— Sim, querida, eu bem compreendo que isso a faça perder a cabeça, pois há de ser muito desagradável para você pensar que ele não possa, ao menos agora, largar essas coisas.

— Henning! O que você está dizendo é uma infâmia indigna de você; porém não acredito nas suas mentiras.

— Mas se eu não estou dizendo nada — replicou ele, baixando os olhos. — Você bem pode imaginar que eu não os vi quando se beijam.

Agata, sem responder, inclinou-se para ele e cheia de desprezo lhe deu uma bofetada.

Ele ficou branco como a cera e a olhou com um olhar, meio de cão doente, meio de homem ferido. Agata ocultou o rosto nas mãos e se dirigiu para a porta aberta. Aí se deteve uns instantes e se apoiou à parede como se fosse desmaiar; depois olhou por cima do ombro e disse friamente, descansadamente: — Henning, eu só quero dizer-lhe que não me arrependo do que fiz!

E desapareceu.

Henning continuou sentado. Estava como que estonteado, porém se levantou e seguiu para seu quarto, começando a passear de uma extremidade à outra do aposento; por último atirou-se na cama. Sentia nojo de si mesmo. Agora estava tudo acabado. O me-

lhor que podia fazer era meter uma bala na cabeça. Viver... Arrastando-se a vida inteira com um olhar medroso como um cão expulso a ponta-pés? — Não. — Ela com a sua bofetada o havia marcado com o estigma do escravo; e tinha razão; não podia fazer outra coisa diante de tamanha baixeza. Ah, como a havia amado! Com que ardor! Com que loucura! No entanto, não fora como um homem; como um cão... prostrado no pó, a seus pés, como diante de um ídolo... Estavam no jardim; ela com um estilete gravava o nome nas árvores; o vento brincava-lhe com os cabelos; ele beijava a furto um daqueles cachos e era feliz por alguns dias. Não! Seu amor não tivera nunca um traço de força viril nem uma alegre esperança; era um escravo em tudo, no amor, na esperança, no ódio... Por que não havia ela acreditado no que lhe contara, para ter, ao contrário, uma confiança tão cega em Niels? Nunca ele havia mentido diante dela; aquela fora a primeira baixeza que cometia contra ela; e ela o havia percebido imediatamente e isso apenas porque nunca o acreditara capaz senão de baixeza e de maldade. Ela não o compreendera nunca, e por sua causa suportara aquela vida miserável que levava em Stavne, onde todo bocado de pão lhe amargava porque tinha gosto de esmola. Ao pensar nisso a raiva lhe queimava o peito. Como se odiava a si mesmo por sua paciência de idiota, por sua esperança imbecil! Teria podido matá-la pelo que lhe fizera, e queria, sim, queria vingar-se; ela havia de pagar os longos anos de humilhação, as mil horas de martírio que lhe havia feito passar. Vingança pela sua dignidade perdida, vingança pelo seu amor escravo, vingança pelo seu rosto esbofetado!

Assim estava agora revolvendo-se em sonhos de vingança, do mesmo modo que anteriormente se revolvía em sonhos de amor; e não se suicidou, e não saiu de casa.

Uma manhã, dois ou três dias depois do acontecido, Henning estava no pátio com a espingarda e o surrão. Nisso, veio Niels Bryde a cavalo, equipado também para a caça, e embora os dois nessa época não sentissem grande simpatia mútua, falaram-se amistosamente e se mostraram encantados em poder ser companheiros de caçada. Dirigiram-se a "Ronne", nome com que era conhecida uma planície povoada de arbustos, situada na foz do fjord. A "Ronne" era no outono frequentada pelas focas que se estendiam e brincavam nos bancos de areia próximos da praia ou dormiam nas grandes louscas de pedra que cobriam a ribeira. A caçada tinha por objeto principal as focas. Chegados ao lugar designado, cada um deles empreendeu caminho ao largo da costa. O tempo cinzento e neblinoso havia atraído muitas focas, e um ouvia com frequência os tiros dados pelo outro. Paulatinamente o nevoeiro se foi fazendo mais e mais denso, e por volta do meio dia se estendia tão espesso por cima da ilha e do fjord que a vinte passos era materialmente impossível distinguir as pedras das focas. Henning sentou-se na praia e ficou olhando absorto a névoa espessa que o envolvia por todos os lados. Reinava um grande silêncio e uma absoluta quietação. Só um leve chapear das águas e o pio medroso de alguma ave aquática surgiam de quando em quando daquele silêncio desolador.

Henning estava cansado de pensar, cansado de esperar, cansado de odiar, doente de puro sonhar acordado. Ficar sentado e quieto, olhar no vazio com olhos sonolentos, representar-se o mundo como alguma coisa distante, remota e ausente, como algo que pertencesse ao passado, ficar ali quieto e sentado e deixar morrer as horas uma após outra, isto era a paz, isto era quasi, quasi a bemaventurança. De repente chegou-lhe aos ouvidos através da névoa, uma canção, uma canção alegre, brejeira:

**Quando chegue o mês de Maio,
virei aqui, oh amor, contigo,
flôr de rosa, flôr de rosa,
vestida de brancos lírios**

Era a voz clara e sonora de Niels Bryde. Henning se pôs de pé de um salto; como um relâmpago, o ódio lhe estalou no peito; os olhos ardi-lhe; ria, ria com azedo sarcasmo; com um gesto rápido, levou a culatra da espingarda ao rosto:

...vestida de brancos lírios...

volveu a cantar a voz. Henning apontou para o lugar donde surgia a voz, lá do fundo da névoa. As últimas palavras foram apagadas pela detonação. Depois o silêncio voltou a reinar, como antes. Henning teve de apoiar-se na espingarda ainda fumegante; reprimia o fôlego para escutar... Não, graças a Deus! Só era perceptível o chorrear da água e o leve chiado das gaiolas espantadas... Mas, sim, ouvia-se gemer na névoa. Henning estirou-se no chão, apertou o rosto contra a relva, tapou os ouvidos com as mãos. Via claramente o semblante contraído, as espantosas convulsões dos membros e o sangue vermelho que incessantemente brotava do peito, fio a fio, lançado fora pelas pulsações do coração; via-o cair nas folhas pardacentas, gotear pelos ramos e pelos troncos, filtrar-se pelas raízes negras.

Levantou a cabeça e tornou a escutar; o gemido ainda continuava, aquele gemido distante; porém não tinha coragem de ir lá; não, não. Fincou os dentes raivosos na erva, revolveu com os dedos crispados a areia, arranhando o solo, como se procurasse cavar um esconderijo, revolveu-se por terra como um possesso; porém sempre, sempre chegava, claro, distinto, atrozmente distinto e claro, aquele gemido. Por último o lamento emudeceu. Esteve estirado um largo trecho, escutand-o, escutando com uma atenção obstinada; depois, pouco a pouco foi-se arrastando de quatro pés, dentro da névoa. Não via nada; ao cabo de alguns momentos o descobriu ao pé de um pequeno cerro. Estava morto, rígido como uma pedra; o tiro havia penetrado diretamente no coração.

Henning levantou o cadáver nos braços e o levou para o bote no qual os dois tinham vindo; depois tomou os remos e levou o bote para terra firme. A partir do momento em que descobrira o cadáver, toda sua agitação tinha serenado e dado lugar a uma tristeza calada e soturna. Pensava no inseguro e efêmero da vida humana e também pensava como iria fazer ao chegar em casa afim de preparar Agata a receber a infausta notícia.



PO' DE ARROZ

Lady

**E' O MELHOR
E
NÃO É O MAIS CARO!**

A VENDA EM TODO O BRASIL

T. TARQUINO

9 Sugestões Para Iluminação

Em Tempo De Guerra



Limpe, com frequência, os globos e lâmpadas, para obter 25% a 30% mais de luz, com as mesmas lâmpadas existentes em seu lar.

Use abat-jours internamente brancos, pois os escuros absorvem a luz, desperdiçando-a. Mude o forro, quando necessário.

Coloque cada lâmpada em posição tal, que a luz não vá ofuscar os olhos das pessoas que a estão usando.

Apague as luzes que não estiver usando. É uma forma de auxiliar o país no programa de conservação de materiais.

Evite que a luz incida diretamente nos olhos, usando abat-jours de tamanho adequado, para melhor proteger sua vista.

Disponha as lâmpadas portáteis e os móveis, de maneira que cada lâmpada possa servir para uma ou mais pessoas.

Faça examinar seus olhos por oculista competente. A boa luz auxilia a visão, mas não corrige os defeitos visuais.

Sente-se próximo da lâmpada portátil, afim de obter o máximo de auxílio que a luz possa trazer aos seus olhos.

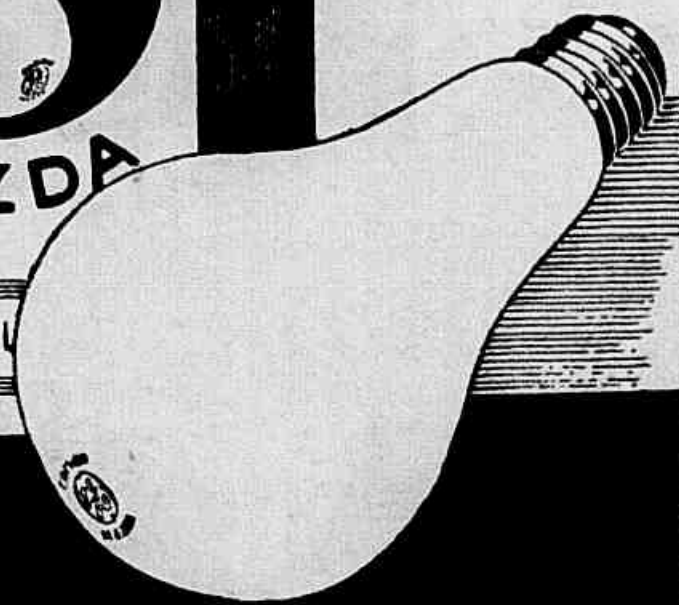
Coloque o seu trabalho ou o que estiver lendo, em posição que não reflita a luz diretamente nos seus olhos.

O volume da produção das fábricas da General Electric para a guerra é tão grande e o segredo exigido é de tal importância, que, por ora, nada podemos dizer. Logo que os fatos possam ser relatados, estamos certos de que a descrição dos aperfeiçoamentos da indústria durante os anos de guerra, constituirá um dos capítulos mais fascinantes da história do progresso industrial.

GENERAL  ELECTRIC

EDISON
MAZDA

SEMPRE BRILHA



A EPOPEIA QUE CASTRO

Restaurada, na Bahia a pomposa

(De J. Machado Cunha — Especial para a REVISTA DA SEMANA)

A Bahia comemorou este ano o 2 de Julho, data magna daquele grande Estado e que assinala a consolidação da nossa Independência, com a pompa e brilho com que há mais de 30 anos, não a festejava.

Não só na Capital, como em várias cidades do interior e do réconcavo, onde sangrentas batalhas se travaram para expulsão dos exercitos de Madeira, foi a grande efeméride celebrada com grandes festas, em que sobressaíram o ardor e entusiasmo patriótico dos bahianos.

Para a organização dessas festas cívicas, contou o governo daquele Estado, autor da iniciativa de restauração dos festejos, com a ajuda das Prefeituras da Capital e do interior, do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia e instituições outras, e de uma grande comissão composta de elementos representativos das varias classes.

"BANDO ANUNCIADOR"

Como antigamente, um "bando anunciador", composto de membros das comissões organizadoras das festividades, bandas de música e populares, percorreu as ruas por onde deveria passar o cortejo do dia 2, afim de convidar o povo para as celebrações próximas. A passagem do "bando", oradores discursaram e se distribuíram milhares de exemplares de avulsos, contendo a proclamação do prefeito ao povo, convites das Comissões das festividades e poesias sobre o 2 de Julho.

EXPOSIÇÃO DE RELIQUIAS

Presidida pelo General Renato Aleixo, Interventor Federal no Estado, a inauguração, no dia 1.º, às 15 horas, da exposição, no Museu do Estado, de quadros e documentos relativos à Independência, teve a presença de um grande número de autoridades e pessoas da sociedade.

OS CARROS EMBLEMATICOS

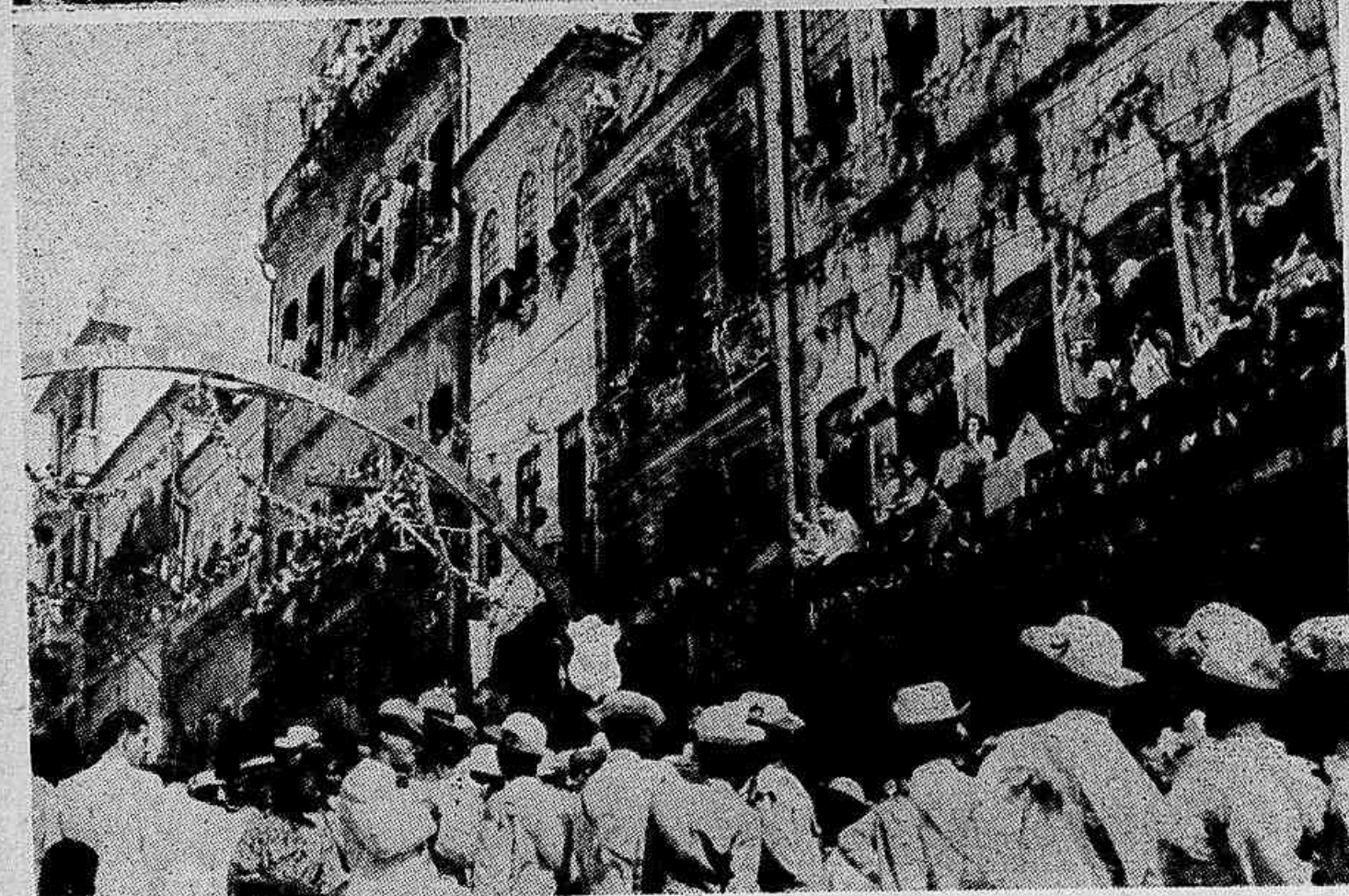
No dia 1, à noite o pavilhão da Lapinha, onde são guardados os carros do Caboclo e da Cabocla e onde existem também retratos dos grandes batalhadores da independência foi aberto à visitação publica, sendo incalculavel o número de pessoas que acorrem ao mesmo para ver os dois carros simbólicos, os quais haviam sido restaurados. Ambos são montados sobre carretas de canhões portugueses tomadas aos exercitos de Madeira nas lutas libertadoras. O do caboclo foi idealizado e construido em 1826 pelo escultor bahiano Manoel Inacio da Costa e é uma alegoria representando o caboclo armado de penas, aljava e seta, simbolizando o Brasil, esmagando a tirania, representada por uma serpente que se lhe estorce sob os seus pés, estando o grupo rodeado de troféus de guerra. Dois pequenos anjos anunciam a vitória e duas cornucopias derramam flôres. Em redor do carro, diversas elipses com inscrições alusivas indicam os lugares onde se feriram os combates de maior importância, como Pirajá, Cabrito, Cachoeira, Itaparica, Funil, etc.

O carro da cabocla foi executado pelo escultor bahiano Domingos Baião. A "cabocla" é Catarina Paraguassú, empunhando na mão direita a legenda "Independência ou Morte" e na esquerda a Bandeira Nacional.

PRESTITO CÍVICO

No dia 2 teve lugar, às 8 e meia, a retirada dos carros alegóricos, do pavilhão da Lapinha, onde estavam, sendo colocados, o da cabocla, à direita da herma do general Labatut, e o do caboclo à esquerda da mesma.

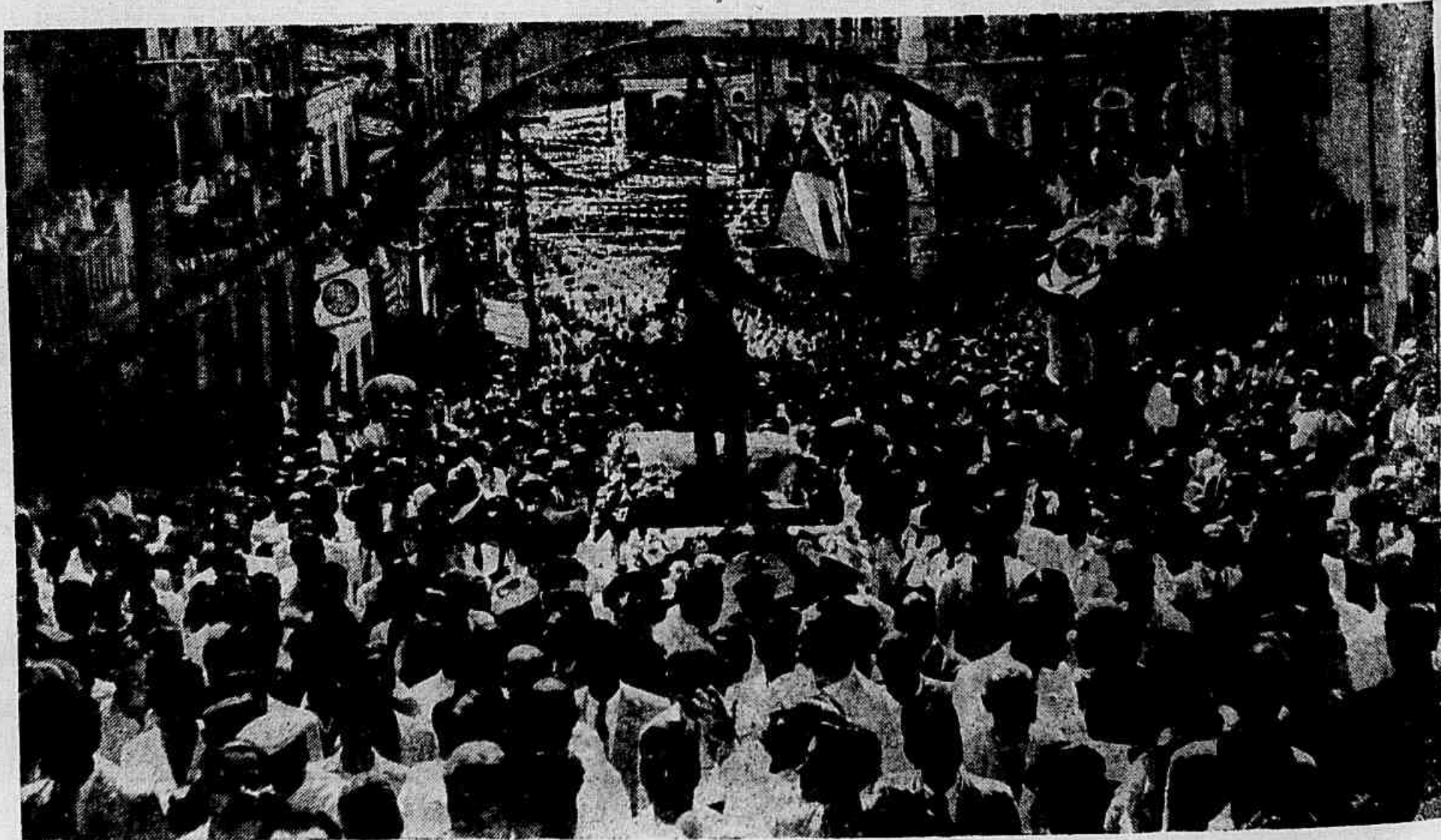
Falaram então o prefeito da capital e o representante do Instituto Histórico, tendo aquele e o representante do Interventor Federal colocado corôas de flôres no pedestal da herma. Bandas de musica executaram os hinos da independência e ao 2 de Julho e companhias da Força Policial e do Corpo de Bombeiros apresentaram as continen-



Em cima: — O carro da Cabocla, quando subia a ladeira do Pelourinho. Ao centro: — Um dos arcos do triunfo levantados na cidade para sob o mesmo passarem os carros do Caboclo e da Cabocla. Nota-se na fotografia a ornamentação dos sobrados e, em primeiro plano, componentes dos batalhões patrióticos com as suas vestimentas características.



Ornamentação típica de um sobrado da Bahia, para as festas de 2 de Julho



O carro da Cabocla, levado pelo povo, quando passava pela Portas do Carmo sob um dos arcos levantados na cidade.

ALVES CANTOU

tradição dos festejos de 2 de Julho

cias de estilo. Terminado este cerimonial, formou-se o cortejo para levar os carros simbólicos à praça da Sé, onde um palanque ornamentado de verde e amarelo e coberto de palhas secas foi construído para abrigá-los. Além de autoridades, corporações militares e colegios, tomaram parte no cortejo "batalhões patrióticos", formados de homens vestidos de branco, com chapéu de palha (que outrora custava vintem e hoje 1 cruzeiro e 50 centavos), enfeitados com uma roseta verde e amarela, tendo atravessada ao peito uma faixa das mesmas cores e no hombro uma capela de folhas de croton. Tudo, deste modo, obedecendo à tradição da festa.

UM RARO ESPETACULO

Nas ruas por onde passou o cortejo, os velhos sobrados bahianos tinham as suas fachadas ornamentadas com as cores nacionais e retratos dos grandes vultos da Independência e de suas janelas pendiam colchas de sêdas e panos de damasco.

Os "batalhões patrióticos", além dos retratos dos heróis de 2 de Julho, conduzidos em charolas e artisticamente ornamentados, levavam cartazes e disticos de propaganda do esforço de guerra do Brasil.

Aviões da F. A. B. sobrevoaram o préstito, arrancando aclamações da massa popular.

Oradores, emergindo da massa popular, calculada em cinquenta mil pessoas, faziam-se ouvir, em cada rua, percorrida, exaltando a data.

Chegado ao Terreiro, depois de ter atravessado estreitas e tortuosas ruas da Bahia antiga, sob o espoucar de foguetes e o badalar dos sinos dos velhos mosteiros da 1.ª capital do Brasil, e entre o mais intenso entusiasmo popular, foram os carros colocados num palanque figurando uma taba indígena.

Na Catedral Basílica, realizou-se, às 15 horas, solene *Te-deum*. Este era uma das solenidades tradicionais e sua realização, este ano, foi um dos pontos principais do programa, das comemorações. Oficiado por S. Excia. Revma. o Sr. Arcebispo Primaz, D. Augusto Alvaro da Silva, foi assistido pelo Sr. General Interventor, General Comandante da Região, Almirante Comandante Naval de Leste e todas as altas autoridades civis, militares e eclesásticas, pregando Mons. Anibal Mata.

JUNTO AO GRANDE MONUMENTO

Terminada a cerimonia religiosa, continuou o cortejo civico, levando os carros simbólicos, através da avenida 7 de Setembro para o parque Campo Grande, onde, em dois palanques, construídos ao lado do monumento ao 2 de Julho, um dos mais altos e mais belos da America do Sul, foram colocados.

Neste trecho, o cortejo foi acompanhado pelo General Renato Aleixo e pelas altas autoridades, sendo interrompidas em varios pontos do trajeto para serem ouvidos inflamados discursos e inspiradas poesias, sobre a grande data.

Em todo o trajeto foi verdadeiramente indescritível o entusiasmo do patriótico povo da Bahia, que, trazendo à lapela ou nos laços dos vestidos as cores nacionais não se cansava de aclamar os seus grandes heróis e martires, e também as figuras do presidente Vargas e do Interventor Pinto Aleixo, a este consagrando assim como restaurador de uma das mais caras tradições bahianas.

No Campo Grande, onde o cortejo chegou por volta das 19 horas, falou ao povo, do pedestal do monumento aos heróis de 2 de Julho o Interventor Pinto Aleixo, cujo



O general Renato Aleixo, interventor federal no Estado, ladeado pelo almirante, Lemos Basto, comandante naval de Leste; eng.º Elísio Lisboa, Prefeito da Capital engenheiro Epaminondas Torres, presidente do Instituto Geográfico e Histórico, à frente do cortejo civico, em demanda de Campo Grande. Nota-se na lapela das autoridades, a roseta verde e amarela, simbolo de ardor patriótico, usado no dia 2.

discurso, pronunciado ao calor da emoção, ante o espetáculo que presenciara, foi um feliz confronto entre as lutas em que nos empenhamos na época e a em que se acha, agora o Brasil e que é também uma luta pela sua independência e pela sua honra. Teve o General Renato Aleixo palavras de candente entusiasmo para com o futuro do país, já que dele se fez paladino o cidadão de esplendidas virtudes civicas, o presidente Vargas, cuja obra, como estadista, constitue honra para este imenso patrimônio — o Brasil — legado pelos heroicos antepassados da era libertadora.

Terminando o discurso do Interventor, foi encerrada a solenidade com a execução dos hinos ao 2 de Julho e Nacional pelo orfeon dos collegiais bahianos, acompanhado pela banda da Força Policial.

A' noite, o General Renato Aleixo e senhora, abriram os salões do Palacio Aclamação, para uma recepção à sociedade bahiana. Foi uma festa de alta distinção social durante a qual o illustre casal teve oportunidade de verificar o apreço que desfrutava, no seio dos circulos representativos da Bahia.

ROMARIA AO CAMPO DE BATALHA

As solenidades terminaram com tradicional romaria a Pirajá (sitio histórico, onde os brasileiros lutaram e venceram os europeus), no dia 11 de Julho. Ali, foi celebrada missa, na matriz, por alma dos mortos nas lutas de 1823, e flores foram depositadas no panteon que encerra os restos mortais do General Padro Labatut.

E com estas festas assinalou a Bahia o transcurso da efeméride aniversario da consolidação da Independência Nacional. Foram festas como há muitos lustros não se realizavam. Fazendo voltar a tradição, com toda a sua imponência, o governo do General Renato Aleixo mais se aprofundou na simpatia do povo bahiano, para o qual o 2 de Julho encerra uma lição sempre nova de sadio e elevado patriotismo.



O carro do Caboclo, conduzido pelo povo.



A Legião Brasileira de Assistencia desfilando no cortejo civico do dia 2 de Julho

Livros Novos

GUERRILHEIROS RUSSOS, de Erskine Caldwell, tradução de Vera de Gusmão — Rio de Janeiro, 1943.

Não é propriamente um romance. Talvez se lhe possa chamar com mais acerto uma crônica romanceada da invasão da Rússia pelos Alemães. O autor faz grande questão de veracidade e minúcia nos quadros e em todos os aspectos; e liga muito menos importância ao contingente de imaginação que poderia multiplicar os lances e golpes teatrais do que à eloquência flagrante, à intensidade comunicativa da exposição.

Começa a história pelo assalto, de manhã cedo, a uma habitação de arrabalde ou de beira de estrada. Mora ali um casal moço, amoroso, feliz. O marido é justamente um *partisan*, um daqueles guerrilheiros cheios de força convicta, de serena coragem de astúcia fantasista, e que tanto teem dado que fazer aos invasores. Escondido o homem, com o seu revólver e a competente munição, no forno da casa, é a mulher que suporta a "visita" do sargento insultador, ameaçador e de pistola em punho. Todo esse episódio se reveste duma brutalidade extrema e, de vez em quando, surpreendente. Por muito que saibamos dos processos aterradores dos soldados de Hitler e do seu desprezo pelos paisanos — pois aos seus compatriotas mesmos, que não vestem farda, eles tratam com o desdém mais grosseiro — por muito má idéia que façamos daqueles homens disciplinados para a des-humanidade, a cena do interrogatório de Natacha chega a dar a impressão de coisa nova e não imaginada. O homem-zarrão entorna copos de vodka e chega a repetir a tentativa do barão Scarpia. Sardou é reeditado, com horrendas agravantes. Natacha, porém, não se parece nada com Flória Tosca, nem conhecerá sequer a obra de Puccini e aquele Scarpia tarimbeiro cai de bêbedo, incapaz doutra coisa que não seja roncar, cosinhando a mona.

A história desenvolve-se por estas trezentas páginas observando os mesmos moldes patéticos. Pouco movimento, grande intensidade emotiva. E a cada momento sentimos crescer a aversão pelos representantes armados dum povo que sonhou a conquista do mundo pelo excesso de força, pela traição e pela ferocidade.

GEOGRAFIA DO BRASIL. 3.ª série, por Moisés Gicovate — São Paulo, 1943.

O sr. Moisés Gicovate escreveu este livro como se falasse aos seus discípulos. Os capítulos assemelham-se perfeitamente a lições estenografadas. O leitor fica diante dum mapa — e por estas páginas além os mapas do Brasil, com as anotações ou acentuações apropriadas a cada assunto se vão frequentemente repetindo — e o professor o vai ensinando sistemática e sugestivamente a conhecer a sua terra, a admirá-la e a querer-lhe, sentindo-a bem sua no espírito e no sentimento, pois o intuito patriótico se afirma e domina sempre.



O curso principia com a "Grandeza do Brasil", não sobre o mapa brasileiro, mas sobre o planisfério, para bem se apreciar desde logo o lugar que nele ocupa este país. E o mestre, como se lhe ouvissem a voz autorizada, vai dizendo: "Olhe para o planisfério ou compare os mapas políticos dos vários continentes. Uma coisa lhe saltará à vista e lhe fará bater mais forte o coração. Nossa terra, o Brasil, logo se destaca pela sua grandesa territorial. E não é só: entre os países independentes e de extensão territorial contínua o Brasil é o único que apresenta terra abaixo e acima do Equador. De fato, corre o rio Amazonas paralelo ao Equador; as terras setentrionais dos estados do Amazonas e do Pará ficam no hemisfério norte. Olhe o mapa. Nosso território se estende depois, até além do trópico de Capricórnio, já na zona temperada sul. Afica uma parte do território de São Paulo, a quase totalidade do Paraná, Santa Catarina e o Rio Grande do Sul..."

A obra divide-se em seis Unidades, que comportam, com os sub-títulos respectivos, vinte e nove lições. As unidades veem a ser: O espaço brasileiro — A população brasileira — Organização política e administrativa — O sistema de viação — A produção agrícola — A indústria e o comércio.

Enriquecem o volume, além dos mapas referidos, numerosas foto-gravuras.

ANTONIO SARDINHA, conferência de Guilherme Auler — Recife, 1943.

Trata-se duma conferência, mas uma conferência que, com os elementos de documentação e as notas explicativas — parte dos quais certamente foram suprimidos na leitura — dá, em composição folgada, um volume de cerca de trezentas páginas. O sr. Guilherme Auler considerou a individualidade do publicista português em todos os aspectos que a podessem realmente definir. Fez um estudo não apenas longo e minucioso mas orientado de maneira a não dar resultados nem deficientes nem supérfluos. Quem não conheça Antônio Sardinha, cujo nome está sendo em Portugal cada vez

mais citado e com mais convicta admiração, poderá, nestes capítulos, acompanhar-lhe a vida notoriamente exemplar e a obra que é das mais sentidas e eloquentes das modernas letras portuguesas.

Sardinha morreu moço, mas os livros que deixou valem pelo legado duma dilatada existência de reflexão e realização superiores. Muitos o exaltam pelas audácias demolidoras, irreverentes pelo menos, dum período da juventude em que ele definiu certo grande escritor como não sendo pessoa "que se haja de citar em coisas sérias", certo poeta triunfante na sua época e ainda hoje respeitado como manipulador de "xaropadas líricas", e assim por diante.

Essa é, em verdade, a feição ou a face inferior do homem de letras. Se contribuiu para a sua consagração, é que sempre o ataque e a insolência, até mediocrementemente exercidos, se fazem admirar. Resta saber como e por que. Mas o autor do *Valor e a Raça*, do *Território e a Raça*, o poeta da *Corle da Saudade* e da *Chuva da tarde*, crítico, sociólogo, historiador, acendrado e devotado patriota, conquistou bem diversos e bem superiores títulos ao respeito de toda a gente. O sr. Guilherme Auler reúne caprichosa e acertadamente esses motivos consagradores, quer nas páginas de Antônio Sardinha quer através dos trabalhos doutros biógrafos e comentadores. E, tomando pela sua expressão simbólica o livro *Do princípio era o verbo*, que tanto avulta naquele espólio insigne, conclui:

"Dum luceam perenam é o distico do *ex-libris* de Antônio Sardinha... Toda a sua produção intelectual está guiada por essas tres palavras. E' eterna, desafiando o tempo, sempre atual e viva, como fogo simbólico da tocha fumegante. Ao princípio era o Verbo".

O CAMINHO DA GLORIA, memórias de Bette Davis, tradução de Stella Martins Paredes — Rio de Janeiro, 1943.

Em geral, as celebridades do teatro, do cinema, dos esportes publicam as suas memórias. Uma vez habituadas à atenção do público, todas desejam alargar ou variar a sua notoriedade. Não ha consagração que lhes baste. Assim os comediantes procuram notabilizar-se como jogadores de *bridge* ou colecionadores, as estrelas de estúdio se fazem campeãs, os *recordmen* da pista ou da piscina concorrem às exposições de pintura — e quasi todos redigem a sua auto-biografia.

Disporão para isso dos dotes e recursos rigorosamente necessários? Esta condição não é capital. Se os astros não teem disposições ou tempo para semelhante trabalho, ha profissionais das letras que justamente exercem essa especialidade. Aceitam notas reunidas sem método, canhenhos rabiscados ao acaso ou quando não se tenha mais que fazer — e dando-lhes ordem, proporção e estilo, fazem um livro. Em último caso, eles mesmos, escritores, se encarregam de orientar os interessados nas suas declarações. Indicam-lhes o que podem e devem dizer de si próprios. Compõem uma espécie de *interview* em que não ha perguntas nem respostas, mas uma narrativa, além de unida, tanto quanto possível coerente e verosímil. Uma entrevista, toda na primeira pessoa. Depois as celebridades assinam — e é quanto basta.



Pertencerá a essa categoria autoral o livre da sra. Bette Davis? Quem sabe? Só ela mesma, talvez. Ou então ela... e o seu colaborador. Em todo o caso, o título da obra deve ser lembrança sua. O caminho da glória... Como indicação ou definição da carreira respectiva, qualquer artista de Hollywood sentirá deveras e convictamente proclamará a mesma coisa. A sra. Bette Davis começa por um rasgo de modéstia: "Não gosto de mim na tela." Assim prepara

a gente para considerar tudo, por ali fóra, mais ou menos diminuído pela modestia. E assim em tudo aquilo de que ela se gabar, o público leitor suprirá a suposta falta com um acréscimo de entusiasmo glorificador.

Bette Davis fala-nos, não apenas das suas criações de artista, mas também das suas impressões de mulher, dos seus projectos na vida, das suas afeições. E de certo a todas as páginas, directa ou indirectamente, isto é: de seu próprio punho ou através da pena alheia, deu a mesma sinceridade.

J. L.

"BRASIL — 1942"

Temos em mãos mais uma edição do ótimo anuario que o Ministerio das Relações Exteriores vem editando. Trata-se, agora, do numero correspondente ao ano proximo findo.

"Brasil-1942" conta mais de seissentas paginas repletas de informações uteis, a proposito de nosso país; e, no fim, um indice alfabetico e remisso oferece ao leitor meios de consulta os mais rapidos possiveis.

Trabalho utilissimo aos tecnicos é ainda o mencionado anuario de interesse para o publico em geral, porque, ao lado de quadros estatisticos, vem textos e ilustrações que lhe dão um cunho realmente pratico.

O livro é aberto com brilhante prefacio de S. Excia. o Sr. Oswaldo Aranha. E o Sr. Mario Moreira da Silva, orientador do trabalho, esclarece, em nota, que para o cometimento, contou não somente com a dedicação do Sr. Carlos Alberto Gonçalves, mas tambem com a contribuição de noventa colaboradores.

As Frentes de Batalha da Liberdade

De W. L. WHITE



Eva Curie entre soldados das nações Unidas.

Num volume de 500 páginas, Miss Curie tentou descrever todas as frentes de batalha desta guerra. O resultado é uma realização estilística brilhante, com observações agudas, que ainda não foi superada por nenhum repórter.

Miss Curie ia ótimamente aparelhada para sua tarefa. Unidos em suas veias ha o sangue da Polônia e o sangue da França, duas nações calcadas pela bota do conquistador. Isto lhe dá ao mesmo tempo, um apaixonado fervor pela causa das Nações Unidas, e também uma extraordinária habilidade para compreender os outros combatentes — Inglaterra, América, Rússia, Índia, China — com uma f i i objetividade que completa seus dotes de repórter.

Pouco antes de Pearl Harbor, ela deixou Nova York numa viagem que devia levá-la a Chungking, durante a qual ela deveria observar os combatentes de todas as frentes — os ingleses em Tripoli, os russos em Moscou, e os ingleses e chineses defendendo Burma, sem esquecer os americanos que também lutavam em Chungking.

Ha, além disso, brilhantes capítulos de análise política sobre a Rússia, Índia e China, mas o livro permanece sempre humano... Nas aréias de Tripoli, Miss Curie aprendeu "a técnica do deserto com respeito á água" — "com o mesmo recipiente, lavei, primeiro os dentes, depois meu rosto e minhas mãos. Ouvi, então, a voz polida de um soldado inglês, dizendo: "Por favor pódar-me sua água". Os restos cheios de sabão da minha bacia foram cuidadosamente virados noutra com a água de diversos recipientes e usados para lavar lenços e meias militares".

O livro está cheio de retratos vívidos, e na Síria, Miss Curie nos descreve magnificamente o General Catroux, chefe dos franceses livres naquela breve luta colonial que terminou com a derrota das forças de Vichy. Mas, o General Catroux decidiu que "nenhuma promoção ou recompensa seria concedida a seus homens por quaisquer feitos realizados naquela batalha tremenda", porque "nenhum de seus homens gostaria de receber uma recompensa por ter lutado com outros franceses" e nos cemitérios repousam juntos, "os que lutaram por Vichy e os que lutaram pela França Livre", e cada cruz trazia as palavras: "Mort pour la France".

O retrato da Rússia por Miss Curie é em vários sentidos o melhor que possuímos.

E' forte, vivo, profundamente movimentado e também completamente honesto. Ela assistiu a um impressionante serviço religioso numa igreja repleta, numa época em que a liberdade de religião na União Soviética não era ainda reconhecida. No entanto, ela viu-se incapaz de telegrafar uma história porque "as pessoas de que me lembro na igreja — os velhos, os ignorantes, os supersticiosos, os humildes, — confirmaram-me de fato que, de um modo geral, a jovem geração russa se tinha afastado da Cristandade, que tinha sido convertida a uma nova fé que não deixava espaço para qualquer outro culto".

Ela se comove profundamente, tanto pelo fervor do povo russo como de seus líderes, e seu

entusiasmo arrasta o leitor. E, no entanto, corajosa e honestamente ela pergunta a um diretor de fábrica que está trabalhando freneticamente para adiantar a produção de guerra, porque, durante o período do pacto russo-alemão, quando a Inglaterra e a França combatiam o inimigo da Rússia, os partidos comunistas receberam o dem em todos os países para dificultar a produção de guerra? "Um silêncio mortal caiu entre nós", lembra ela. "Recebi do meu guia um olhar francamente desaprovativo" e a resposta do diretor foi friamente evasiva.

Entretanto, páginas adiante, Miss Curie com igual honestidade lembra o que poderia ser quase uma resposta a essa pergunta. Embora tivesse encontrado facilidades excepcionais para ver o país e visitar a frente, ela indagou por que os demais correspondentes em Moscou não recebiam idêntica liberdade. A resposta foi que "não esqueçamos tão depressa a maneira por que a União Soviética foi caluniada, insultada e atacada, dia após dia, mês após mês, por vinte e cinco longos anos nos países que são agora nossos aliados, nem

a maneira por que é atacada por uma parte da imprensa aliada. Você nos pede que sejamos confiantes. A confiança é recíproca. A confiança não pód vir tão depressa. Espero que ha de vir a tempo.

Miss Curie naturalmente interessou-se agudamente pelo destino dos prisioneiros poloneses feitos pelos russos, mais de 10.000 homens dos quais haviam sido prisioneiros de guerra e que estavam sendo organizados em seis divisões polonesas. E eis que havia um fato impressionante: "Os poloneses, por exemplo, tinham uma lista de 5000 nomes de oficiais que, tinham-no por certo, achavam-se entre os internados. Parecia impossível descobrir qualquer traço destes homens em toda a Rússia, e os burocratas soviéticos eram talvez sinceros quando diziam com aparente desânimo: "Simplesmente não sabemos onde estão".

"Este particular enigma estava por certo perturbando os poloneses quando eu estava em Kuybyshev. Dois meses mais tarde quando voltei do Oriente, devia ouvir que a maioria destes oficiais tinha sido, eventualmente, encontrada".

Sua descrição da China é também calorosamente humana. Como outros visitantes, ficou cativada pelo magnetismo pessoal e a profunda sinceridade daqueles dois encantadores metodistas que estão forjando uma nova nação daqueles incontáveis milhões. Mas, como sempre, ela vê também o povo miúdo, até os mendigos, até "aquelas duas criaturas doentes, a menina e o velho. Foi como si a primeira tivesse gritado: "Sou jovem. Por que sou tão miserável?" e o outro: "Sou velho. Por que sou miserável?" Ai, não tinha nada a responder-lhes.

Mas, talvez seja na Índia onde as qualidades de ternura e objetividade de Miss Curie combinadas, para dar-nos sua descrição mais valiosa e inesquecível descrição.

Seu olhar aguçado anota a inscrição da Câmara de Delhi: "A liberdade não desce a um povo: Um povo deve erguer-se até a liberdade."

Como hóspede no Palácio do Governador, ela nos dá retratos admiráveis não só do Rajá inglês, mas do movimento nacionalista indú e dos seus líderes. Ouve alguns destes, falando violentamente da opressão inglesa, na maior loja de Calcutá, "uma livraria, onde poderíamos comprar, com a aprovação inglesa, todas as obras que pregam o nacionalismo aos indús e advogando a subversão da atual administração".

Chamar o livro de Miss Curie o melhor que qualquer mulher tenha escrito sobre esta guerra é louvor inadequado, porque nunca antes o panorama da guerra mundial foi tão honestamente, tão hábil e tão belamente apresentado.

UM TOUCADOR ELEGANTE NÃO DISPENSA A PRESENÇA DESTA COLEÇÃO DE ELITE!

Orbleu
DE BAZIN

EXTRACTO
Nº 1111 2/CK,
Nº 1111 2/CK,
Nº 1111-M

LOÇÃO
Nº 1120
Nº 1121
Nº 1122

EXTRACTO
Nº 1110 2/CK,
Nº 1117 2/CK

SABONETE
Nº 1180

DO
Nº 1150

BRILHANTINA
Nº 1112

Nº 1100
Nº 1101

Nº 1100-F
Nº 1101-F
Nº 1102-F

A VENDA EM TODO O BRASIL.

ESCRAGNOLLE DORIA

INCENDIOS NO RIO

Recente incendio de estabelecimento comercial, situado num dos pontos mais vivos do coração da cidade carioca, em conhecedores da historia do Rio de Janeiro de certo poz em memoria a triste recordação de antigos sinistros de Sebastianopolis.

Com a proficiencia costumeira enumerou-os Vieira Fazenda, sempre esmerilhador, sempre no proposito de dizer exato, essencial em materia historica. A mentira historica é de longo dano, incutindo nas massas idéas erroneas e amor aos injustos chavões em relação a sucessos e personagens.

Sem a minudencia de Vieira Fazenda, sem repetil-o, apenas de relance seja um tanto tratado o assunto. Para começar seja dito que em todos os tempos, todas as capitais do mundo foram vitimas de grandes incendios, ateitados ou não, a devorar vidas humanas e haveres. Entre estes ha o patrimonio de todos, ou as preciosidades das ciencias, letras e artes. São-lhes inimigos implacaveis o incendio e a guerra, aquele bem de vezes consequencia desta nos seus renovados furores e em propositos malvados. Assim em 64 antes de Cristo o incendio de Roma, no reinado de Nero, a destruir muito da cidade na qual Augusto se propuzera a substituir o tijolo pelo marmore.

Cidades no mundo afligidas por incendios de pavor foram Londres e Constantinopla ou Stambul quando ainda não vira o seu *s* inicial precedido de *i*.

Um dos maiores sinistros de Londres cheio de casas de madeira, foi o incendio de 1666. Começando numa padaria, ajudado por vento forte, lambeu ruas, predios, igrejas hospitais.

O Rio de Janeiro de 1789 e o vice-rei Luis de Vasconcellos, apavoraram-se ante o incendio do Recolhimento do Parto, sinistro que Leandro Joaquim fixou em tela, a qual embora de pintor de arte limitada hoje estimativamente é sem preço.



Aspetto do antigo hospital de S. Francisco de Paula, de entrada pela travessa de S. Francisco. Foto Augusto Malta, no momento da proxima construção do edificio.

O quadro mostra o inicio no Rio de Janeiro do serviço primitivo da extinção de incendios, mais terríveis numa cidade ainda mal iluminada como o eram então outras capitais do mundo não se perca isto de vista para fins de justiça.

A crêr no quadro de Leandro Joaquim, lá veio o vice-rei, do seu palacio de beiramar na varzea do Carmo, dar presença ao serviço do apagar de chamas transformando o edificio do Recolhimento num triste cenario esbrazado da magica imprevista.

Outro vice-rei, o conde de Rezende, registraria na sua governança o incendio de Julho de 1790 devorando o arquivo do Senado da Camara de séde na actual Praça Quinze; nos sobrados por cima do Arco do Telles existente por enquanto.

O incendio de 1790 foi de enorme prejuizo para a historia do Rio de Janeiro tão concentrada nos livros de sua municipalidade, que como fonte de informações bastante deve ao precioso *Almanak Historico* de Antonio Duarte Nunes, tenente de bombeiros do regimento de artilharia da praça do Rio de Janeiro em 1799.

Quem transita pela rua dos Andradas raro saberá que por muito tempo a via publica se chamou do Fogo, assim denominada pelo povo tantas vezes pronto ou sarcástico batisador. Denominava-se a rua antes de ser do Fogo rua da Opera dos Vivos, nome este do teatro ali estabelecido por um padre do qual só se conserva o sobrenome de Ventura. A sorte deu-lhe antinomia. Ardeu a Opera dos Vivos quando se representava *Encantos de Medea*, obra do Antonio José lançado ás chamas de fogueira da Inquisição.

Sem sahir da memoria de palcos serão lembrados nada menos de tres incendios no Teatro S. Pedro de Alcantara do qual não resta nem memoria do nome. Substituíram-o pelo de João Caetano cuja estatua depois de voltas afinal parece aquietar-se diante de teatro onde o insigne Santos nunca representou. Homem em bronze não diz o que sente, guarda opiniões.

Na historia do Rio de Janeiro, de outrora o Teatro de S. Pedro de Alcantara assi-

nalou-se por cenario de fogo em tres noites de incendio. Não tiveram pintor para perpetuar-os na tela como o fizera Leandro Joaquim mostrando o serviço de extinção de incendios em 1789, ano tão fatidico na Europa pela Revolução Franceza, a destruir edificio social penosamente construido e que hoje percorrido pelo pensamento mostra-lhe grandeza na Historia.

Na madrugada de 26 de Janeiro de 1856, pela terceira vez, o Teatro S. Pedro conhecia incendio, de tal violencia que ao edificio só deixou quatro paredes cujo negro atestava o impeto da destruição.

Na epoca as recitas teatrais se prolongaram. Na noite de 1856 só ás duas da madrugada se fechou o teatro, deixado á guarda de vigias. A's quatro da madrugada reconheceram eles incendio no salão da pintura, isto é, de cenografia, por cima do arco divisorio do corpo do teatro e de sua caixa.

O teatro era iluminado a gás. Um empregado da Companhia do Gás preposto ao serviço de extinção das luzes o fizera com o zelo costumeiro.

O espetaculo de 26 de Janeiro de 1856 fôra longo. Constára de um drama em tres atos, de numeros musicais e coreograficos e da representação de um dialogo. *O Estudante e a Lavadeira*, da lavra de Laurindo Rabello, finalizada a recita por uma comedia ligeira. Havia, pois, razões para aspirarema descanso atores, bailarinas, musicos, empregados do teatro, cada qual procurando sua casa e seu repouso com ou sem sonhos.

Terrível realidade trouxe-os de novo ao teatro pela noticia do incendio anunciado á cidade.

Afluio multidão, afluíram autoridades, à frente das mesmas o ministro dos Estrangeiros, o deputado Silva Paranhos, rodeado pelo chefe de policia, pelo comandante de permanente, pelos diretores dos arsenais de Guerra e de Marinha.

Havia surtos no porto navios de guerra estrangeiros. Apresentando-se no local do incendio, os almirantes francês e inglês apresentaram-se com bombas de extinção e destacamentos de sua marinhagem. Ao lado deles formou uma força dos nossos sempre garbosos imperiais marinheiros ufanos de tal denominação de relevo.

Todos os esforços de extinção resultaram malogradas. O fogo foi inclemente. Só as paredes do teatro subsistiram, construidas numa epoca de pedra e cal.

No Rio de Janeiro antigo quem dava aviso de incendio ao posto de guarda mais proximo recebia gratificação proporcionada á importancia do aviso.

Tambem o governo imperial recompensava, a quem sabia que o dinheiro não é razão unica de existir. O governo premiava as dedicações do altruismo conferindo aos altruistas ordens honorificas. Assim concedeu ao consul da França, Teodoro Taunay o habito do Cruzeiro por haver ele, simples transeunte, se lançado ás chamas de um incendio na Guarda Velha, salvando varias vidas e retirando-se como se nada fosse.

Ministro de então, o marquês de Paraná, fez questão fechada de ir ao consulado francês comunicar ao agente consular a concessão da mercê e na época as veneras do Cruzeiro, parcimoniosamente distribuidas, conferiam aos agraciados honras militares de diversos grãos.

As medonhas linguas de fogo, espalhando fagulhas nos incendios foram dantes no Rio de Janeiro o que eram nas metropoles do mundo, com poucos recursos para dominar labaredas. Não se deve falar do Brasil antigo sem comparações coevas.

Em 1860 creou-se o ministerio da Agricultura, e logo em abril desse ano o conselheiro Paranaçu ministro da Justiça do gabinete Ferras por decreto regulamentava o Corpo de Bombeiros, desde então até 1889 subordinando ao Ministerio da Agricultura como antes ao da Justiça.

De 1860 em diante, aperfeiçoando serviços, o Corpo de Bombeiros tem valido imenso ao Rio de Janeiro no extinguir incendios ou evitar-lhes propagação, gozando o Corpo de justa fama de corporação disciplinada na qual o sacrificio de vida é constante.

Mais uma vez acabam de proval-o os bombeiros no acudir ao enorme incendio de agora no edificio erguido no sólo do antigo hospital da Ordem Terceira dos Minimos de S. Francisco de Paula, hospital aquele por muitos anos contiguo á igreja tradicional sob o orago do santo nascido em Paula no reino de Napoles.

Perdurou bastante o velho hospital da Ordem, de frente para o largo de S. Francisco, prestando serviços aos terceiros franciscanos e confiado a distintos facultativos, entre eles o Visconde de Ibituruna, o Barão Ribeiro de Almeida, o Dr. Antonio Gabriel de Paula Fonseca.

Acabou sendo pensamento da Ordem Terceira a melhoria e remoção do hospital para logar mais adequado numa cidade que se ia desapertando. Ocorreu a revolta naval de 1893 e o seu chover de perigos e balas sobre a capital induzio a Ordem a transferir os seus enfermos para um hospital provisório na rua Duque de Saxe, ora General Canabarro, isso na corretoria do Comendador Tobias Lauriano Figueira de Mello.

O edificio pertencente ao Asilo das Orfãs da Ordem por meio de grandes obras ficou sendo hospital moderno inaugurado a 18 de Julho de 1897, sendo pro-comissario interino da Ordem o futuro bispo de Olinda, monsenhor Brito, e corretor o visconde de Duprat.

O Rio de Janeiro muito deve a Augusto Malta, o alagoano que fotograficamente conservou tantos aspectos do passado da cidade carioca. O arquivo Malta é uma preciosidade digna de ser municipalmente por todos os meios conservada.

No instante do desaparecimento do antigo hospital de S. Francisco apareceu-lhe Malta e fixou o seu aspecto, o que figura na illustração desta pagina recordativa.

Atestando passado permanece a igreja de S. Francisco de Paula, mais ou menos como foi desde levantada para definitivo abrigo da imagem de S. Francisco de Paula antes posta em altar do templo da Santa Cruz dos Militares. Foi o santo honrado pelo bispo D. Frei Antonio do Desterro Malheiros, irmão da Ordem, com uma grande festa. "festa rija" como se disse, a qual inclusive *Te Deum*, custou 15\$680 réis, subido o valor aquisitivo da moeda na epoca em que ouro era o que ouro valia. Até em pó polvilhava cabelos de damas cujos olhares tambem ateiam incendios, daqueles que o padre Manoel Bernardes dizia pudicamente fazerem arder Troia.

Tapete Mágico

Este delicioso retrato da filha de Madame Vigée-Lebrun (1755-1842) esteve durante muitos anos incluído na famosa coleção David-Weill, agora em poder do sr. Georges Wildenstein, de New Bond Street, de Londres. Madame Lebrun, como se sabe, recebeu praticamente todo o seu treino de arte de seu pai, pintor de retratos que morreu quando ela andava pelos vinte anos. Em 1776, casada com Jean Lebrun, vendedor de quadros, pintou três anos depois o retrato de Maria Antonietta, de quem se tornou uma grande favorita.

Em 1783, Madame Lebrun foi recebida na Academia, porém, com a revolução francesa teve de fugir para a Itália, visitando depois Viena, S. Petersburgo, a Inglaterra e a Suíça.

Sómente vinte anos depois regressaria à França, para falecer em Paris em 1842, com 87 anos de idade.

Esta deliciosa tela mostra a filhinha da artista mirando-se num espelho, de modo que a pintora pudesse retratá-la sob dois pontos de vista, simultaneamente. É um traço de ingenuidade artística, ao qual não ficaria alheia com certeza a emoção materna diante de tão linda figurinha de carne e osso.



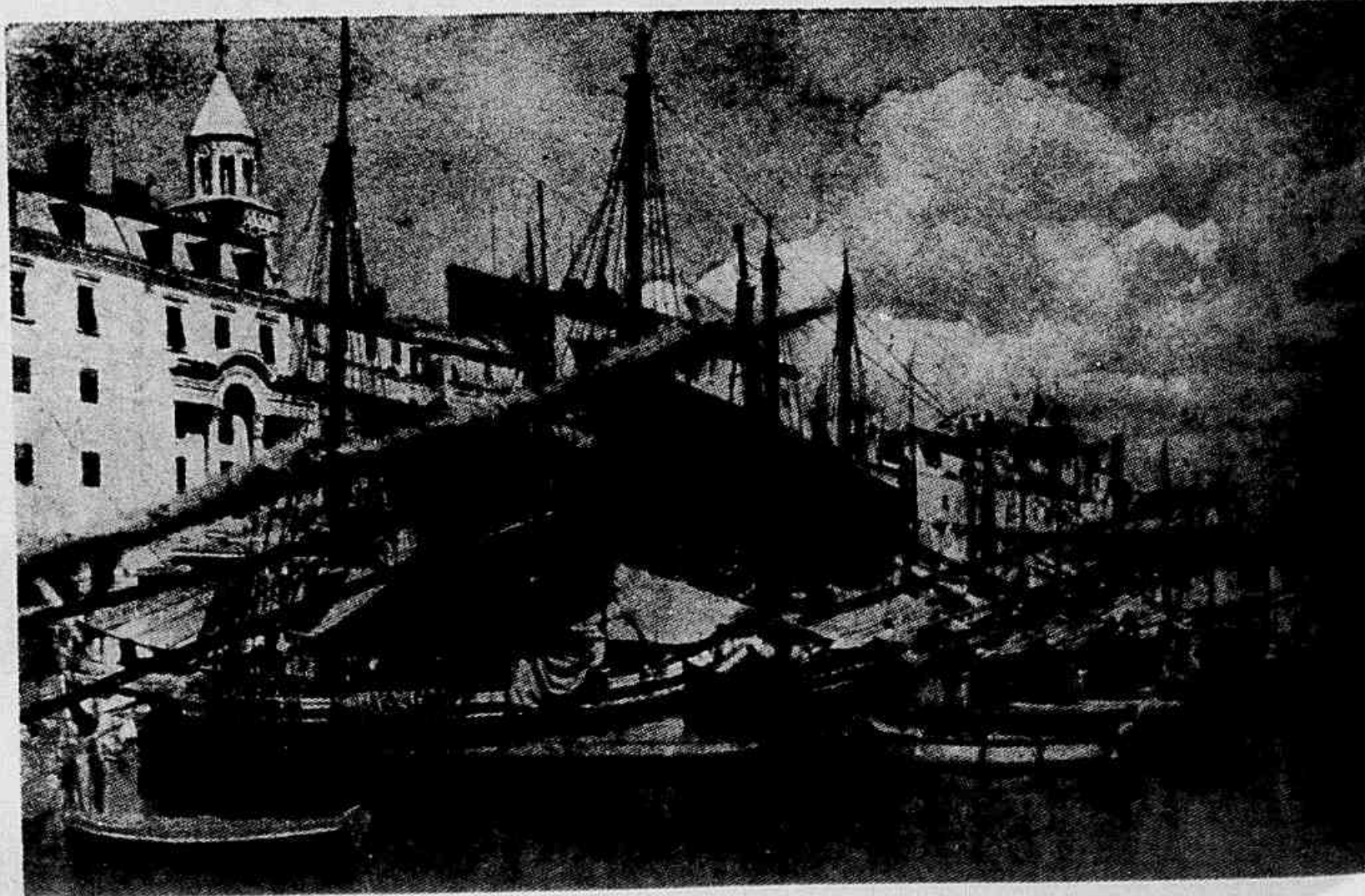
Por trás da floresta de mastros, enxarcias e velas côr de açafrão desta pequena frota de barcos pesqueiros, correm as casas de mesquinho aspecto alinhadas à beira do cáis, no mesmo nível da galeria de Diocleciano, com as suas colunas decepadas e os seus arcos abatidos, que fazem correr na paisagem mediterrânea um traço de glórias pretéritas quasi esquecidas do homem atual.

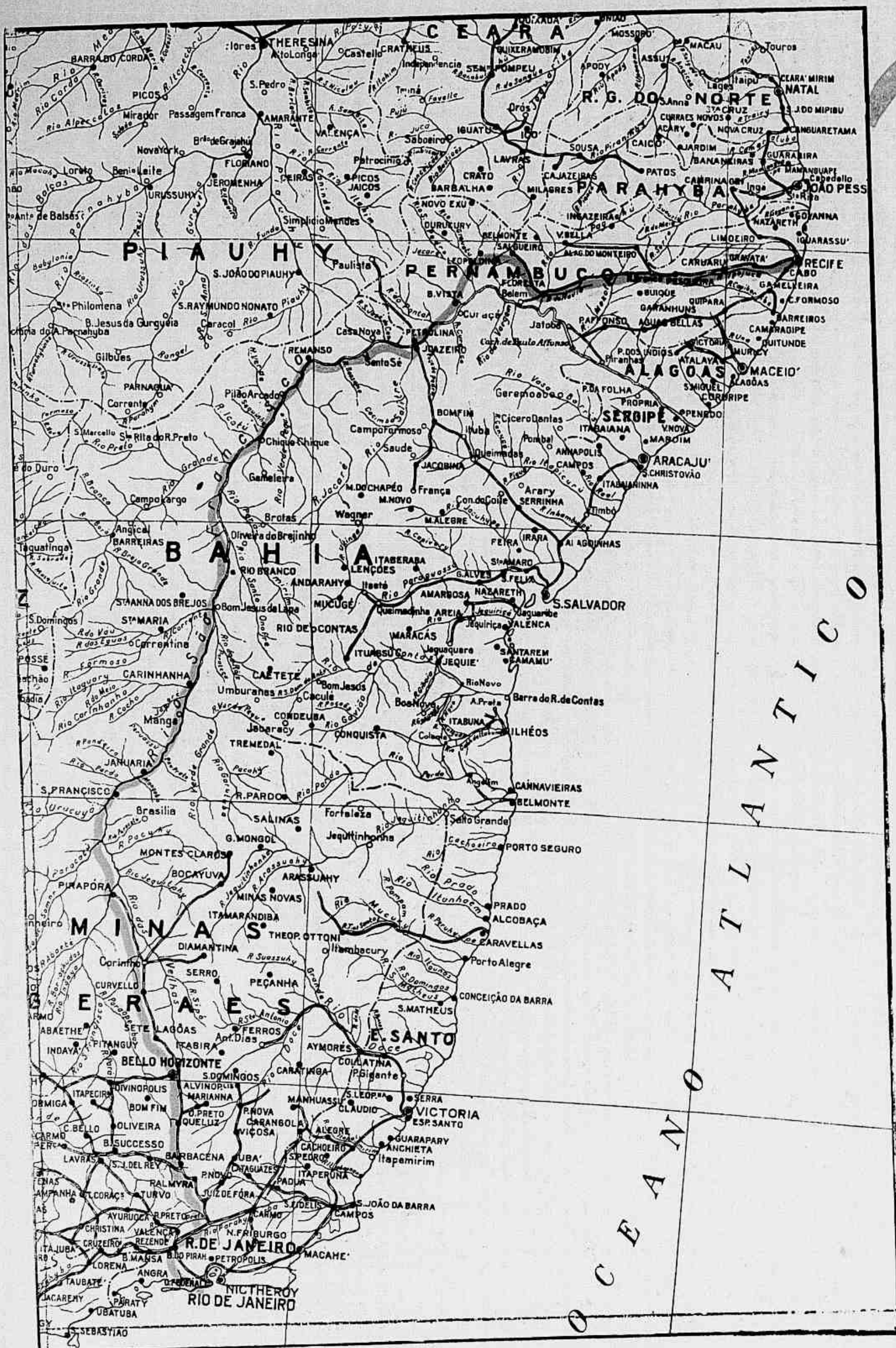


Este guerreiro da África do sul, de puro perfil ariano, mostra um desnortante contraste de sobranceira e vaidade.

A guerra haveria de revelar ao homem branco que a longa escravidão de muitos séculos não apagou no coração destes desprotegidos filhos de Cham toda a inapreciável reserva de qualidades aproveitáveis como penhor de solidariedade humana.

Todo dia as revistas americanas e inglesas estão trazendo ao mundo o testemunho do auxílio sem preço que os nativos lhes têm dado na campanha mais violenta e mais cheia de surpresas de toda a história universal.





Mossa Terra

Notas colhidas de D. America Monteiro de Araujo e fotos de Horácio de Gusmão Coêlho, especial para a REVISTA DA SEMANA



Grupo feito no navio Raul Soares, no Rio S. Francisco.

A 23 de março, às 6 horas, partimos de Recife, de trem, pela estrada de ferro "Great Western", passando por meia dúzia de estações, atravessando túneis diversos e subindo continuamente, até atingirmos Gravatá. Em seguida tocamos em Bezerros, Caruarú, a cidade mais importante do interior do Estado de Pernambuco, S. Caetano, Antônio Olinto (ponto de onde vem o carvão do sertão que é vendido em Recife), Sanharol, Pesqueira (com grande produção de doce e de massa de tomates), Ipanema, Arco Verde, Mimoso e Rio Branco, onde dormimos. Pela manhã, após o café, fomos à Agência de Transportes tratar de nossas passagens em caminhão até Petrolina. Partimos de Rio Branco com duas horas de atraso, após grandes aborrecimentos pelo acúmulo de passageiros num só veículo. Passamos Algodões e fomos bem até que estourou um pneumático e tivemos com os outros 45 passageiros, que passar para outro caminhão que nos levou a Feliciano, onde passamos a noite.

A dormida foi inclemente... Daí partimos às 4 horas passando por Custodia, Sítio, e Vila Bela onde descansamos.

Esta cidade pernambucana, chama-se hoje Serra Talhada e é a terra natal do interventor Agamenon Magalhães. Em Salgueiro almoçamos. Devido a enchente do rio Traíras fizemos uma grande volta e só então chegamos a Leopoldina. Pernoitamos aí, seguindo depois para Veneza, onde paramos para tirar fotografias e tomar café com icas e, finalmente,

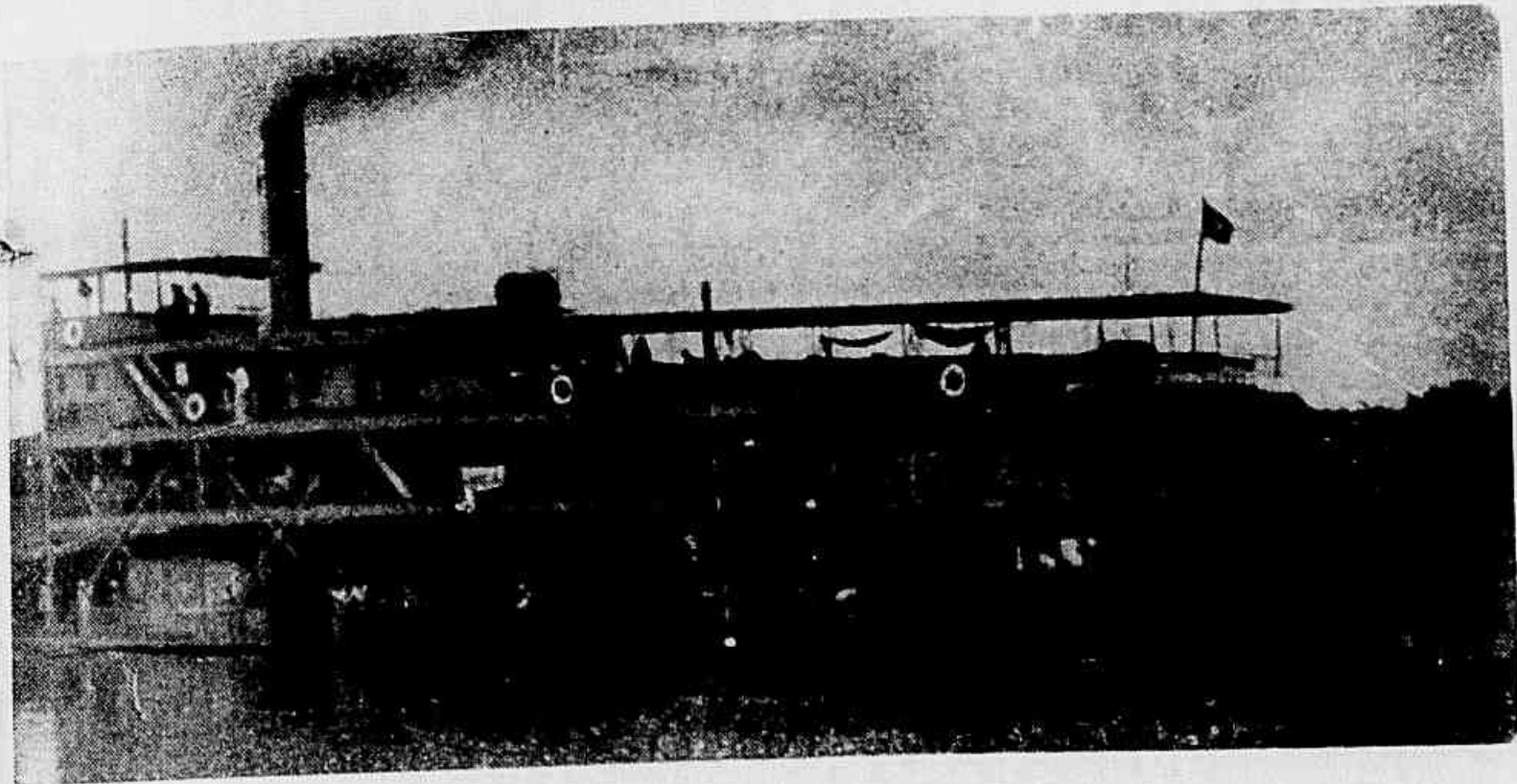


Vis itando a Gruta de Bom Jesus da Lapa — Bahia.



Cais de Joazeiro — Bahia

Viagem Recife-Rio, pelo S. Francisco



O "Raul Soares"

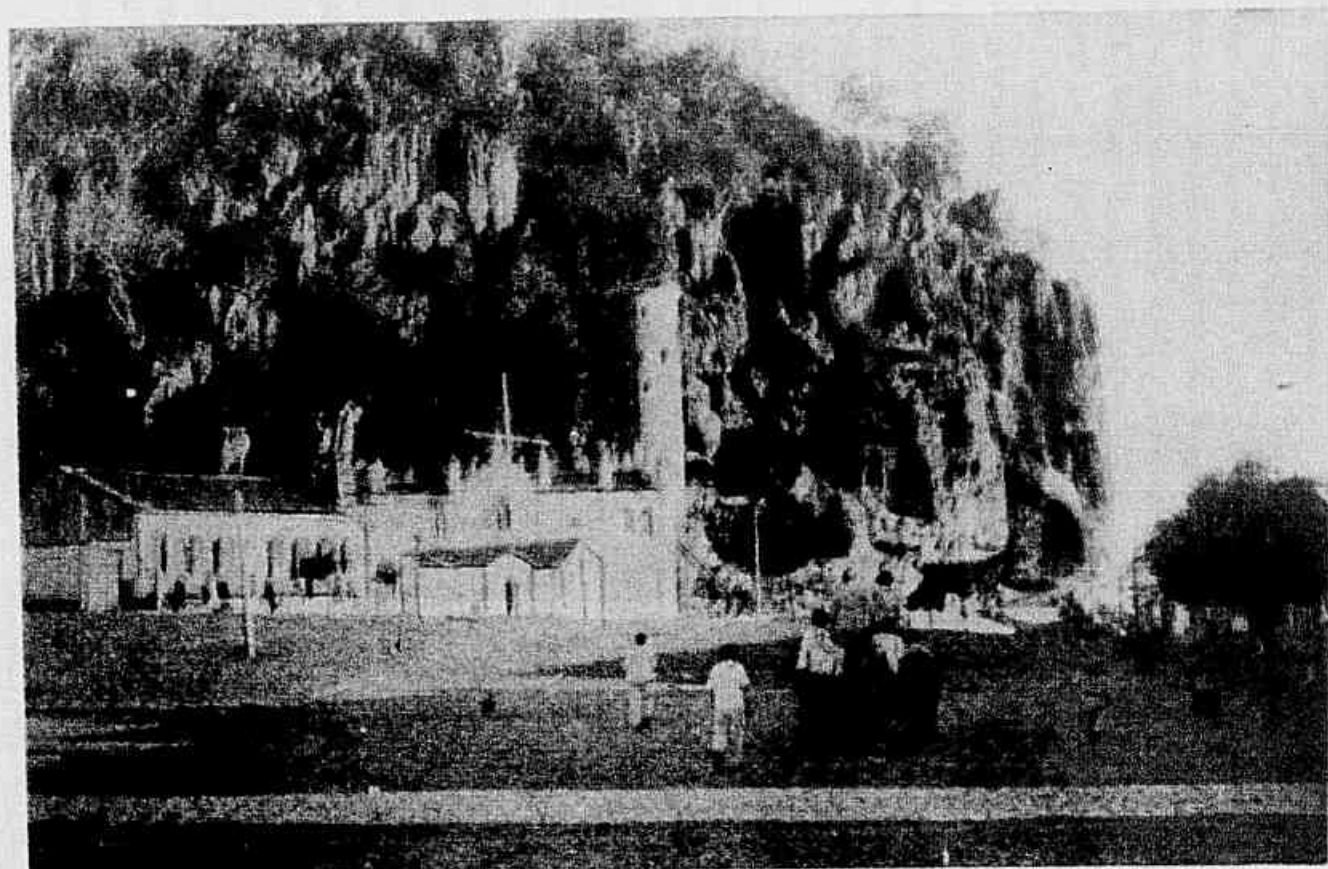
chegamos a Petrolina de orde, atravessando o S. Francisco num barco a vela, alcançamos Jorzeiro, no território baiano, a maior e mais importante cidade das margens do S. Francisco.

Tomamos acomodação no "Raul Soares", e depois de cinco noites e três dias de demora, partimos na madrugada de 2 de abril. Tocamos em Cehocira de Sobradinho, Santana e Casa Nova, onde a produção de sal é uma das riquezas desta zona. Os navios do S. Francisco são impulsionados por uma roda gigantesca e movidos por máquinas que queimam lenha adquirida de trecho em trecho. O abastecimento de víveres é feito também nos portos tocados. Desse modo assistimos á compra de bois, á matança de ao esquarteramento de porcos e carneiros. Tocamos em Santa Sé, Remanso, P'lão Arcado, chegamos a Chique-Chique á noite, e Catú na madrugada do dia seguinte e, depois, Barra na confluência de S. Francisco com o Rio Grande : essa cidade é o entreposto natural das regiões ocidentais do Piauí e do oriente de Goiás.

Prosseguindo, tocamos nas vilas de Morpara e Bom Jardim e á noite chegamos a Rio Branco. Pela manhã de 7, passamos por Sítio do Mato e á tarde descemos em Lapa. Deslumbrou-nos o panorama do morro visto á distancia. A Lapa é um santuário e um prolégio da natureza. O serrote da Lapa parece antes uma lasca de rocha pousada sobre uma mesa do que uma eminência em relevo, subordinada á série orográfica da região a que pertence. Si fôsse possível pensar que a mão do homem por ali andou, as grimpas de pedras, as agulhas, as torres que reventem o morro, dir-se-iam flechas ou colunas de estilo gótico. Ao penetrarmos a gruta que serve de templo, sentimo-nos etéreos e vem-nos naturalmente á lembrança saudades dos entes queridos distantes. E' uma gruta natural na pedra. O espectador ao entrar mergulha na escuridão mas divisa lá no fundo uma claridade suave que penetra por uma espécie de janela, ao lado do altar mór onde está o Santíssimo Sacramento. A imagem milagrosa aí está, segundo os que têm fé, como foi encontrada a veneranda pelos primeiros devotos, há duzentos e circoenta anos. O sino é o toque de duas pedras com uma terceira e o som é idêntico ao de um bronze. Fomos ao santuário numa carroça puxada por bois.

Depois de viajarmos todo o dia seguinte, atingimos Carinhanha, depois Malhada e começamos a navegar em águas do rio S. Francisco em território mineiro. Ao despertar do dia 9 estávamos na cidade de Manga, primeira localidade de Minas. Passamos por Jacaré depois do almoço. Amanhecemos no dia 10 em Januária e ás 20 e 30 horas, aportamos em S. Francisco. Tocamos em S. Romão e no dia 11 á noite alcançamos Estrema. Ás 11,45 chegamos a Pirapora, cidade nova, magnificamente situada á margem direita do S. Francisco; o seu movimento é contínuo e vimos muitas moças bem vestidas e elegantes; vimos também as cachoeiras de Pirapora que apesar de baixas são maravilhosas. Ás 5,30 do dia 13 partimos de trem para Belo Horizonte, que é de fato a "cidade jardim", possuindo belíssimos edifícios e lindas flores. E daí, pela Central do Brasil, chegamos finalmente ao Rio.

Ao terminarmos dizemos com José Lins do Rego: "A Cachoeira de Paulo Afonso está rouca de gritar pelos engenheiros brasileiros..."



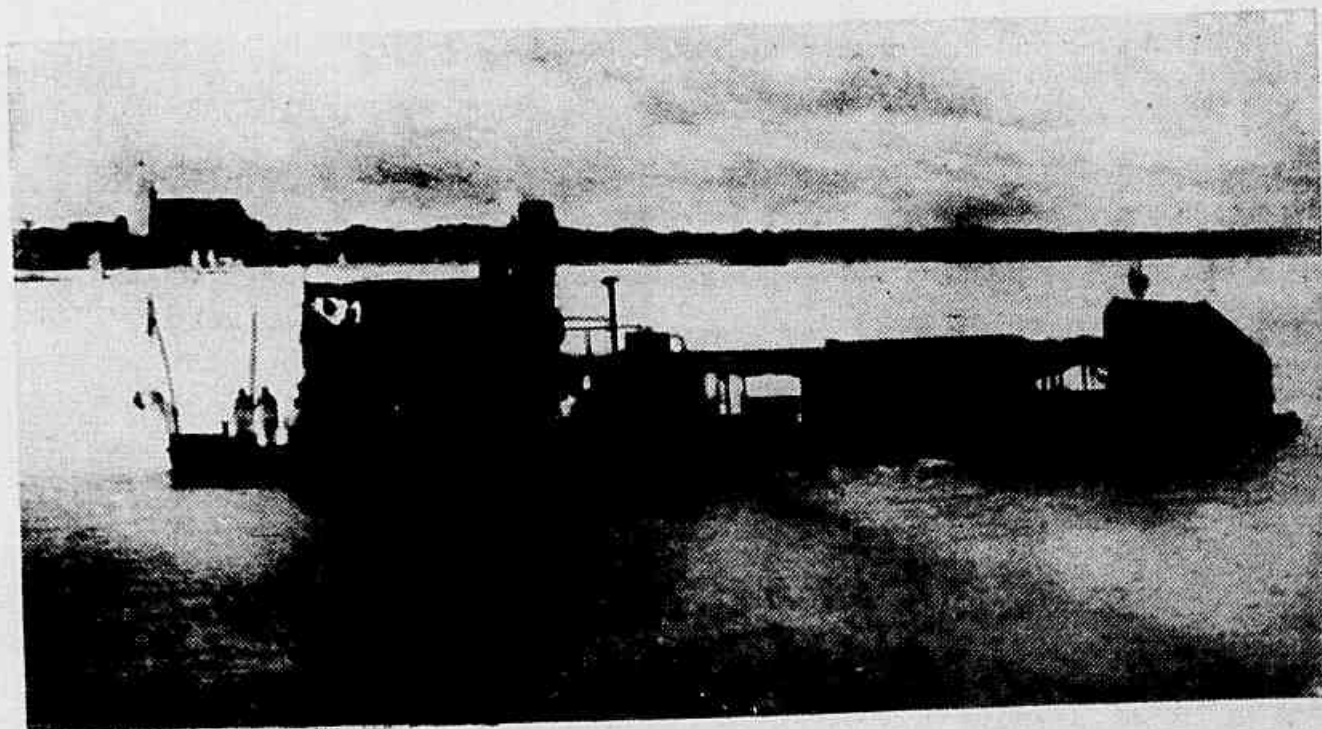
Bom Jesus da Lapa — Bahia.



Atravessando o Estado de Pernambuco.



Transporte em carro de bois.



Petrolina — Pernambuco.

o Clube Ginástico Português ao seu Presidente Honorário



O Prefeito Henrique Dodsworth recebe expressiva homenagem



Em cima: Um aspecto do banquete, vendo-se á cabeceira o casal Henrique Dodsworth. Ao lado, um instantâneo nos mostra a orquestra que abrilhantou o grande banquete de homenagem ao Prefeito Dodsworth; aparece, regendo, o maestro Elazar de Carvalho.



A Sra. Cecy Dodsworth recebendo um "bouquet" de orquídeas das mãos da Sra. Maria Isabel Fernandes.

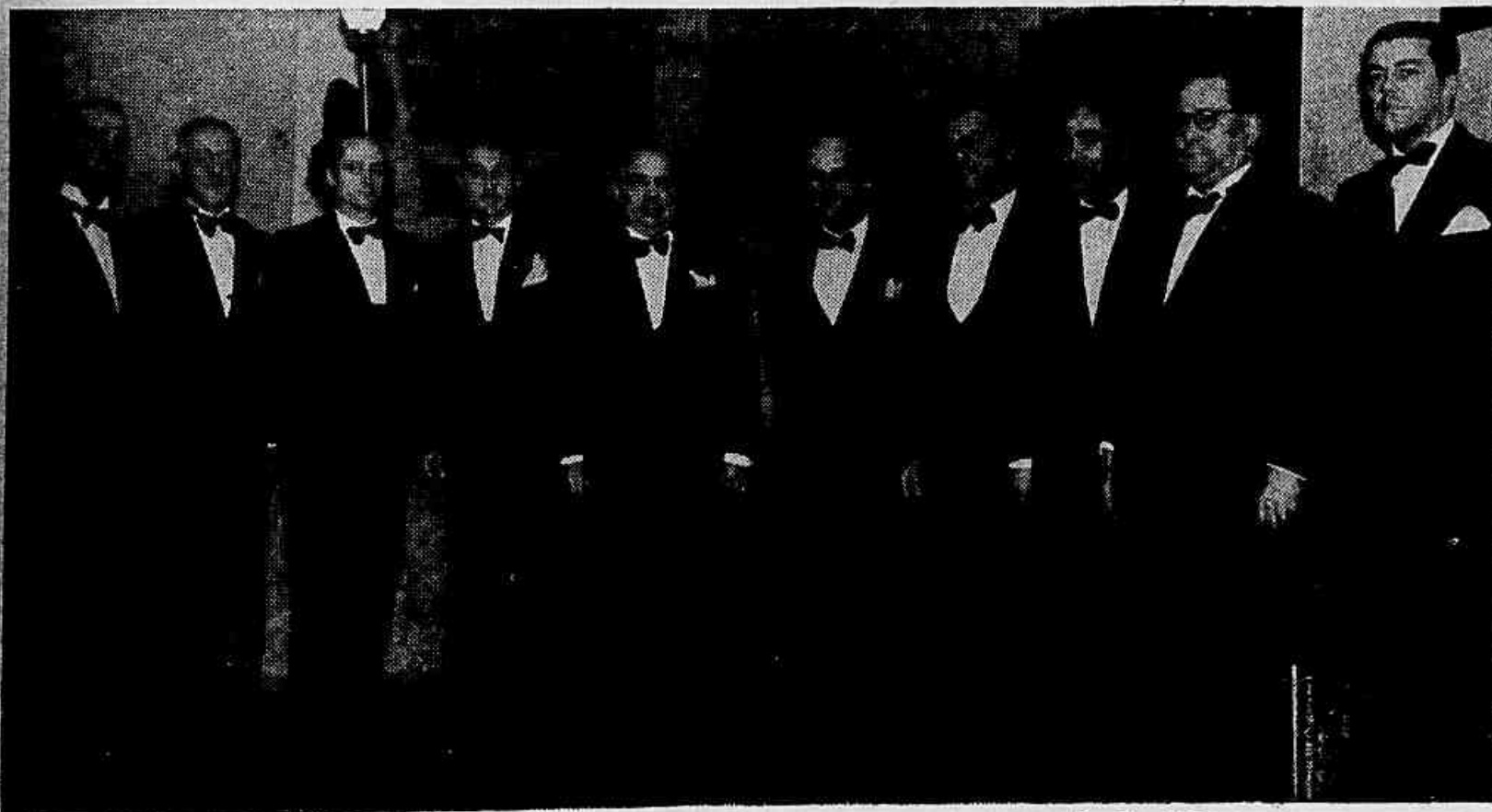
O Clube Ginástico Português fez realizar no dia 24 p. p., no seu suntuoso salão de festas, ao ensejo da entrega solene do diploma de Presidente de Honra do prestigioso Clube ao Prefeito Henrique Dodsworth, um banquete de homenagem ao ilustre Edil. A este suntuoso jantar de quinhentos talheres estiveram presentes os elementos mais representativos da alta sociedade carioca, numa reunião elegante e numa significativa homenagem ao Prefeito do Distrito Federal. Durante o agape, uma grande orquestra, sob a regencia do Maestro Elazar de Carvalho, executou magnifico programa, do qual constaram alguns solos de piano interpretados por Ana Carolina, que impressionaram vivamente o auditorio.

Ao grande banquete do Clube Ginástico Português, compareceram, alem do Prefeito Henrique Dodsworth e sua esposa, D. Cecy Dodsworth, todos os secretarios da administração municipal, o Coronel Alcides Etchogoyen, Chefe de Policia, escritores e jornalistas.

Oferecendo a homenagem falou o Sr. Fernando Boulhosa, 1.º secretario do Ginastico. O Prefeito Henrique Dodsworth discursou agradecendo.

Ao champagne, foi levantado o brinde de honra ao Presidente Getulio Vargas, pelo Dr. Marques dos Reis, Presidente do Banco do Brasil.

Terminando o "agape" os convidados percorreram as dependencias do Clube Ginastico, que lhes causaram a melhor das impressões.



Ao alto: Comissão de senhoras da alta sociedade, que recebeu o casal Henrique Dodsworth no Clube Ginástico, notando-se, ao centro, Mme. Dodsworth. No centro: A' esquerda, o Prefeito Henrique Dodsworth agradecendo a homenagem e á direita o sr. Fernando Boulhosa, 1.º Secretario do Clube oferecendo o banquete a S.Excia. Em baixo: O sr. Manoel Fernandes, Presidente do Ginastico, entrega ao Prefeito Dodsworth o diploma de Presidente de Honra do aristocratico Clube.

A' esquerda — Membros da Diretoria do Clube Ginástico Português, vendo-se ao centro o Prefeito Henrique Dodsworth, seu novo Presidente de Honra.

TERÇA! NÃO IRÁS À AMÉRICA

por MARGIT ALBERT

Ilustração de GOULART

Ela trabalhara, como doméstica, num bairro modesto da minha cidade natal. Suas pesadas tranças chegavam-lhe até os joelhos e os seus olhos, azul-safira, eram maravilhosos. Suas mãos ásperas denunciavam trabalho pesado. Diziam que era de confiança, ótima trabalhadora e, enquanto não a irritavam, silenciosa, dedicada, meiga. O hospício de alienados, donde era licenciada, empregava-a por ser inofensiva, embora sua patroa tivesse de apresentá-la, ao mesmo hospício, periodicamente, para reexame da saúde. Moleques da rua esperavam-na ansiosamente nestes momentos, para divertir-se à custa dela. Conheciam a mania de Terça. Bastava-lhe ouvir: "Terça! Não irás à América!" e a pobre moça soltava gritos desesperados, rasgava as vestes, corria, corria, fazendo gestos desordenados, até que, exausta, desmaiava.

Terça era a filha única dum pobre camponês da aldeia vizinha. Todo o mundo lá criava gansos. Cada família possuía maior ou menor rebanho, chefiado por um honrado ganso que, na sua importante missão, cuidava conscienciosamente do seu povo de asas. Atacava com o pescoço esticado, como um bravo lanceiro, todos que se acercassem.

Terça tinha uma profissão. Era pastora de gansos. Levantava-se antes do sol, encarregando-se dos afazeres do casebre e, às seis horas, pendurava ao ombro um saco, com um pedaço de pão e uma grande porção de cerejas, pegava na bengala e atravessava a rua principal. Atrás das portas, já a esperavam os pelotões brancos e, assim que ela passava, os donos dos gansos abriam os portões e eles, com suas famílias, invadiam a rua em passos rápidos e, contentes, se juntavam aos primeiros. A gritaria elevava-se de tom, quando, com alegres gá-gá-gá, cumprimentavam as novas levas. No fim da rua, formavam já um considerável regimento.

O dia inteiro pastavam, e, antes de anoitecer, Terça trazia-os de volta. Eles conheciam as casas, a que pertenciam e, da mesma forma por que se juntavam de manhã, se desligavam à tarde do regimento, procurando seu abrigo próprio. Nos quintais, esperavam-os boa razão de milho. Havia perfeita ordem no viver dos gansos.

A cabana, onde Terça habitava, não era assombrada, mas todo o mundo sentia calor à roda do coração, quando atrás da janela, via cortinas brancas engomadas e, na mesa, num vaso de barro, flores frescas do campo. Terça tecera a grossa toalha de linho, com que era coberta a mesa, e tinha-a bordado com tulipas multicores, desenhos antigos do povo húngaro.

Ao redor da choupana, bem tratada, floresciam gerânios e rosmaninhos.

No outono, finalizava-se, nas panelas e fornos, o destino dos gansos, e Terça era convidada para preparar as penas, o que, além de ser um trabalho apropriado, era também divertimento para as tardes escuras, e as longas noites de inverno. Velhas e moças se acomodavam à volta das mesas compridas, com enormes montes de plumas de ganso no centro. Empalmavam uma quantidade que lhes coubesse na mão e, com dedos habéis, separavam-as dos tubos, enquanto se entretinham com histórias comoventes de amor, ou com emocionantes contos de fantasmas. Aos rapazes só era permitido espiar pelas janelas, porque, se eles entrassem, os corações pulsariam mais intensamente e ninguém mais se conservaria quieto e as leves penas vingariam as desatenções, atacando tudo, como fúrias brancas.

Em outras noites de inverno teciam linho, cultivado no verão. Aqui não era vedada a entrada do sexo masculino, e risos, pilhérias, contribuíam para que estas noites fossem tão desejadas. Cantavam-se melodias sentimentais, alternadamente com "csárdás" vivos, fogosos.

Por sua voz excelente, por sua fresca alegria, por sua sinceridade, Terça era querida de todos.

Pobres e ricos tinham a mesma educação e instrução. Dava-as, numa única sala, o mestre-escola, enquanto o reverendo da paróquia cuidava do bem das suas almas. Cresciam, continuavam vivendo, trabalhando, divertindo-se juntos. Mas assim mesmo, este pequeno mundo tinha a sua ordem social e moral, — errada ou certa — mas rígida, suas leis e seus costumes. Rico não se casava com pobre. As ambições, baseadas sobre as razões econômicas dos pais — autoridades severas e inflexíveis — não permitiam aos filhos amor legal, que, materialmente, não lhes conviesse.

Compreende-se, por isso, que os pais de Miguel, — ricos proprietários — nunca aceitariam Terça. Ela, irremediavelmente, o amava. Suas canções alegres já haviam emudecido. Procurava esconder as lágrimas amargas, mas almas puras não são capazes de fingir. Ela só cantava triste, e todo o mundo lhe notava a transmutação.

— Está enamorada! — diziam.

— Certo! Mas por quem? — perguntavam, curiosos.

— Desconfio, Miguel, que sobre ti ela botou o olho! — disse Pedro.

— Absurdo! Ela não é boba. Sabe que isto não acabaria bem. — Mas, quem sabe? Ela é bonita e duma brincadeira gostosa nunca me privei. Vamos ver! Venha, pessoal! Ela deve estar trabalhando em nosso paiol. Escondam-se atrás.

— Terça não nasceu para tais brincadeiras, preveniu Pedro. Ela tem brio e não é justo ofendê-la.

— Qual brio, qual nada! Todo o amor é igual, e todá a mulher também. Aposto dez contra um como ela não é excepção.

— Mas ela te ama deveras, tu não poderás ser tão desalmado...

Ninguém mais deu atenção a Pedro. Apressaram-se a ir ao paiol, antegozando já o divertimento. Ficaram do lado de fora, só Miguel entrou, com passos elásticos.

Terça estava sozinha, enchendo de milho uma cesta. Cada vez que se encontrava com Miguel, tinha vontade de encostar a cabeça ao peito dele. Mas uma moça nunca deve começar, e — ela sabia — na sua situação, nem que ele mostrasse interesse



poderia aceitá-lo. Ela era pobre! Para trabalhar, para alegrá-lo bem, mas nunca para casar. A rigorosa moral da vila exigia das moças que se soubessem colocar nos seus lugares. Um rapaz poderia aproveitar as ocasiões — é homem, diriam, — mas a moça ficaria marcada para sempre.

— Boa tarde, Terça! Meu jardim de flôr! — Miguel quasi engolia com os seus olhos as formas perfeitas da linda moça. Ela estremeceu. Desagradava-lhe aquele olhar, e esta apreciação.

O rapaz aproximou-se, pegou-lhe no braço e quiz apertá-la contra si. Ela se defendeu com reserva, recuando.

— Oh! "Santo do teu Pai!" — gritou, indignado, o rapaz. Comportas-te feito uma senhorita da cidade! Tens medo de um abraço? Moça camponesa não deve fazer fita. Tu me amas, eu te quero! E' preciso mais alguma coisa? — e torceu, com petulância, seu bigode.

Os olhos de Terça enchem-se de lágrimas que escondeu na ponta do avental. Sentia que não era "Ele" quem falava, era o "Homem-animal" e isto lhe evocava mais a realidade da sua situação de moça pobre. Se fosse filha dum dono de sete bols, ele a trataria doutra maneira. Não era esta espécie de carinho que ela queria... Houve um silêncio, e, neste interim, numa reflexão rápida, Miguel chegou a compreender que a moça poderia significar para ele mais do que uma simples brincadeira. Arrependido, olhava-a quasi com ternura, procurando-lhe as mãos.

— Então é assim que me amas? — perguntou um tanto comovido.

Ela, ruborizada até a raiz dos cabelos, o encarou um instante, mas logo baixou os olhos, donde lhes caíam lágrimas.

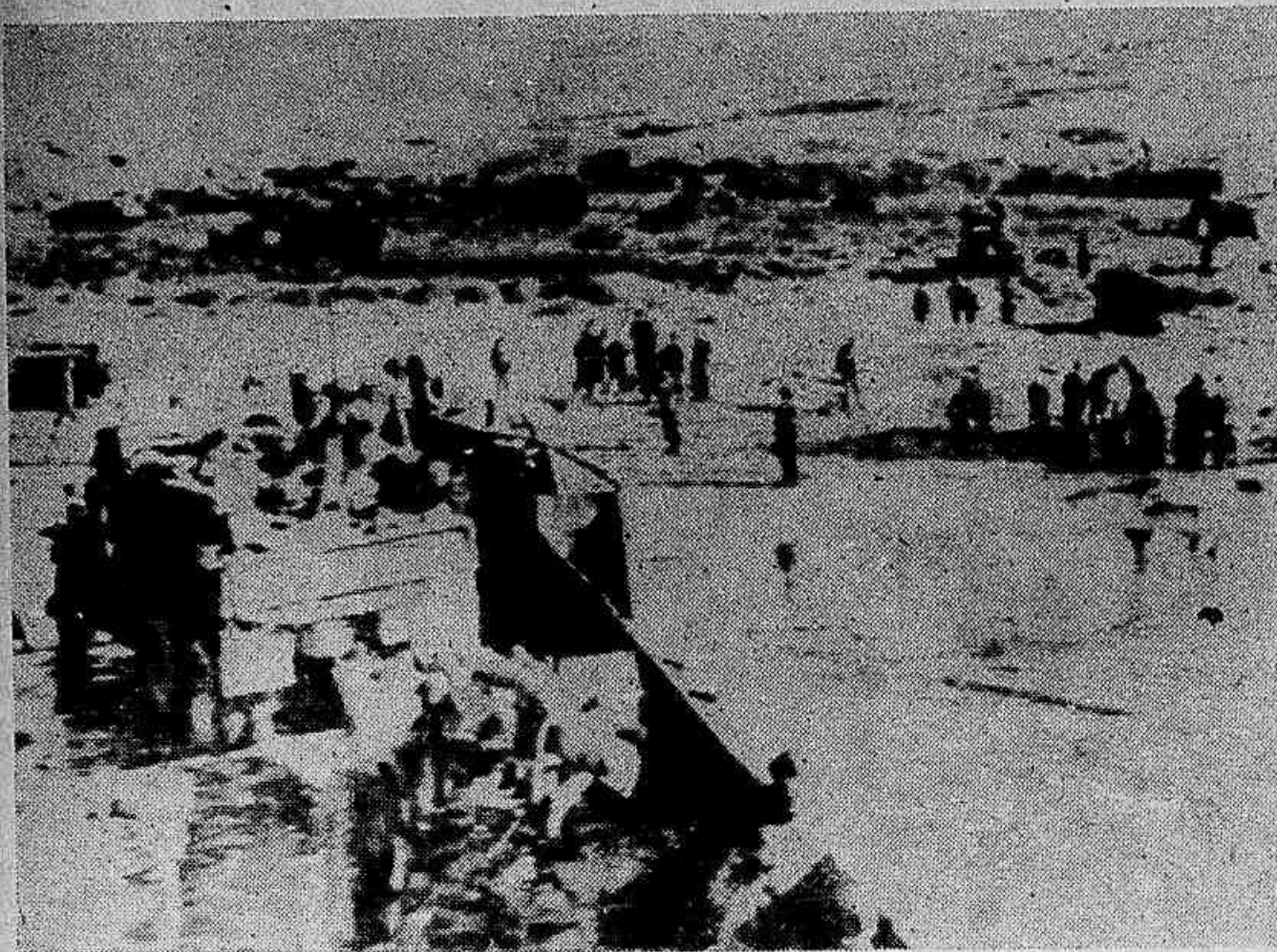
— Não! Não o amo! Está enganado, deixe-me — Não o quero amar! Não o devo amar! — gemeu, angustiada, todo o seu corpo tremendo.

— Sei que me amas, meu anjo! E não há motivo por que chorar! Estou sentindo uma alegria inesperada e não acho que devamos desistir. Falarei com meu pai, e, se ele recusar, fugiremos para a América.

Ela o amava com toda a alma, e não sabia que o rapaz só, por um momento, sentiu o reflexo deste grande amor. Sincera e inocente, como era, confiava nas palavras do

(Continua na pág. 40).

A BATALHA DA Sicília



UNIDADES MOVEIS NORTE-AMERICANAS desembarcam na Sicília. Agindo com presteza e precisão, as forças norte-americanas desembarcam material pesado nas praias da Sicília. Um lanchão trás um canhão de grande calibre. Na praia podem vêr-se outras novidades que já desembarcaram.



Ao lado — O DESEMBARQUE SOB FOGO INIMIGO. Os tiros das defesas costeiras, levantam colunas d'água, entre os americanos e os carros na praia.

OS AMERICANOS DESEMBARCAM NA SICÍLIA, prontos a tudo, pesadamente armados. Esta é uma das primeiras fotografias que nos chegam do desembarque americano na Sicília.



A BASE EIXISTA DE CATANIA arde em chamas. Esta fotografia de Catania foi tomada 36 horas antes das tropas aliadas desembarcarem na Sicília. Mostra os incêndios ateados pelas bombas dos aviões.



TROPAS BRITANICAS nas praias sicilianas. Com equipamento completo sobre os ombros, os soldados deixam os lanchões e dirigem-se á terra. A corda estendida serve de guia nos desembarques.

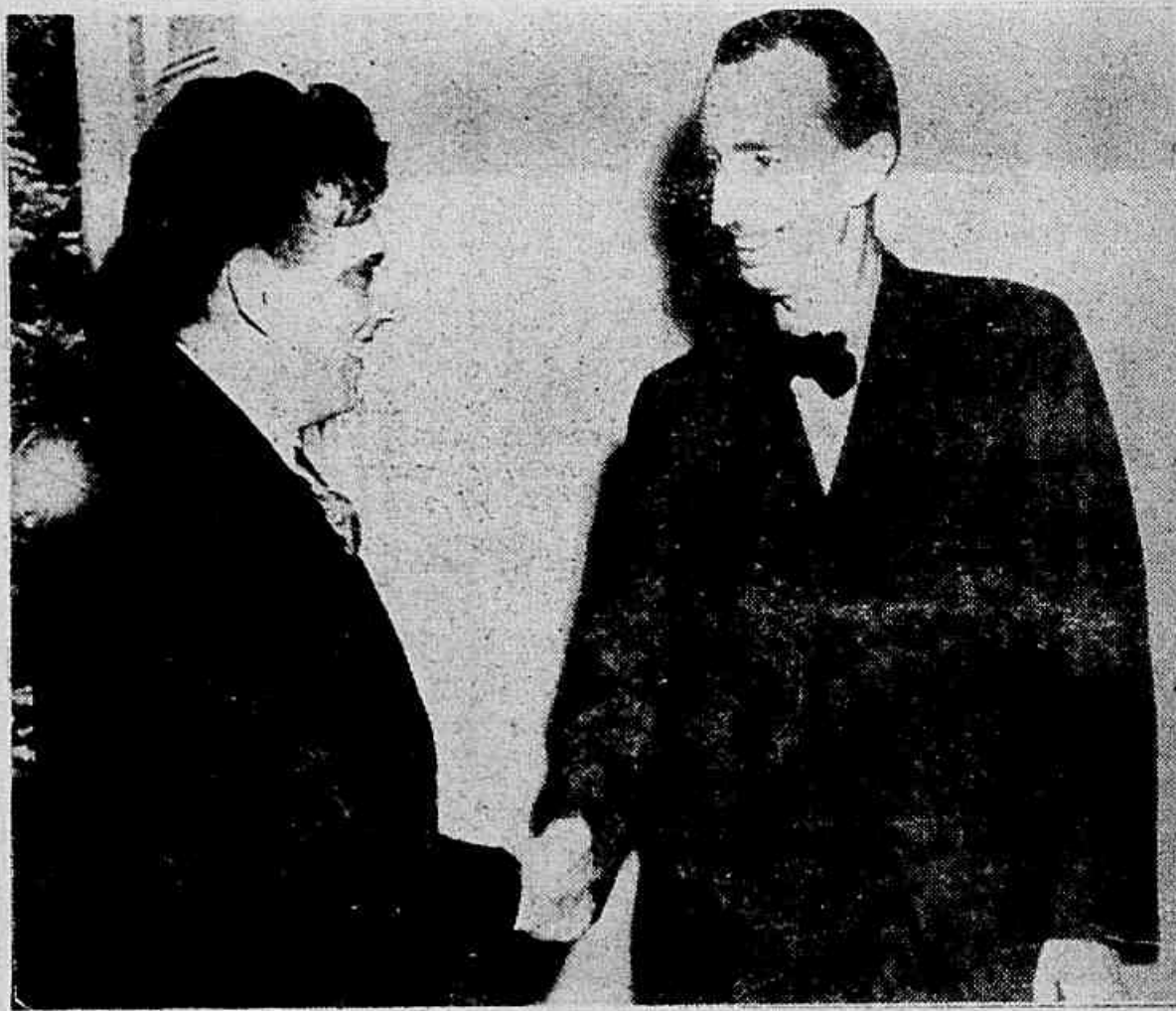
Figuras e Fatos



O CAP. AMILCAR DUTRA DE MENEZES, novo Diretor Geral do Departamento de Imprensa e Propaganda, em seu primeiro despacho com o Chefe do Governo.



MISSA CONGRATULATORIA. — Flagrantes apanhados no dia 16 do corrente, por ocasião da missa que a Santa Casa de Misericórdia do Rio mandou celebrar em regosio pela nomeação do Dr. Antônio Carlos Lafaiete de Andrada para o cargo de Desembargador.



O DR. LOURIVAL FONTES, recentemente [designado representante do Brasil no Bureau Internacional do Trabalho, é recebido na sede do B. I. T. em Montreal, pelo dr. Edward J. Phelan.

PASSOU FESTIVAMENTE O 6.º ANIVERSÁRIO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PROPAGANDA — ALMOÇO DE CONFRATERNIZAÇÃO — PASSAGEM DO MANDATO A' NOVA DIRETORIA. — Passando há dias o 6.º aniversário da Associação Brasileira de Propaganda, reuniram-se os publicitários brasileiros em almoço, no Automóvel Clube, festejando assim a data auspiciosa para quantos se interessam pela propaganda e pela classe.

O almoço, que decorreu com simplicidade e harmonia, e do qual apanhamos esta fotografia, foi presidido pelo Dr. Helio Sodré, que representou o Capitão Amilcar Dutra de Menezes, Diretor do D.I.P.

Falou o presidente cujo mandato seria passado, Sr. Alvarus de Oliveira, fazendo um rápido histórico da A. B. P., dizendo do esforço que tem sido feito pela elevação da agremiação.

Usou da palavra, também, o novo presidente que se empossara, Almério Ramos, dizendo do seu programa e dos seus propósitos de trabalhar pela classe.

Encerrando falou o Dr. Helio Sodré, pelo D.I.P., enaltecendo a comunhão de ideais havida entre os publicitários e desejando pleno êxito à nova Diretoria.





ATACADO POR AEROPLANOS, o "jeep" oferece alguma proteção para seus tripulantes: uma boa posição de tiro.

História de um carro de guerra



O pai foi uma motocicleta com "side car". Ele não podia trafegar em campos.

de que ele era apenas um brilho no olhar de sua mãe. A mãe do "Jeep" era o resolute carro de comando do exército. Seu pai foi a leve e frágil motocicleta com "side car". A finalidade de seu casamento foi produzir um carro leve mas sólido e apto aos reconhecimentos e também ao transporte de mensagens. Levando, em adição, metralhadoras ou um leve canhão anti-tank, a criança devia desempenhar funções no combate.

A criança levou muito tempo para desenvolver-se. Alguns dos seus irmãos e irmãs são mostrados nas fotografias que se seguem. Hoje, porém, ele cresceu. Apareceu em todos os campos de batalha do mundo. O General George Catlett Marshall chamou-lhe a mais importante contribuição do país à arte da guerra moderna. Soldados americanos amam-no com profunda e paterna afeição, dando-lhe nomes como "cavalinho de ferro", "matador de panzers", "Lena puladora", etc.

Na sua forma atual tem apenas ano e meio. No entanto, o exército realiza experiências consigo desde 1933, quando o comprou um pequeno carro Austin. Entre 1933 e 1940 vários carros de menor tamanho, inclusive o Ford, foram construídos e submetidos ao exército. O Howie, munido de uma metralhadora, que tornou-se o precursor imediato do "Jeep", foi construído pelo exército e não por particulares. Em 1940, três companhias de automóveis, Bantam, Ford e Willys-Overland foram comissionadas pelo governo para construir 1.500 carros cada uma, com rígidas especificações. Depois disso, o exército selecionou o "jeep" Willy como o mais prático e mandou que tanto Willys como Ford construíssem mais milhares deles... Foi assim que o "Jeep" reuniu-se ao exército.

Como mostram as fotografias, o "Jeep" pode ser pequeno, mas possui grande poder de ação. Tem um mecanismo de quatro cilindros, 11 pés de comprimento, 40 polegadas de altura e 62 polegadas de largura. Custa 875 dólares. Leva normalmente três passageiros, dois na frente e um atrás se necessário, capacidade de 15 galões e faz 16 milhas por galão.

Como todas as crianças, o "jeep" conserva suas fotografias de meninice. Representam a espécie de fotografias tomadas logo após seu nascimento que incendiaram a imaginação de um país motorizado.

Foi designado primeiramente para reconhecimentos. Tornou-se logo muito mais importante. Com metralhadoras de calibre 30 ou 50 é um bom veículo de combate. É também usado no transporte de um canhão anti-tank de 37 mm. Equipado com uma roda de arame, afim de lançar fios telefônicos, é empregado muitas vezes pelo Corpo de Transmissões. Para combóios é o mensageiro e polícia ideal. Nas Forças Blindadas transporta um canhão de 37 mm. e atira contra os "tanks" inimigos. É útil na perseguição de paraquedistas inimigos. Na cavalaria, está gradualmente tomando o lugar do cavalo. O segredo deste sucesso é que ele pode ir em qualquer parte. Pode abrir caminho na

ESTA é a história da vida de um carro. Embora pareça ficção, é verdadeira. Às vezes é inspirada, às vezes heróica ou humorística. É a história de uma maravilhosa personalidade cujo dinâmico aparecimento no mundo militar foi mais excitante que a chegada de Hedy Lamarr em Hollywood. É a história do arrogante, vibrante e inacreditável "jeep" do exército americano.

Velhos amigos da família do "Jeep" gostam de dizer que se lembram



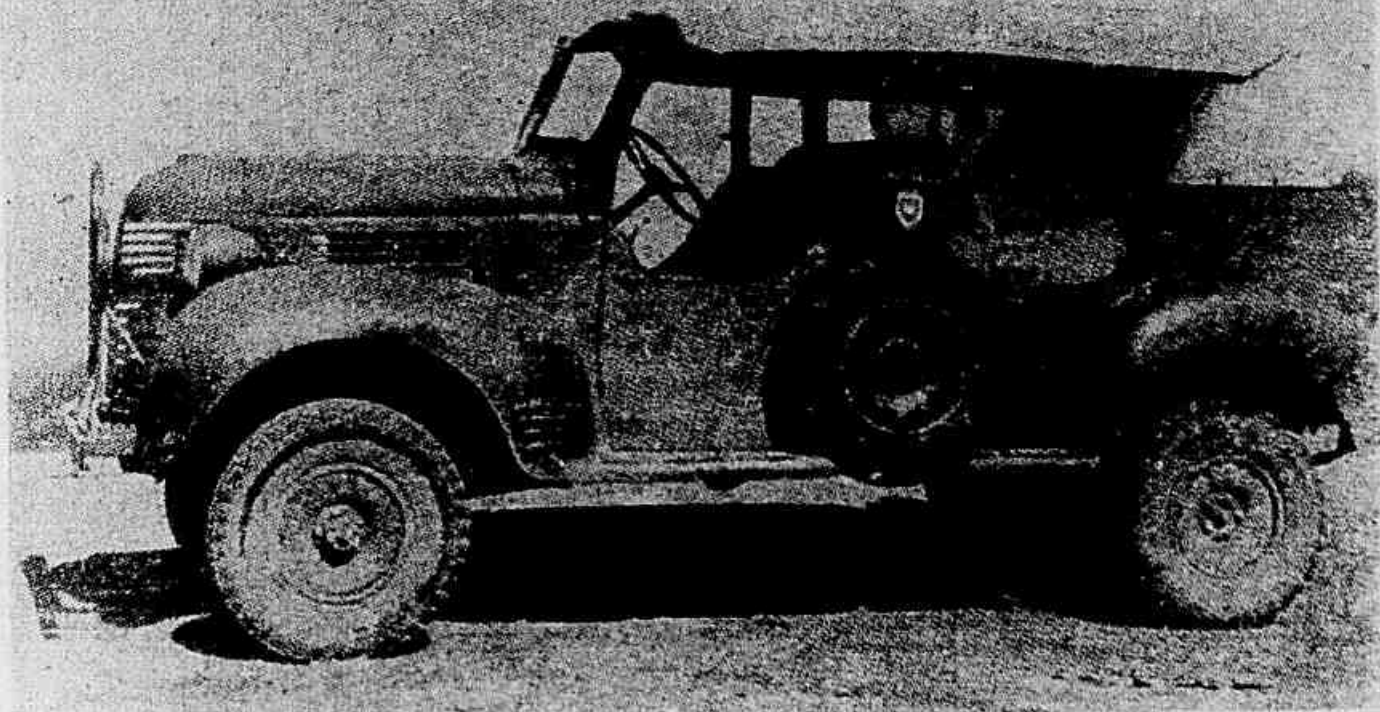
Fuza também um canhão anti-tank de 37 mm. Na África, os ingleses aumentaram-lhe a blindagem e usaram-no como um carro blindado.



DIRIGINDO UM "JEEP", Paul Revere em traje de palco leva uma mensagem ao Prefeito Guardia.

- O JEEP -

...a mãe...

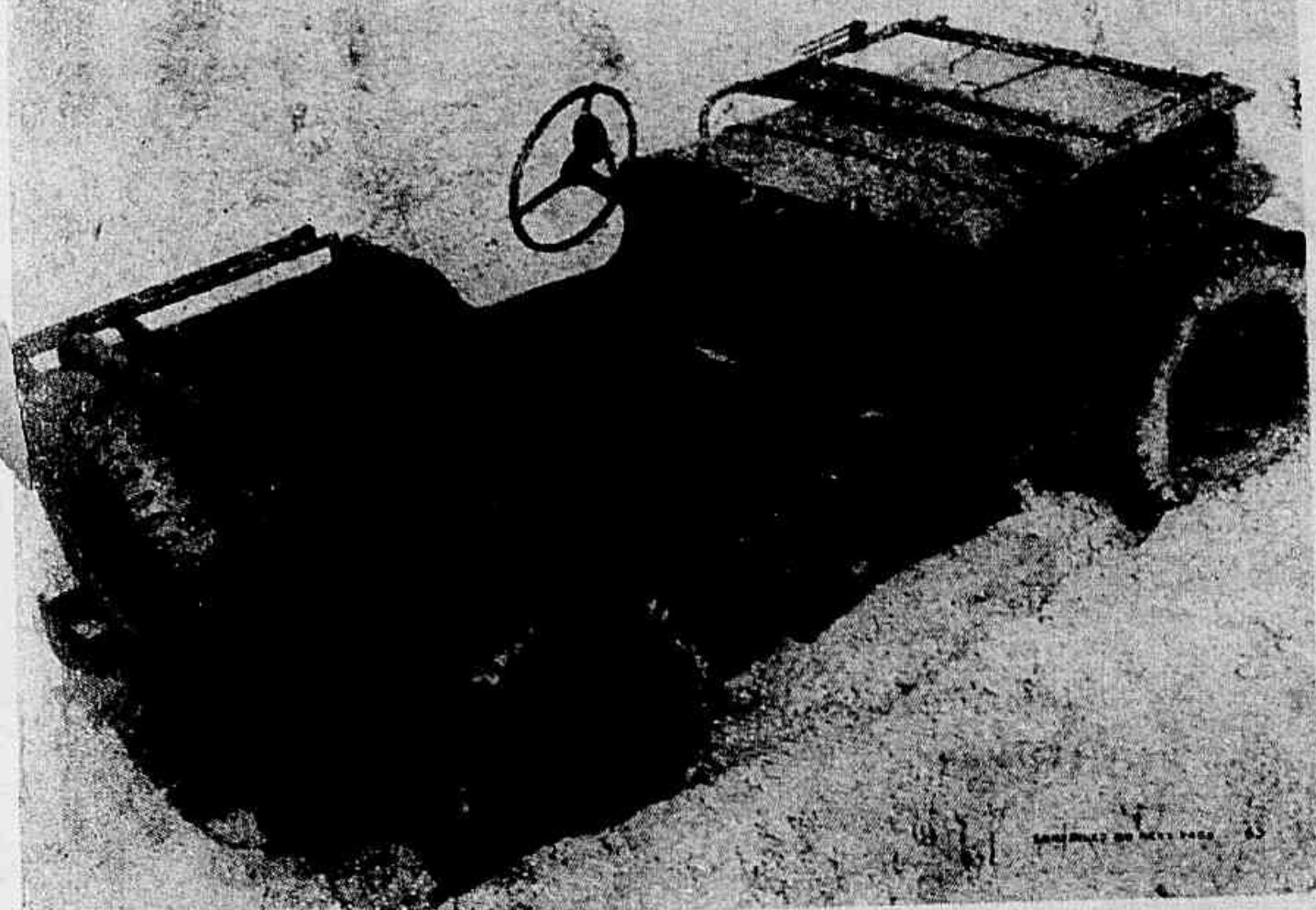


A mãe era um carro de comando. Muitas vezes ficava enterrado na lama.

lama e na neve, através de campos onde as bombas abriram crateras, ou entre as árvores de uma espessa floresta. É de tamanho pequeno de modo que pôde ser enviado por um avião de transporte. Atravessa rios, num saco de linho. Seu poderoso mecanismo empurra-o através do deserto mais arenoso. Sua silhueta baixa auxilia-o a camuflar-se de aviões inimigos.

O "jeep" já foi adaptado a todos estes usos. Com algumas modificações

...o filho!



Agora o filhinho, o "jeep" pousa para um retrato. Atraente, mas não belo, suas linhas mostram que foi criado para uma vida dura e não para o conforto.



A LINDA FAZENDEIRA que aqui vemos descobriu uma nova utilidade para o "jeep". Com ele trás as vacas do pasto



O "JEEP" LANÇA UMA CORTINA DE FUMAÇA e arremessa-se através das árvores. Atrás dessa cortina de fumaça os "tanks" podem avançar.

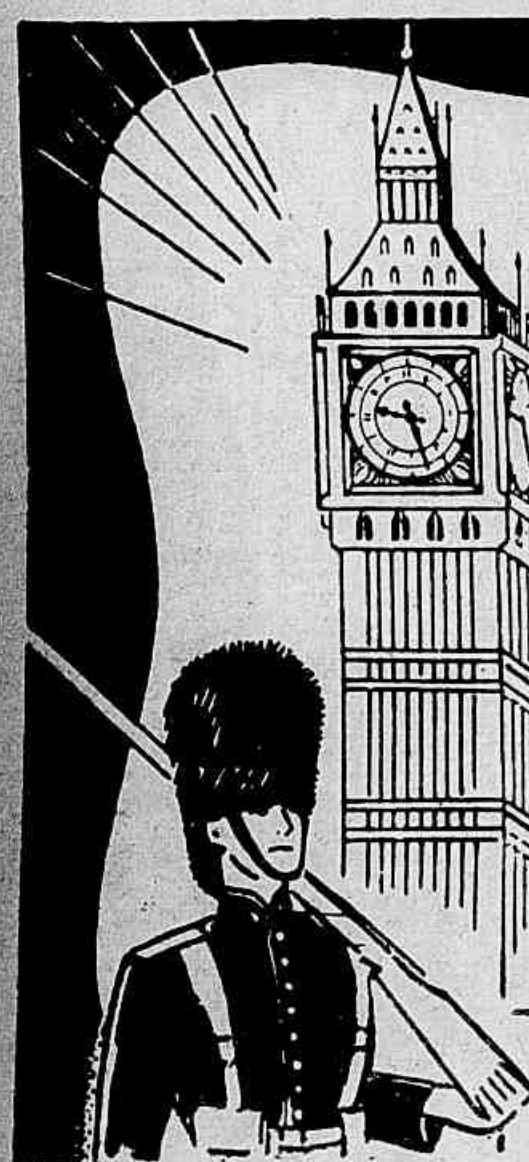
poderá servir a muitos mais. Naturalmente um prodígio como o "jeep" não poderia conservar-se dentro das fronteiras dos EE. UU. Todos os aliados necessitaram dele e usaram-no. Hoje circula em toda a parte — na Rússia, China, Inglaterra, Austrália, Índia e Egito. Foi um dos poucos veículos que conseguiu abrir caminho na intrincada selva de Burma. Nas Filipinas lutou até o trágico e amargo fim.



Além disso, o "jeep" atua como um carro telefone para o Corpo de Transmissões. Pode também ser equipado com rádio e conservar o contato com o quartel general em todas as partes onde for.

De São Paulo





BIG BEN.

ACERTE SEU PALADAR
FUMANDO **BIG BEN**

Agora **BIG BEN**, também é um
novo produto da tradicional
FÁBRICA DE CIGARROS "SUDAN" S/A
Distribui muitos Cheques
Maço Cr\$ 1,20 — Tipo Americano



São Paulo que canta a sinfonia do progresso nos carros chiando no asfalto, nos aviões rasgando o chumbo do céu, de garôa e no trepidar das fábricas e das usinas, ainda é o São Paulo que comemora junho, homenageia S. João e S. Pedro nas suas festas típicas, onde há, ainda, muito de "folk-lore" e de tradição.

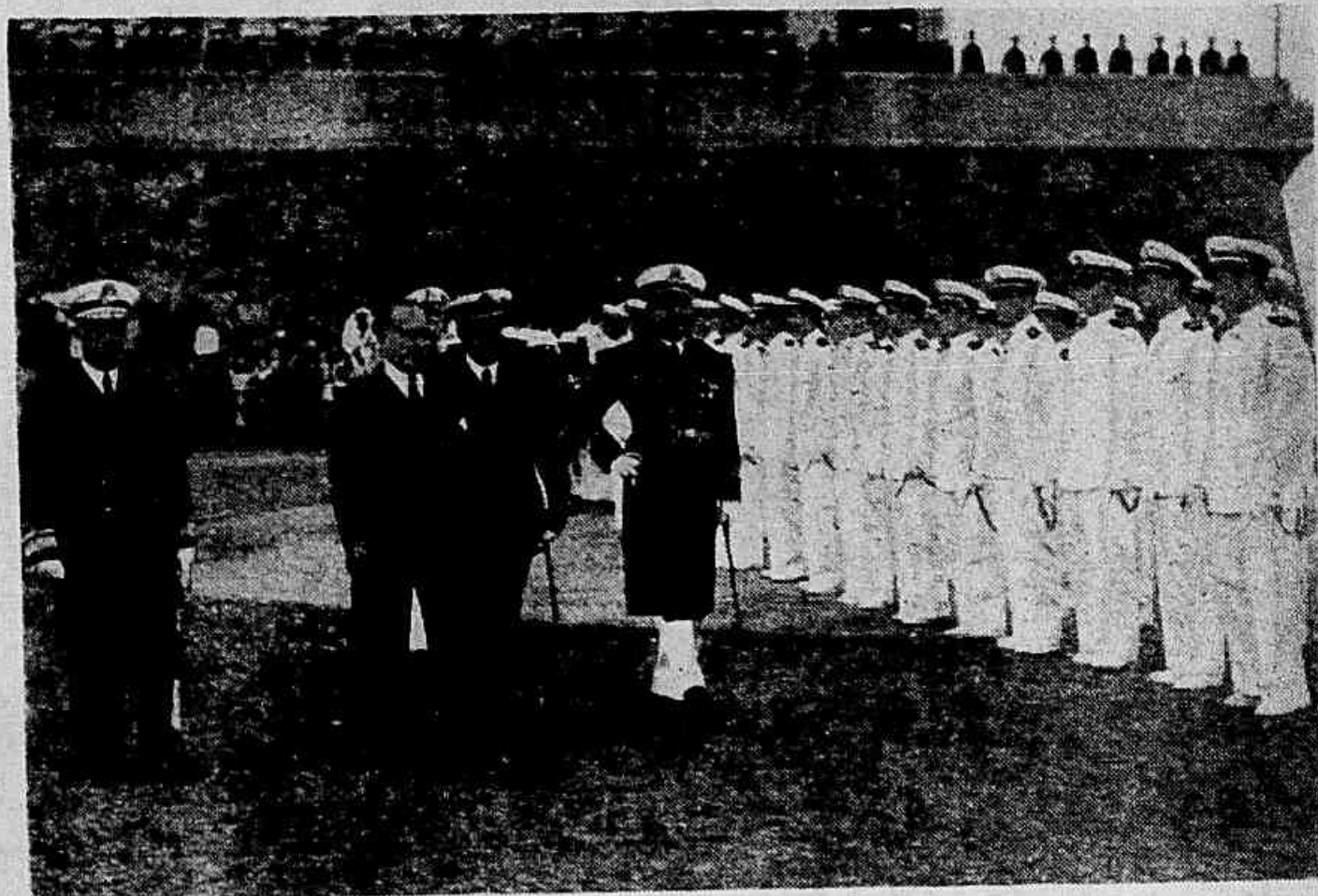
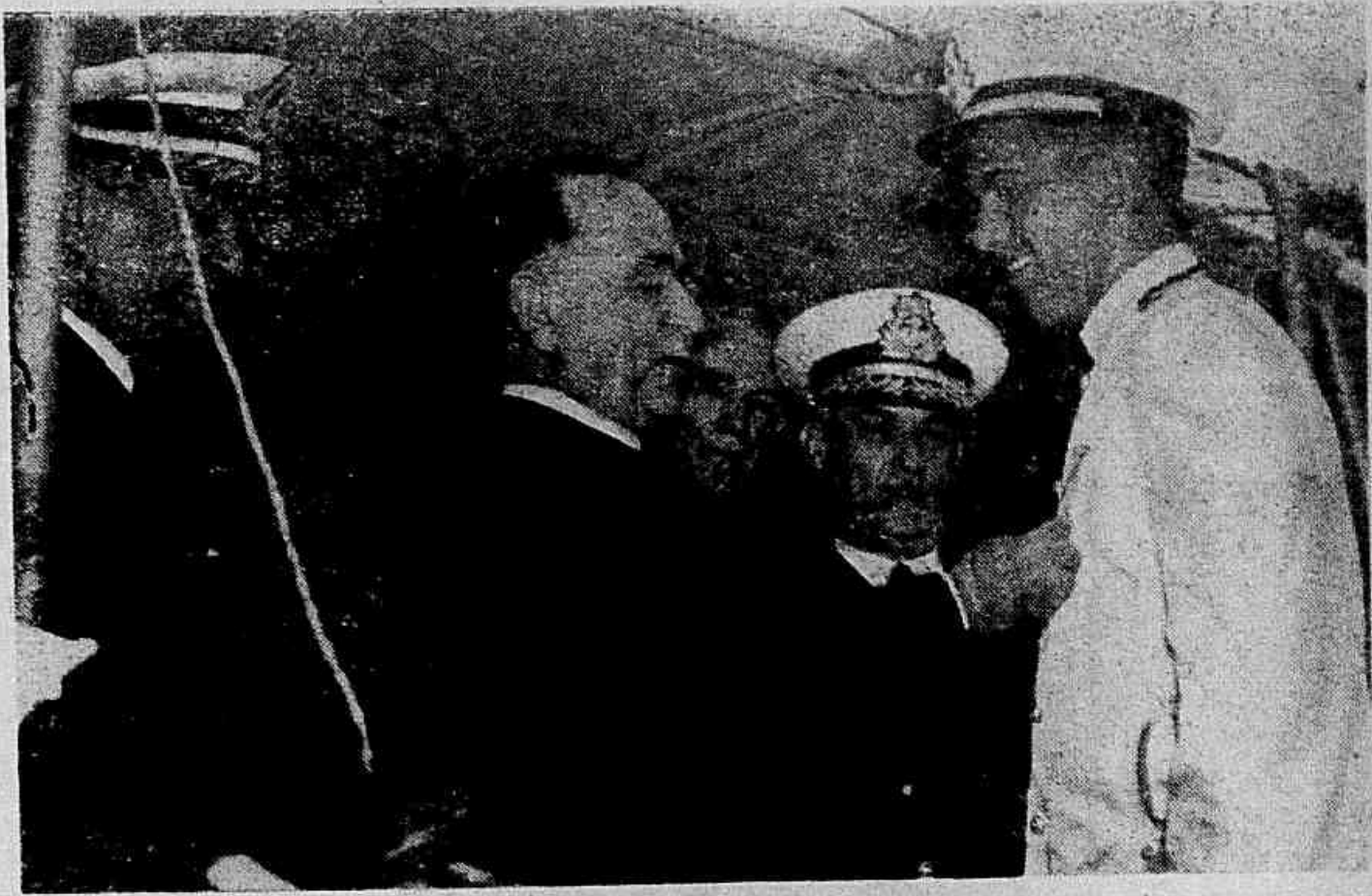
As festas joaninas de 43 não tiveram balões coloridos, pipocar de fogos e clarões de fogueiras; mas os clubes da paulicéia, pelo toque mágico da ornamentação, regrediram para o "tempo de dantes" e o paulistano fantasiado de matuto se divertiu muito evocando o antepassado remoto.

Nas fotografias que publicamos se nota a animação e a alegria que assinalaram essas festas, índice de que o paulista que se caracterizou pelo seu trabalho e dinamismo, também sabe se divertir.

Sentinelas dos Mares

Com a presença do Presidente da República, do ministro da Marinha, representantes de outras pastas e altas autoridades civis e militares realizou-se dia 17 passado, na Escola Naval, a cerimônia de entrega das espadas a 42 novos guardas-marinha.

Ao guarda-marinha Luiz Gorzaga L. Dutra, primeiro da turma, o Chefe do Governo fez a entrega da espada e dos prêmios "Henrique Lage" e "Faraday", que conquistou. Coube ao segundo aluno da turma, guarda-marinha Roberto Maurell Lobo Pereira, o prêmio "Cruzada Nacional de Educação".



Como vem sendo feito todos os anos, constituindo isso já uma tradição, os novos guardas-marinha depositaram os espadins que usavam como aspirantes, na mesa onde se encontrava um fragmento do mastro da gloriosa fragata "Amazonas".

A troca das platinas foi feita, como de praxe, pelas respectivas madrinhas.

A seguir os novos guardas-marinha cantaram pela primeira vez o seu novo hino "Sentinelas do mar".

"Marinheiros! Avante!
Vencer ou então morrer!
"O Brasil espera"



Que cada um cumpra o seu dever!"

E terminaram em altíssimo:

"Nós somos os Sentinelas dos
Do glorioso Brasil!"

No dia 21, na igreja da Candelária realizou-se a cerimônia da bênção das espadas dos novos guardas-marinha.

A pomposa cerimônia, oficiada por D. Mamede da Silva, bispo titular de Sebaste, compareceu o nosso alto mundo social.





Jockey Club mundano



O *meeting* turfístico realizado domingo ultimo no Hipodromo da Gavea foi mais uma brilhante afirmação do prestígio desfrutado pelo nobre esporte no seio da nossa elite.

Durante as sensacionais carreiras dessa tarde de grande elegancia, o reporter fotografico da REVISTA DA SEMANA passeou pela *pelouse* do grandioso hipodromo, colhendo os sugestivos flagrantes que aqui reproduzimos.



Traviata



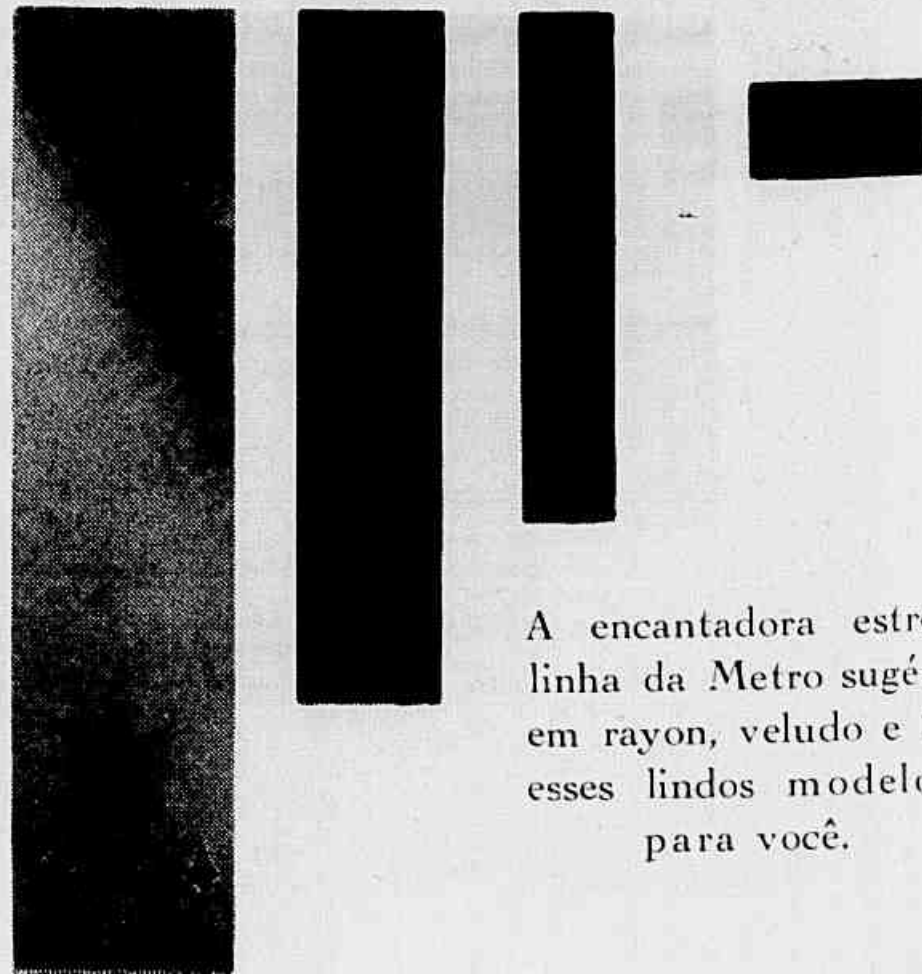
Pela melodia atra-
ente e pela inter-
sidade romântica
do seu enredo
"Traviata" de
Verdi é uma das
óperas mais queri-
das por todos os
que apreciam o
gênero lírico. Com
certeza você não
fará exceção e para
ouví-la, no ambi-
ente "refiné" do
Municipal seria de
muito bom gosto
apresentar-se com
qualquer desses
penteados apre-
sentados por Ale-
xis Smith e Nancy
Coleman (Warner)
e Pamela Blake
(Metro).



RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

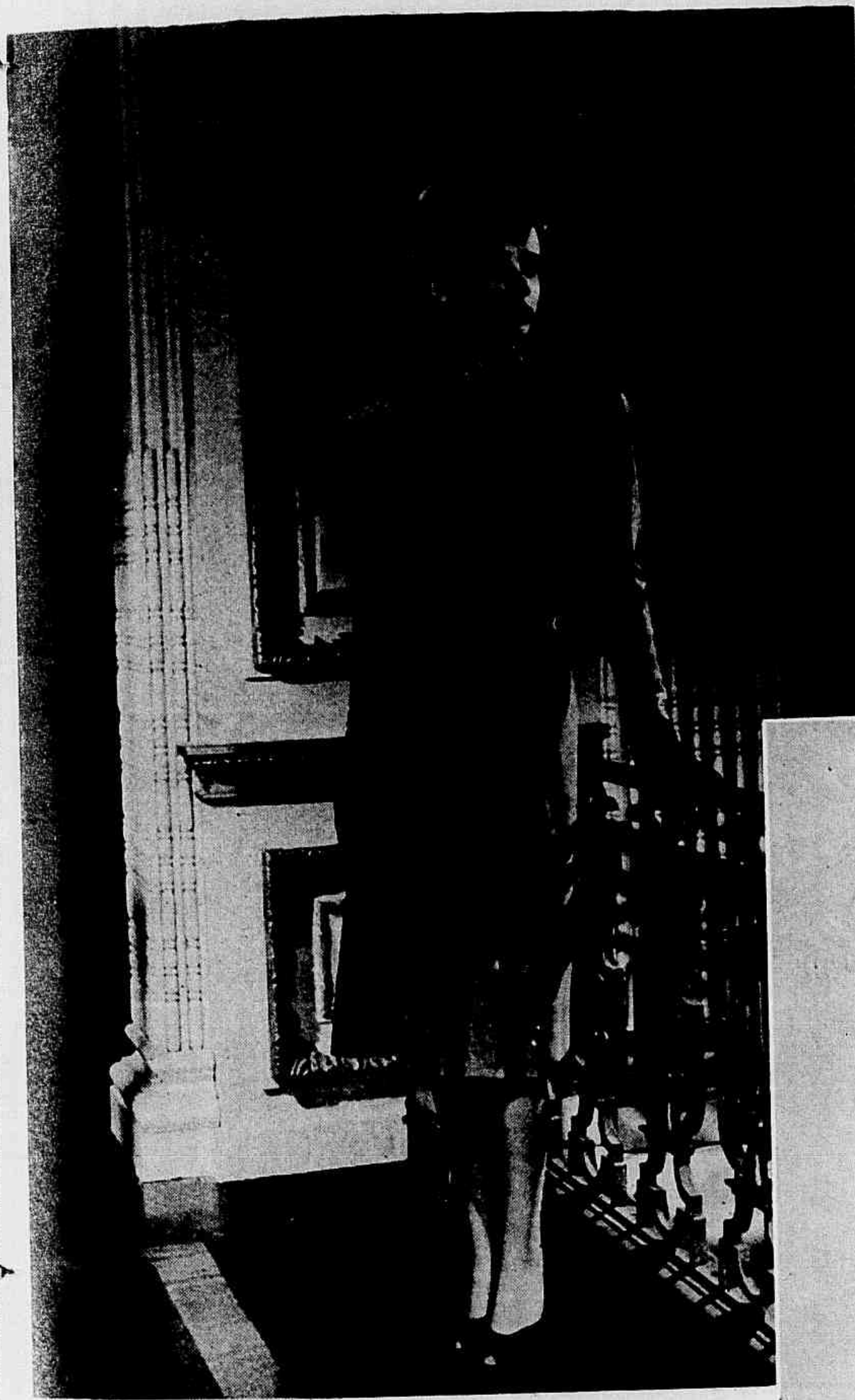
Bonbons
VITÓRIA RÉGIA
Cerejas ao
Marrasquino
OS MAIS CAROS
Incontestavelmente os
melhores.

Susan Peters



A encantadora estrelinha da Metro sugere em rayon, veludo e lã esses lindos modelos para você.

Sugere...



Fotos gentilmente
enviados pela
"Metro" como
exclusivos em
todo o Brasil.



“DRAWING-ROOM” ESTILISADO

EIS aqui um modelo de sala de visitas mobiliada com um luxo severo e distinto. Os moveis estilizados imitam um ambiente de clima frio, para o que concorre tambem a lareira, de grande efeito ornamental, ao lado da qual estão colocadas duas poltronas.

Vê-se que a ornamentação deste *Drawing-room* foi confiada a um decorador inteligente, que soube aproveitar com arte todo o espaço, para a distribuição do mobiliário e das tapeçarias.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES
OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGORA SOMENTE

65 · RUA DA CARIOCA · 67

NAO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS

O PORTA-BANDEIRA

Conto do escritor francês
ALPHONSE DAUDET

I

O regimento batia-se ao alto duma barreira de estrada de ferro e servia de alvo ao exército prussiano colocado em frente, sob o arvoredor. As tropas fuzilavam-se uma à outra, a oitenta metros de distância. "Deitem-se!" gritavam os oficiais. Mas ninguém obedecia. Os soldados continuavam de pé, cercando a sua bandeira. Contra o horizonte de sol posto, de trigais maduros, de postos verdejantes, aquela massa de homens, em volta em fumo, dava a impressão dum rebanho surpreendido na charneca pelo primeiro turbilhão duma tempestade.

Sobre a barreira chovia ferro. Só se ouvia o crepitar da fuzilaria, as balas que vibravam longamente dum extremo ao outro do campo de batalha, como as cordas retidas dum instrumento sinistro.

De vez em quando, a bandeira, que se erguia acima das cabeças, batida pelo vento da metralha, sossobrava na fumarada. Então uma voz dominava a fuzilaria, as pragas dos feridos: "A bandeira, rapazes! A bandeira!" Logo um oficial se arremessava, vago como uma sombra naquele nevoeiro avermelhado, e o heroico emblema, redivivo, flutuava sobre a batalha.

Vinte e duas vezes ela caiu! Vinte e duas vezes, a haste ainda tépida, que se escurava para duma pobre mão moribunda, foi apanhada e reerguida; e quando ao crepúsculo, o que restava do regimento — um punhado de homens — bateu lentamente em retirada, a bandeira era um frangalho nas mãos do sargento Hornus, o vigésimo terceiro que naquele dia tomava conta dela.

II

O sargento era uma velha azémola com três adivisas, que mal sabia assinar o nome e levava vinte anos a conquistar a patente de oficial inferior. Todas as misérias do enfeitado, todo o embrutecimento do quartel se estampavam naquela fronte estreita e obtusa, naquele dorso vergado pelo saco do uniforme, naquele porte inconciente de soldado na fileira. Além disso, Hornus era um tanto gago... Mas os porta-bandeiras não precisam de ser eloquentes. Na noite mesma que se seguiu à batalha o coronel lhe disse:

— Ficaste com a bandeira, meu valente... Guarda-a bem, ouviste?

E no seu pobre capote de campanha, mil vezes castigado pela chuva e pelo fogo, a cantineira coseu a toda a pressa a divisa de ouro de segundo-tenente.

Foi o orgulho único daquela vida humilhada. A estatura do velho soldado subitamente se aprumou. O pobre diabo, que se acostumara a marchar curvado, de olhos no chão, passou a ostentar uma fisionomia altiva, com os olhos sempre levantados para verem aquele farrapo heroico bem firme, bem alto, acima da morte, da traição, da derrota.

Não podia haver homem mais feliz do que o segundo-tenente Hornus quando, nas batalhas, empunhava a bandeira com o cabo bem fincado no estojo de couro. Não falava. Não se movia. Grave como um sacerdote, dir-se-ia haver nele realmente alguma coisa de sagrado. Toda a sua força, toda a sua vida se concentrava nos dedos crispados na haste dourada e nos olhos cheios de desafio que pareciam dizer aos prussianos:

— Venham m'a tirar, se são capazes!

Ninguém realmente lh'a tirou, nem mesmo a morte. De Borny, de Gravelotte, das batalhas pavorosamente mortíferas, a bandeira saía cada vez mais esburacada, mais transparente de rasgões; mas era sempre o velho Hornus que a empunhava.

III

Chegou Setembro, o bloqueio, a longa alta na lama, em que os canhões se enterravam e as primeiras tropas do mundo, desmoralizadas pela inação, a falta de viveres e de notícias, morriam de febre e de tédio ao lado das armas ensarilhadas. Nem chefes nem soldados, ninguém acreditava em dias melhores; só o velho Hornus confiava ainda. O farrapo tricolor lhe bastava; e, como este continuava com os Franceses, parecia-lhe que nada ainda estava perdido. Infelizmente, como já não havia combates, o coronel guardava a bandeira consigo, num arrabalde de Metz; e o excelente Hornus sofria como pode sofrer a mãe que tem o filho a criar em casa da mãe. Pensava na bandeira continuamente. Quando a saudade o afligia mais, ia a Metz; e só de a ver no mesmo lugar, encostada à parede e bem socegada, o tenente voltava cheio de coragem, de paciência, trazendo para a tenda encharcada sonhos de batalha, de marcha à frente, com as três cores desdobradas e frementes sobre as trincheiras prussianas.

Uma ordem do dia do general Bazaine atirou a terra essas ilusões. Certa manhã, ao acordar, Hornus viu o campo em agitação, os soldados aos grupos, excitados, com gritos de indignação como se a sua cólera designasse um culpado. Bradavam: Agitem-

no! Fuzilem-no! E os oficiais não impediam essas expansões. Caminhavam à parte, de cabeça baixa, como envergonhados diante dos seus homens. Com efeito, era vergonhoso. Acabavam de ler a cincoenta mil soldados válidos, bem armados, a ordem do marechal que os entregava ao inimigo, sem combate.

— E as ban... ban... bandeiras? perguntou Hornus, pálido como a cera.

As bandeiras eram entregues com o resto, as espingardas, o que restava das equipagens, tudo...

— Com... com mil raio! gaguejou o cottado. — A mi... mi... minha eles não hão... hão de levar!

E largou a correr para a cidade.

IV

Também lá havia grande agitação. Guardas nacionais, burgueses, guardas móveis vociferavam. Passavam delegações alvoroçadas a caminho da casa do marechal. Hornus não via, não ouvia coisa nenhuma. Ia falando sozinho:

— Tirem-me a bandeira, a minha bandeira! Será possível? Terá alguém esse direito? Dê o Marechal aos Prussianos o que é dele, os seus coches dourados, a baixela de prata trazida do México... Mas isto, não! É meu! É a minha honra! Não consinto que lhe toquem!

Essas frases eram recortadas pelo estorço da caminhada e pela gagueira. Mas o velho tinha lá a sua idéia. Idéia bem clara, bem firme: deltar a mão à bandeira, levá-la para o meio do regimento e de lá arremeter contra os Prussianos com aqueles que o quizessem acompanhar.

Mas na residência do coronel uma surpresa o esperava. Não o deixaram sequer entrar. O coronel, furioso ele também, não queria ver pessoa alguma. Hornus, porém, berrava, praguejava, empurrava o soldado de plantão...

— Mi... i...inha bandeira. Quero a mi...mi...inha bandeira!

Por fim, abriu-se uma janela:

— E's tu, Hornus?

— Sim, meu coronel, eu...

— Todas as bandeiras estão no arsenal. Vai lá, se queres, e te darão um recibo.

— Recibo? Pa...pa...para que?

— É a ordem do marechal.

— Mas... mas...

— Não me aborregas!

E fechou a janela.

O velho Hornus cambaleava como se estivesse embriagado. "Recibo... recibo", repetia, maquinalmente... Por fim, desatou a andar, só querendo saber duma coisa: que a bandeira estava no Arsenal e ele tinha de a reaver, custasse o que custasse.

V

As portas do Arsenal estavam inteiramente abertas, para deixar passar os carros prussianos alinhados no pátio. Ao entrar, Hornus teve um arrepio. Todos os outros porta-bandeiras ali estavam, cincoenta ou sessenta oficiais, acabrunhados, silenciosos; e, sob o chuvisqueiro, aqueles carros escuros, aqueles homens agrupados atrás, de cabeça descoberta... Parecia um enterro.

A um canto, todas as bandeiras do exército de Bazaine se amontoavam, confundidas, sobre o chão lamacento. Nada mais triste que esses farrapos de seda vistosa; esses restos de franjas de ouro e de hastes trabalhadas; todo esse apetrechamento glorioso, atirado por terra, enxovalhado pela chuva e a lama. Um oficial de secretaria tomava as bandeiras, uma a uma, e, ouvindo nomear o seu regimento, cada porta-bandeira se adiantava, para lhe darem o recibo. Rígidos, impassíveis, dois oficiais prussianos fiscalizavam o serviço.

— Hornus! E's tu, estão te chamando... Vai buscar o teu recibo...

Que lhe importava o recibo! A bandeira estava diante dele. Era bem a sua, a mais bela, a mais mutilada de todas... E, ao revê-la, Hornus teve a impressão de estar lá em cima, na barreira... Ouvia o assobiar das balas, o estrondear das granadas, a voz do coronel: "A bandeira, rapazes!" Depois, os vinte e dois camaradas caindo sucessivamente e ele, o vigésimo terceiro, precipitando-se para erguer, firmar a bandeira martirizada... Nesse dia, jurara guardá-la, defendê-la até à morte. E agora...

A tal idéia, todo o sangue do coração lhe subiu à cabeça. Tonto, perdido, atirou-se ao oficial prussiano, arrancou-lhe dos braços o estandarte bem amado; tentou erguê-lo ainda, bem alto, bradando: "A ban"... mas o grito parou-lhe na garganta. Sentiu a haste estremecer, escorregar-lhe das mãos. No ar parado, exausto, no ar de morte das cidades que se renderam, não se podiam agitar as bandeiras, nada de altivo podia viver... E o velho Hornus caiu, fulminado.



A ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS em sua última sessão, em continuação ao Curso de Camões, ouviu a palavra do Comandante Olavo Dantas sobre "Camões, poeta do mar" e "algumas rimas de Camões", declamadas por Margarida Lopes de Almeida. São flagrantes dessa solenidade as fotografias que publicamos.

Noticiário Elegante



ENLACE MATRIMONIAL — Sta. Anadyr Gomes de Carvalho-Mario Henrique Nacinovic. Flagrante fotográfico do enlace matrimonial da Srta. Gomes de Carvalho, filha do dr. Adalberto Gomes da Carvalho, e d. Alice Stockler de Carvalho com o sr. Mario Henrique Nacinovic, engenheiro da Companhia Metalurgica, no dia 10 do corrente. Pose tomada na residência dos pais da noiva, logo após a cerimonia religiosa.

ANIVERSÁRIOS:

Dia 31:

Senhoritas: — Arlete da Silva Castro, Ligia de Sá Germano e La s Braga de Souza.

Senhores: — Majores Gustavo de Faria e Azer Batista da Silva dr. Antonio Pinto da Silva e o jornalistas Jarbas de Carvalho.

Dia 1:

Senhora: — Matilde Fonseca de Macedo Soares.

Senhores: — Consul Oscar Correia, dr. Pedro Aleixo e o sr. Cepisio Moreira da Costa Lima.

Dia 2:

Senhoras: — Herminia Color, viuva do dr. Lindolfo Color e Virginia Lazaro festejada declamadora.

Senhores: — Cel. Edgard de Oliveira, drs. Valdemar de Carvalho, Marshal Torres de Lacerda, João Clapp Filho e Lauro Pietsch.

Dia 3:

Senhora: — Lidia Erse, e se-

nhorita Maria Ana de Moraes Paiva.

Senhores: — Major Eleutério Brum Ferdich, drs. Odilon Braga ex-ministro da Agricultura e Hugo Soares.

Dia 4:

Senhora: — Costa Rego e senhorita Neida Vieira.

Senhores: — Cel. Aristarco Pessoa Cavalcanti de Albuquerque consul Raul Bopp e major Juracy Magalhães, ex-interventor federal na Baía.

Dia 5:

Senhores: — Professor Mozart Monteiro, dr. Mario Pinto Peixoto, Arnaldo Correia de Soles e o jornalista Alberto Máximo de Almeida.

Dia 6:

Senhorita: — Magali Soares Ribeiro.

Senhores: — dr. Generoso Ponce Filho, dr. Luiz Mezanila e o jornalista José Irineu de Souza.

Diplomáticas



O SR. RUBEN TERRAZAS, ministro da educação da Bolívia em visita ao Palácio Itamarati.



O SR. ALBERTO JARAMILLO, novo embaixador da Colômbia, quando desembarcava no aeroporto Santos Dumont.

MAU HALITO produzido pela fermentação

ODORANS

O DENTIFRÍCIO MEDICINAL

A fermentação das partículas de alimento, que ficam nos interstícios dos dentes, é a principal causa do mau hálito.

Destrua esse mal com o uso de Odorans — o dentifrício medicinal, de alto poder germicida — que impede a fermentação e elimina o mau hálito.

Faça bochechos e gargarejos com uma solução de Odorans pela manhã, à noite e após as refeições, para completa assepsia da boca.

**2 HORAS
APÓS AS
REFEIÇÕES**

Conselho de Beleza

Com todo o respeito devido aos poetas, admitamos que os olhos de uma mulher são feitos, antes de tudo, para ver. Bem podem ser o aspecto mais eloquente de sua beleza e seu encanto — mas só enquanto as partes que trabalham são conservadas num estado de saúde e claridade.

Negligência e esforço excessivo dos olhos produzirão inflamações, pés de galinha e rugas perfeitamente visíveis.

A principal causa da tensão visual em pessoas cuja vista requer correção, é o hábito de andar sem óculos. O Instituto da Melhor Visão, cuja tarefa é a pesquisa sobre o assunto, informa que cerca de uma mulher em cinco necessita óculos. Atualmente, apenas uma em dez os usa. Uma boa parte deste descuido deve ser atribuído a vaidade.

E, contudo, autoridades em beleza repetem a opinião do oculista de que as rugas faciais que resultam da falta de óculos são muito mais feias do que estes.

Até as moças que não usam óculos terão muitas vezes ocasião de proteger seus olhos. A opinião médica mais recente é que quanto menos colírios puser em seus olhos tanto melhor. Si aparecerem dores de cabeça em consequência da fadiga ou da luz muito forte, — o melhor remédio, — segundo as autoridades da Melhor Visão — é a simples aplicação de compressas quentes.

Tiras macias de algodão humedecidas com água quente são um remédio satisfatório, embora às vezes um pouco mais complicadas (como o saquinho de ervas e perfumes de Katleen Mary, por exemplo) sejam bastante agradáveis.

Banhos dos olhos — feitos com um recipiente ou um conta-gotas — não se recomendam exceto no caso de prescrição especial. Si apanhou um grão de poeira em algum canto de rua onde o vento era mais forte, o que ha a fazer é fechar suas pálpebras e lavar todo o contorno dos olhos com um pedaço de algodão, delicadamente como os olhos de uma criança. Os flúidos naturais se ocuparão do res-

to e não devem ser diluídos. O lava-olho Azisa é feito especialmente para isso, com água de rosas e camomila e ácido bórico.

Uma vez que pôs seus olhos em condições de saúde, trata-se de aumentar-lhe a beleza com o "make-up". As sobrancelhas, por exemplo, de-

vem receber contornos perfeitos. As piças improvisadas, semelhantes a um "forceps", são de uso fácil e indolôres. A extremidade interna da sobrancelha devia ser trazida diretamente em cima do canto interno do olho, e tudo que se tirar deve ser tirado do lado inferior). Isto é especial-

mente exato si você usar óculos, porque a sobrancelha arqueada cria um acento de interesse sobre as bordas superiores. Para sobrancelhas pálidas, o salão Primorose recentemente instalou um departamento no qual se cuida especialmente da maneira de embelezar os olhos.

DOR de ESTOMAGO?

AZIA - MÁ DIGESTÃO
DISPEPSIA - ULCERAS

Papeis

BANKETS



LEX 266425

Acontece em Hollywood



1 e 2 — Os almirantes cuidam das crianças, e muito bem, como podem observar. Ali estão Bob Taylor, Brian Donlevy, Charles Laughton e Walter Brennan exemplificando como os soldados de Uncle Sam tratam os pequeninos orfãos de guerra. (Fotos gentilmente cedidos pela Metro exclusivos para a Revista da Semana). 3 — Joan Crawford num intervalo da filmagem faz um "sweater" de tricot para seu esposo Philips Terry.



Frescor DELICIOSO!



É possível sentir na boca uma deliciosa sensação de frescor, sempre que desejar — basta escovar os dentes com Creme Dental Squibb. É uma verdadeira delícia, por causa do seu esplêndido sabor — refresca a boca, purifica o hálito e os dentes não só PARECEM mais limpos — ESTÃO mais limpos. O Creme Dental Squibb foi preparado com a cooperação de odontólogos a fim de lhe dar um dentífrico garantido e puro para uso diário — um eficiente colaborador doméstico dos cuidados profissionais do seu dentista. É submetido a não menos de 100 provas antes dos Laboratórios Squibb permitirem sua venda. Um elemento importante de sua fórmula é o eficaz anti-ácido que contém — Leite de Magnésia Squibb. Experimente Squibb — hoje mesmo.

Creme Dental Squibb

ESCOVA ANGLE SQUIBB

Recurvada em ângulo adequado para atingir por igual os interstícios e a superfície de TODOS os dentes. Fios da mais alta qualidade — eficientes — duráveis.



"BABIES" PLANEJAM DIABRURAS...



Patty Hale (a lourinha da **WARNER**) então nem se fala... é um diabinho perfeito mesmo quando se apronta para sair e faz carinha de anjo. A outra, Margaret O'Brien (a estrelinha da **METRO**) parece mais socegada.

Mas, cuidado! Essas sonsinhas fazem cada uma...!

Enfim aí estão elas planejando diabruras e fornecendo, ao mesmo tempo, sugestões de penteados e vestidos para as mamãs brasileiras.



Penumbra.



Numa sucessão de encantamentos, para a hora envolvente da penumbra, Bette Davis e Nancy Coleman (Warner) apresentam-se como evocações imperecíveis de distinção e elegância.



PRECISO COMPRAR
JA' UM TUBO
DE
MENTHOLATUM



MENTHOLATUM

É USADO DIARIAMENTE POR
MULTIDÕES CONTRA

RESFRIADOS

UM REMEDIO CASEIRO DE
VALOR INCALCULAVEL

Irene e seus chapéus



Excetuando a de Manuel Bandeira, que além de preta, era bondosa, em geral as Irenes que conhecemos são loiras, lindas e revelam um gosto extraordinário na aquisição de chapéus.

IRENE Manning, para não desmentir a fama que o nome lhe empresta, apresenta esses lindos modelos para você.

As "Sophisticated" na intimidade...

Julie Bishop e Irene Manning (ambas "sophisticated" da Warner) estão mostrando que também sabem ser simples, e que, na verdadeira simplicidade, está realmente a alegria de viver. Apresentam-se assim nas suas residências com graciosos vestidos caseiros.

E, sim senhor, estão positivamente de parabéns!





Um tiro na névoa

Continuação da pagina 8.

Quando saltou em terra, dirigiu-se a casa de um lavrador para alugar um carro. O labrego perguntou como acontecera aquela desgraça. A versão se formou, por assim dizer, automaticamente nos lábios de Henning: Bryde estava na margem ocidental da ilha, com a espingarda nas mãos, meio atirado num montículo de areia; o gatilho provavelmente não estava travado e devia ter-se enredado nalguma coisa que fez disparar a espingarda. Henning que não andava longe do companheiro, pôde ouvir o disparo e chamou Bryde; não obtendo resposta, assustou-se e se encaminhou ao lugar donde havia partido a detonação; não tardou a descobri-lo ao pé do montículo; porém quando chegou já ele estava morto.

Henning contou tudo isto com perfeita presença de espírito e num tom grave e aflito, e enquanto ia falando não sentia nenhuma sensação de culpa; porém quando colocaram o cadáver no carro e ele afundou na palha, quando viu que com o vai-e-vem do carro a cabeça oscilava de um lado para o outro, batendo surdamente contra as tábuas do veículo... Henning sentiu-se quasi a ponto de desmaiar; e uma opressão estranha o afogava, enquanto iam conduzindo o cadáver para Hagestedgaard.

Sua primeira idéa, depois de ter feito a entrega do cadáver, foi fugir dali, e somente com um esforço supremo conseguiu decidir-se a não se mover da casa, até que se tivesse efetuado o enterro. Durante aqueles dias, sentiu-se presa de uma agitação interior terrível; havia algo espantosamente estranho que lhe pesava no ânimo e fazia que suas idéias não se pudessem fixar em coisa alguma de concreto, senão flutuar com uma incessante mobilidade de uma coisa para outra. Este continuo e tempestuoso torvelinho de pensamentos, que ele não achava meios de deter, esteve a ponto de enlouquecê-lo, e quando se achava sozinho começava a contar ou então cantava baixo uma melodia e marcava o compasso com o pé, para encadear deste modo os pensamentos e impedir que fosse arrastado em seu incansável e vertiginoso turbilhão.

Ao fim de alguns dias realizou-se o enterro.

No dia seguinte, Henning se pôs a caminho para a casa do tio, o comerciante de madeiras, para lhe pedir que o empregasse no negócio. Achou o tio com o ânimo muito abatido. Sua patroa havia morrido um mês antes, e naqueles dias tivera que despedir ao principal empregado, por graves abusos de confiança. Por esse motivo, Henning foi recebido como um enviado da Providência. Desde aquele instante, trabalhou com grande zelo e interesse, no novo negócio, e ao fim de um ano se encarregava pessoalmente de sua direção.

Passados quatro anos, muitas coisas mudaram. O comerciante de madeiras morrera e Henning fora instituído seu herdeiro universal. O velho Lind de Stavned também falecera, porém deixara a fazenda tão carregada de dívidas que foi preciso vendê-la e o produto da venda mal dá para Agata viver. O novo proprietário de Stavned é Henning, que deixou o negócio de madeiras para voltar a dedicar-se à agricultura. Em Hagestedgaard vive um certo Klausen, que é o sucessor de Niels Bryde; dentro de pouco tempo vai casar-se com Agata que agora está morando na casa do pastor. Está ainda mais bonita do que antes. No que diz respeito a Henning as coisas são diferentes. Salta aos olhos, ao vê-lo, que não é um filho mimado pela ventura. Parece já velho; seus traços são muito pronunciados e duros; seu andar é de um homem sempre fatigado; anda um pouco encurvado; fala pouco e em voz baixa; os olhos têm um brilho estranho; o olhar é intranquilo, receioso, furtivo. Quando se acredita sozinho, fala consigo mesmo, gesticulando. O povo da freguezia crê que ele se entregue à bebida. Porém não é verdade. Dia e noite, a todas as horas, a todo momento, ele sofre o assalto de sua ídêa fixa; o assassinato de Niels Bryde. Sua inteligência e suas faculdades regrediram sob o influxo desse medo perpétuo, pois, quando aquela idéa o assalta, não é em forma de arrependimento ou de um vago pensar, porém incarnada num vivo e chamejante terror, num delírio espantoso, que lhe transtorna os olhos e tudo agita à sua roda, num turbilhão sangrento ou numa dança de lívidos espectros. E nessa efervescência de todas as coisas que o rodeiam há uma força estranha que parece sorver-lhe o sangue das veias, que parece alimentar-se de todos os seus nervos e lhe faz bater o peito com uma ânsia sem nome; porém nenhum grito libertador, nenhum suspiro refrigerante consegue achar o caminho de seus lábios exangues.

Essas sensações são consequência da idéa; por isso a teme, por isso seu olhar é inquieto e seu andar tão fatigado. Esse medo esgotou-lhe as forças; e a força que ainda lhe resta é consumida pelo ódio. Porque odeia Agata, odeia-a porque sua alma se aniquilou por seu amor por ela, do mesmo modo que a sua paz; porém sobretudo odeia-a porque ela nada sabe nem adivinha de todo este mundo de dor e de miséria

que lhe criou no íntimo; e quando fala consigo mesmo com gesto ameaçador, é a vingança a sua idéa fixa, são seus planos de vingança que ele acaricia em segredo, no mais recondito do peito.

Nada porém deixa adivinhar nem transluzir coisa alguma de seus sentimentos; é a amabilidade personificada no seu trato com Agata. Custeou-lhe o dote; e mais tarde foi seu padrinho de casamento; e sua amizade não esfriou depois do enlace. Tem ajudado e aconselhado Klausen em muitas ocasiões e juntos fizeram vários negócios de especulação que tiveram brilhante resultado. Henning ao fim de certo tempo não quiz continuar nesses negócios; porém Klausen quiz prosseguir com eles e Henning lhe prometeu assistir-lhe com seus conselhos. Klausen ganhou nalguns, perdeu na maioria deles, porém quanto mais especulava maior era seu ardor e entusiasmo. Finalmente havia concebido uma grande empresa que teria de fazê-lo rico. Essa transação exigia grandes gastos e Henning não lhe recusou a ajuda; a última soma estava no entanto pendente de pagamento, quando Henning se retirou do negócio. Klausen esperava um resultado magnífico; as perspectivas não poderiam ser melhores; se renunciasse naquele momento a continuar no negócio começado, arruinava-se inevitavelmente; porém não podia pagar. Para sair de apuros, assinaria umas letras com o nome de Henning; ninguém suspeitaria nada e a operação estaria salva.

A empresa fracassou. Klausen estava quasi arruinado. O dia do vencimento das letras aproximava-se; era preciso tentar o último esforço. Resolveu mandar Agata a Stavned. Henning ficou assombrado ao vê-la, pois não fazia muitos dias que acabava de levantar-se do último parto e o tempo estava duro e chuvoso. Fê-la entrar na salinha verde e ali ela lhe explicou tudo o que se referia ao desgraçado negócio e às letras.

Henning meneou a cabeça e disse descansadamente que ela devia ter entendido mal o que o marido dissera, porque não se assinam letras promissórias com nome de outras pessoas; que isso era um crime, sim, era isso, um crime, que é punido pela lei com prisão correcional.

Não, não, ela não havia entendido mal o marido; sabia que era um crime; pois por isso mesmo ele devia ajudá-los; basta que ele não proteste contra a assinatura e tudo se arranjará.

Sim, porém então ele terá de pagar a letra e isso não pode fazê-lo; já meteu tanto dinheiro nesse negócio de Klausen que chegou ao limite de suas forças. Sente muito, porém não pode.

Ela chorava e suplicava.

Porém ela havia de considerar que ele havia sofrido enormes prejuízos com os negócios de Klausen. Quando ela lhe contava que a empresa havia fracassado, tinha-lhe parecido como se alguém lhe tivesse dado uma bofetada, tanto lhe surpreendera e o perturbara a notícia. Ao empregar essa expressão viera-lhe à memória que ela uma vez o esbofeteara... Ela também não se lembrava?... Não?... Fora um dia em que ele a mortificara, contando-lhe que Bryde... porém era possível que ela não se lembrasse disso? Sim; ela, com um ciume amável dera-lhe um soco na face, sim, aqui, na face.

Bom, porém não podia ajudá-los?

Sim, tinha sido naquela mesma sala onde estavam agora. Ah, o tempo era outro, um tempo interessante...

Se não estava mal lembrado, uma vez lhe fizera certa proposta. Caso ela tivesse aceitado... porém era bobagem falar disso tudo. Não; Bryde era um belo moço; quem poderia prever seu fim trágico, pobre rapaz!

Sim, sim, porém não havia uma saída, uma solução? Nenhuma?

Ela não havia de acreditar na histórias das letras; era com certeza uma coisa que Klausen a fizera acreditar para conseguir dele um auxílio; era um estratagemas; Klausen era um ardiloso muito fino, muito fino.

Não; o que ela estava dizendo era a verdade absolutamente verdadeira. Se voltasse à casa com esta negativa, Klausen teria de fugir para a América; o carro que teria de levá-lo à estação de Voer já estava pronto, quando ela saíra de casa.

Não, não podia crer que Klausen fosse capaz de semelhante enormidade. Uma patifaria de tamanho calibre! Pôr em tão grave aperto a um homem que não se cansara de ajudá-lo! E' preciso que Klausen seja muito ruim, se isso for verdade! Revolta apenas pensar nisso! E logo que deshonra para a mulher e o filho inocente! Ela teria, desde então que baixar a cabeça envergonhada, ao ouvir os outros dizerem: Pobre Agata! Pobre Agata!

Ela se lançou a seus pés e clamou com voz trêmula e suplicante: Henning, Henning, tenha pena de nós!

— Não; mil vezes não; meu nome tem de ficar imaculado; não posso ajudar a um criminoso.

Ela foi embora.

Henning sentou-se e escreveu à polícia de Voer para que procedesse à prisão de Klausen, por falsificação de letras, caso ele aparecesse na estação ferroviária. Escrita a carta, mandou-a por intermédio de um portador.

Anoite chegou a notícia de que Klausen tinha partido e no dia seguinte soube que fôra preso em Voer.

Agata teve que meter-se na cama, quando chegou em casa. Fraca como estava pela recente enfermidade, não tinha podido resistir ao esforço e às violentas emoções que recebera. A notícia da prisão de Klausen acabou de derrubá-la. A doença adquiriu um caráter maligno e infeccioso. Três dias depois chegou a Stavne de a notícia de que havia morrido.

Um dia antes do enterro Henning partiu para Hagestedgaard. O tempo estava neblinoso; as folhas caíam em grandes massas, flutuava no ar um cheiro acre de terra úmida.

Levaram-no ao quarto mortuário com as janelas cobertas de cortinas brancas; na cabeceira do leito ardiam duas velas. O ar estava denso e carregado da fragrância das numerosas coroas de flores e do verniz do caixão.

O rosto adquiriu-lhe uma expressão quasi solene, quando a viu estendida, fantásticamente vestida de roupas brancas. Tinham-lhe posto um lenço branco em cima do rosto; não o tocou. As mãos descansavam em cima do peito; tinham-lhe calçado as luvas brancas de algodão. Ele tomou uma das mãos, tirou a luva e a guardou no peito. Depois examinou nervosamente aquela mão, dobrou-lhe os dedos e soprou o hálito sobre ela, como se procurasse aquecê-la. Por largo tempo esteve com aquela mão entre as suas; a casa ia ficando cada vez mais escura; a névoa, lá fora, ia-se fazendo cada vez mais densa. Então ele se curvou sobre o rosto da morta e murmurou: Adeus, Agata! Quero dizer-te uma coisa; eu não me arrependo do que fiz. — Depois soltou a mão e saiu.

Quando saiu da soleira mal podia ver a granja, tão espessa era a névoa. Seguiu ao largo da praia, caminhando para casa... Agora já estava vingado... e depois? Que seria de amanhã e de depois de amanhã e do dia seguinte e do outro dia?... Estava tudo tão quieto, tão silencioso! Só um ligeiro murmúrio da água, lá em baixo... Porém não podia ouvir bater o coração; no entanto ele batia, porém tão apagado, tão apagado... Que foi? Um tiro? E outro? Moveu a cabeça dum lado para outro; sorriu e murmurou: "Não, dois, não, só um, só um! — Estava tão cansado. Ah, poder descansar... Porém não tinha descanso para descansar. Ficou imóvel um momento e olhou em torno: não havia muito que ver; a névoa formava um verdadeiro muro em torno dele; névoa por cima, névoa ao redor, areia em baixo; na areia estavam marcados suas pegadas em linha reta; chegavam até o centro do círculo de névoa, porém não iam além; caminhou um pouco mais; não, não chegavam além do centro, porém atrás dele, ali por onde havia andado, havia círculos de suas pegadas... Ah, como estava cansado! Era por ter andado pela areia; era tão pesado caminhar pela areia... Cada uma de suas passadas lhe consumira um pouco das forças; sim, eram uma série de sepulturas em que estavam enterradas suas forças desaparecidas... e para o outro lado a areia se estendia igual e lisa e estava esperando... Um calafrio o percorreu; alguém avança por cima de minha cova... alguém vem seguindo o sulco de minhas passadas; ali atrás de mim, dentro da névoa, sobe um rumor como de túnicas de mulher; alguma coisa branca oscila dentro da névoa branca! Voltou a avançar o mais depressa que pôde. Sentia que as pernas se lhe dobravam, uma sombra negra estendeu-se-lhe diante dos olhos; porém tinha que ir para diante, para diante, para a névoa, através da névoa, pois alguma coisa vinha atrás dele, alguma coisa o perseguia incansavelmente. Aproximava-se, aproximava-se, cada vez mais; as forças iam abandoná-lo; seu andar era vacilante, ia dum lado a outro sem direção fixa; os olhos viam palpitar estranhos relâmpagos; feriam-lhe os ouvidos vozes agudas e zombeteiras; tinha a testa banhada de suor frio; os lábios com uma expressão horripilante; finalmente caiu desamparado na areia. E aquilo, aquilo surgiu da névoa, sem forma, porém perceptível, deslizando-se sigilosamente, lentamente, pouco a pouco. Tentou endireitar-se porém uns dedos brancos, frios como o gelo crispavam-se-lhe como garras na garganta...

No dia seguinte, quando se procedia ao enterro de Agata, a comitiva teve de esperar muito tempo; mas não veio ninguém de Stavne, para acompanhá-la à última morada...

Terça! não irás a America!

(Continuação da pag. 19)

bem amado. Ela era pura, e acreditava que os outros eram sinceros também. Por isto já não pensava no abismo, criado pelos homens, que os separava. Ele não disse que a amava? Não disse que falaria aos pais dele? Entregou então pudicamente suas faces ardentes aos beijos calorosos dele.

Ele também se esqueceu dos companheiros, que agora surgiam um após outro. Terça sentia sobre si os olhos dos homens e a respiração lhe ia faltando, quando um vozerio lhe recomendava:

— Comporta-te, menina! Comporta-te!... Não te esqueças de mandar-nos um cartão postal da America! Hahaha! ecoavam os outros.

Miguel lançava um olhar embaraçado em volta e tentou empurrá-los para fora. Eles, gesticulando, o felicitavam:

— Representaste o papel magnificamente! E ganhaste a aposta! Agora vem conosco. Temos de beber um gole pela vitória, aliás facil!

Entrava Pedro. Encarou-os sombrio, decidido. Sua voz trevejava, desafiando-os:

— Então, valentes rapazes! Divertem-se a valer? E não há entre vocês um só que sentisse que deveria defender esta moça, se alguém a injuriasse? Vocês, que a conhecem! Sabem que ela tem valor! Mas isto lhes dói! Não suportam o que é elevado! Querem-na humilhar só por isto, e rebeixá-la até a terra amarela. Pensam que são homens? Bandidos é o que são! Iguais ao bandido da estrada que, encontrando um viajante assaltado e ferido, ao invés de acudir-lo, lhe tira as roupas, animando-se a si mesmo: "Ele está moribundo, não as necessita mais", e abandona-o sem pão e água em sítio deserto... Não fizeram vocês o mesmo com esta moça? Não era bastante a sua desgraça de amar o filho de um rico? Ainda assaltaram a sua reputação, só para divertir-se. Ela que sofra! Que lhes importa o sofrimento dela? Sabem o que é isto? Infâmia! Para vocês a honra de uma mulher pobre e sem arrimo significa menos do que o cachimbo perdido! E Miguelzinho agora é ainda mais HOMEM! UM GRANDE HOMEM!

Miguel ficou vermelho, e, subitamente, como um touro, avançou contra Pedro. Esta-

GRIPE / RESFRIADOS / NEURALGIAS



beleceu-se um conflito generalizado. Sacaram-se canivetes pontudos dos tubos das botas. Gendarmes separaram-nos e levaram-nos a cadeia.

Ao pôr do sol, tudo se silenciou.

Terça estática, sentia-se alagada de suor. Em seu redor a terra revolvida e chepéus pisados testemunhavam que não era pesadelo o que há pouco se desenrolara. "Então, fôra realidade! Não fôra loucura ter ouvido as palavras de Miguel?... Brincava comigo, para divertir os outros. Por que me quizeram tanto mal? Não fomos amigos? Eles não podem ser tão ruins!... eu lhes quero bem... está escurecendo!... Por que fizeram isto comigo? Que mal eu fiz? Amei um, com o amor que Deus me deu, sem querer pecar. E' este talvez o meu pecado? Não tenho o direito de amar assim? Devia, como minha prima, beijar a quem me quizesse? Rir e beber com qualquer um?... Devo arrancar o meu coração e lançá-lo aos lobos?... Talvez sem coração poderia viver melhor... Prefiro a morte. E agora?... Que me resta?... Descobriram o meu segredo. Nunca mais terei sossego. Aqui não ficarei! Vou para a América! Mas isto custa caro, e eu não tenho nada! Mas quero ir, tenho que ir! Vou trabalhar, juntar tudo, e num dia poderei ir!... Mas até lá, que fazer, meu Deus?... Que fazer? Como poderei viver?... Não, nada há que fazer..."

Assim a encontraram, não reconhecendo ninguém, não respondendo a ninguém, sentada, imóvel num banco, de cabeça baixa.

Um mês depois, o reverendo levou-a à cidade e internou-a no hospício.

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os crêmes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e casperezas e a tendência para o pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante".

Experimente-o.



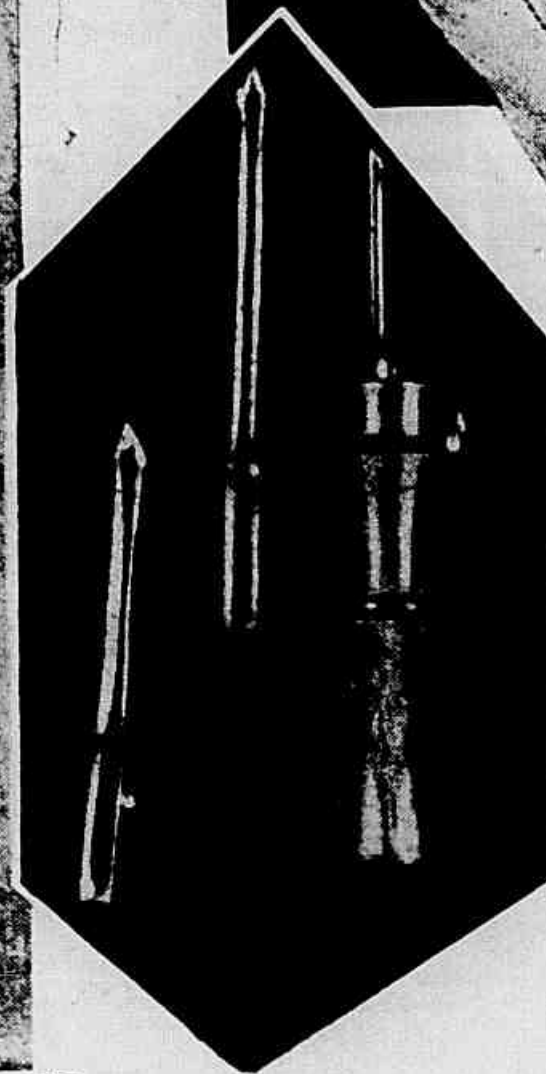
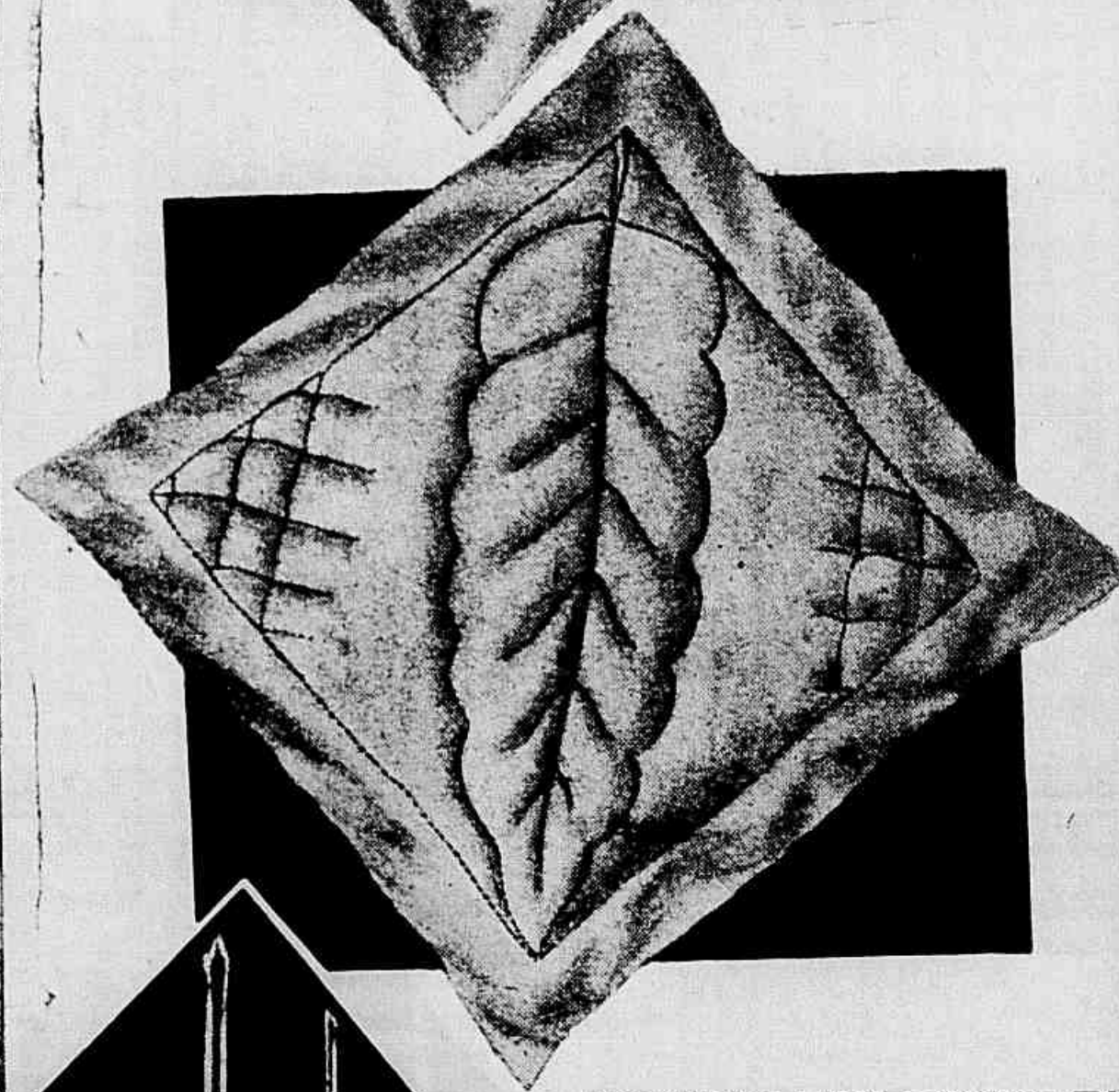
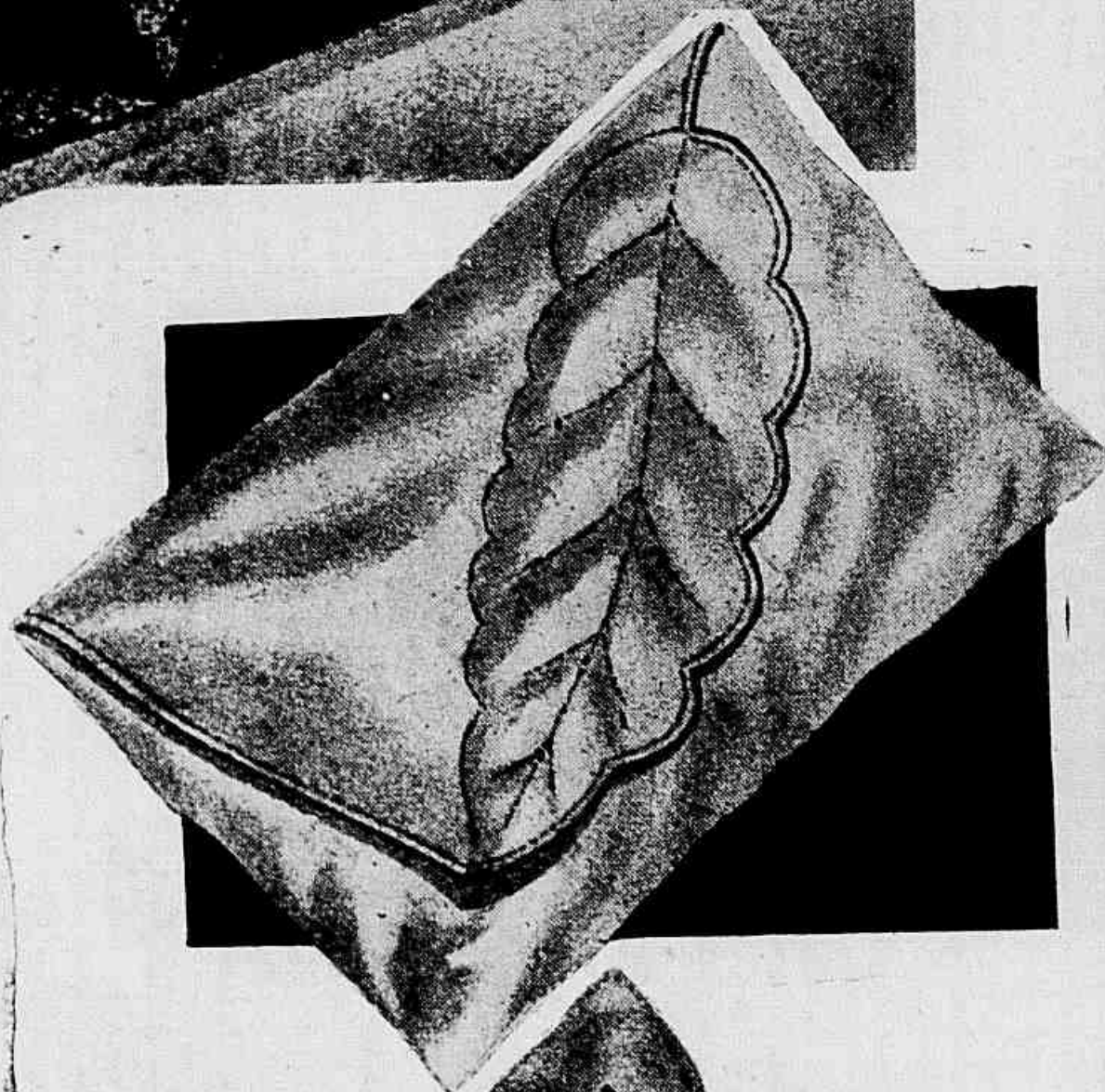
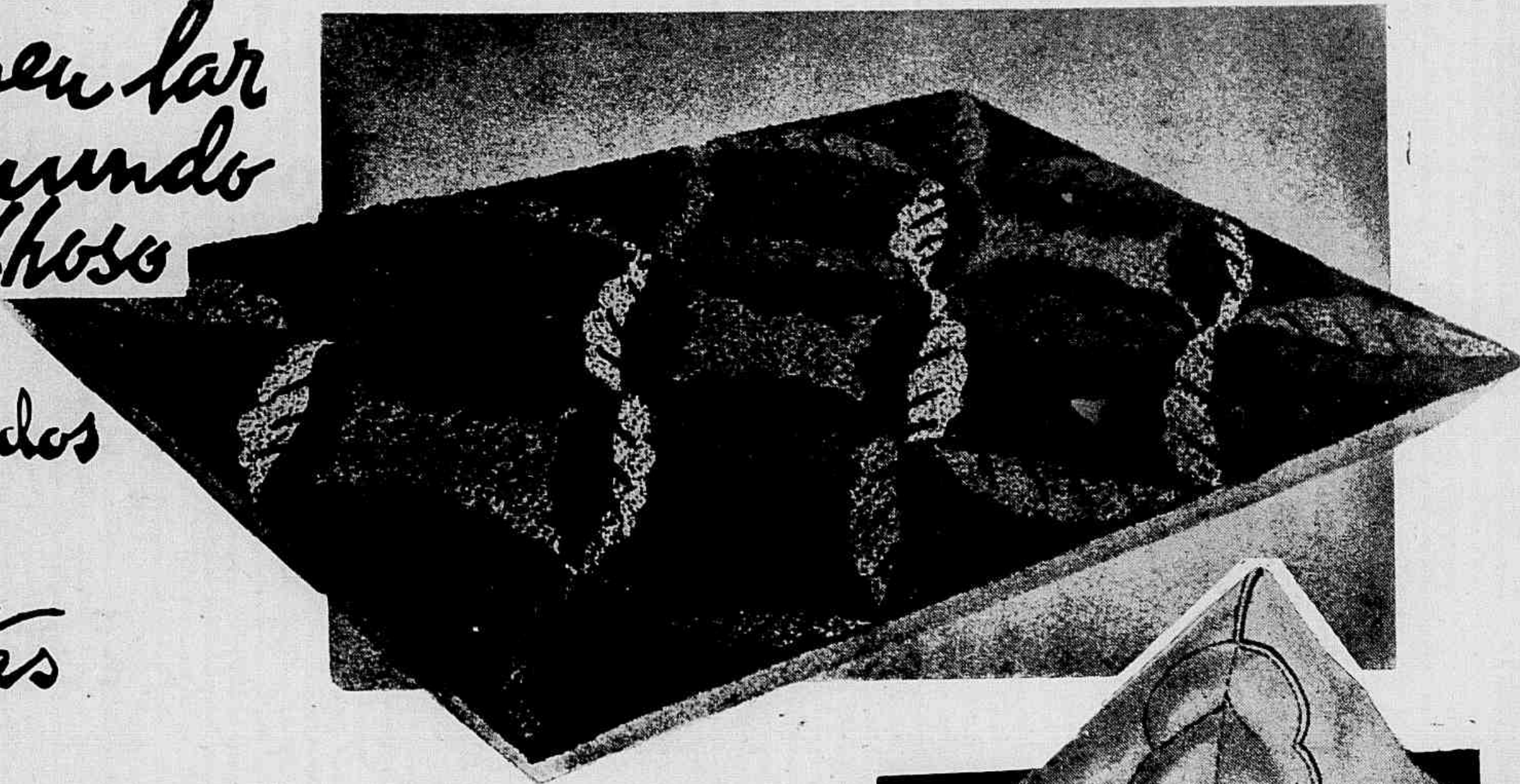
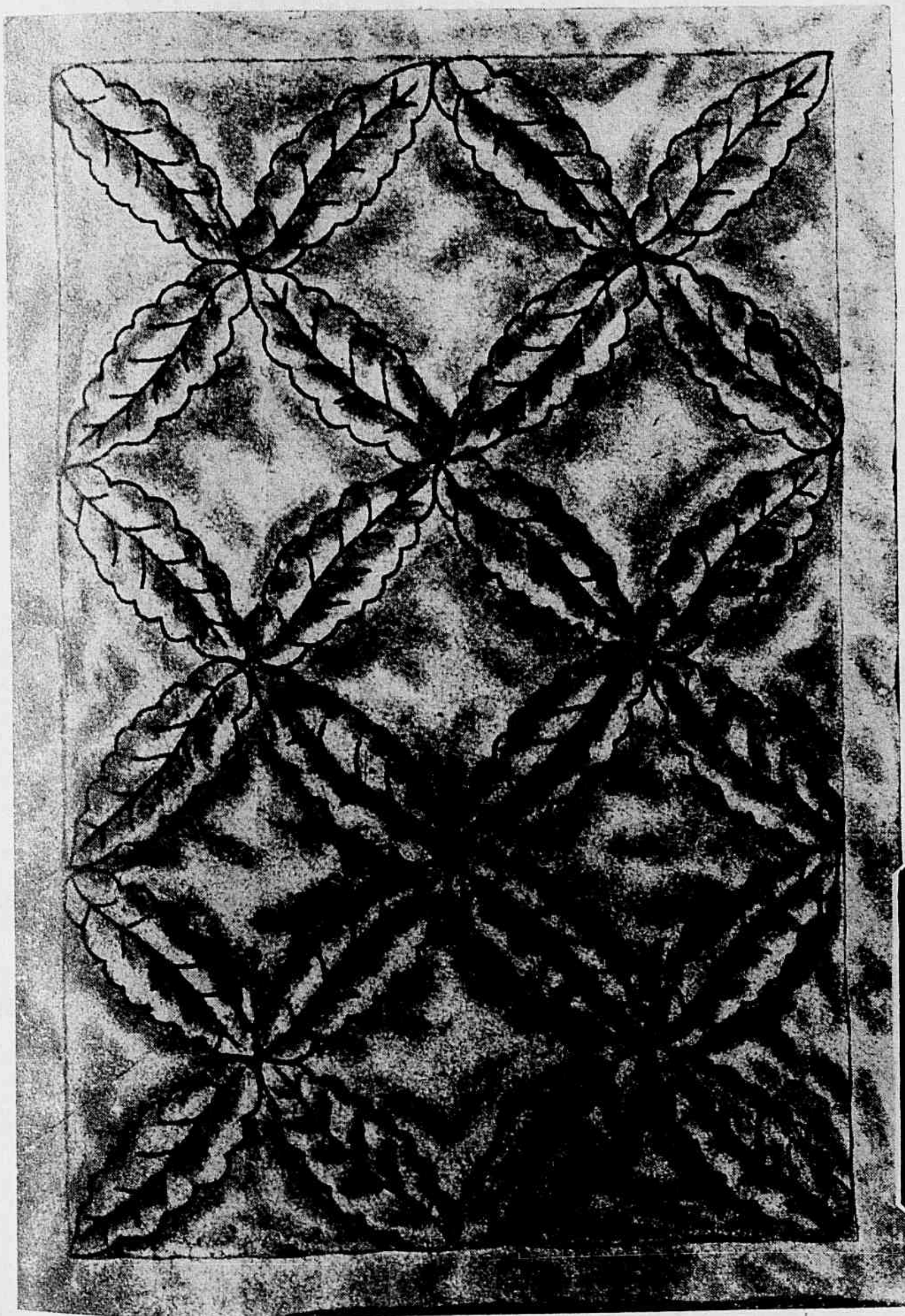
PRISÃO de VENTRE?



Torne seu lar
um mundo
maravilhoso

Acolchoados
e
Tapetes

Grandes folhas são aplicadas nestes trabalhos que ilustram nossa página e que são precisamente: um porta-camisolas, um edredon e uma almofada. Executam-se as mesmas em acolchoado, sendo que o tapete é feito em tons verde jade claro e escuro. Os trabalhos acolchoados são confeccionados em setim de tonalidade que combine com os móveis e as decorações do quarto.



MOBILIARIOS FINOS EXPOSTOS EM GRANDES MOSTRUARIOS

Convidam-se as distintas famílias a visitarem os mostruários junto à fábrica de Móveis "Lamas", nos quais estão expostas as mais recentes criações de mobiliários nos diversos estilos, dotados de todos os requisitos para satisfazer quem pretenda adquirir móveis de qualidade e de bom desenho.

As exposições que a fábrica "Lamas" mantém no Flamengo, Urca e Copacabana são de simples propaganda, sendo os móveis "Lamas" vendidos exclusivamente nos mostruários anexos à fábrica, com facilidade, em certos casos, de pagamento.

OUTROS RIRAM

CASO GRAVE



A sra. Antunes passa a vida a queixar-se da saúde, inventando doenças, queixando-se de males imaginários...



Certo dia, manda chamar um médico a quem aborrece ao extremo com a história infundável dos seus achaques.



— A sua enfermidade, minha senhora... diz o facultativo, quando ela lhe permite falar — é ter vindo ao mundo.

— E acha-a muito grave, doutor.

— Tão grave... que é dela que a senhora morrerá!



— Podes me emprestar duzentos cruzeiros?

— Pois não! Assim que voltar de Londres!

— Ah, tencionas ir a Londres?

— Assim que acabar a guerra!



— Escute, Fernandes, eu lhe devolvi aquele guarda-chuva que lhe pedi emprestado outro dia?

— Ainda não.

— Que pena! Vinha justamente pedir-lh'o outra vez...



— O pianista vai tocar uma sonata de Beethoven. Oh, eu adoro Beethoven!

— E eu também!

— Então vamos aproveitar para ir fumar um cigarro lá fóra.



— Mas este retrato é um horror! O senhor encheu-me de rugas!

— Lembro-lhe, minha senhora, que sou um pintor futurista. Daquí a alguns anos é que a senhora vai ver se está parecido ou não.



— Papai, que quer dizer celibatário?

— Quer dizer, "homem feliz". Mas não digas isto a mamãe!

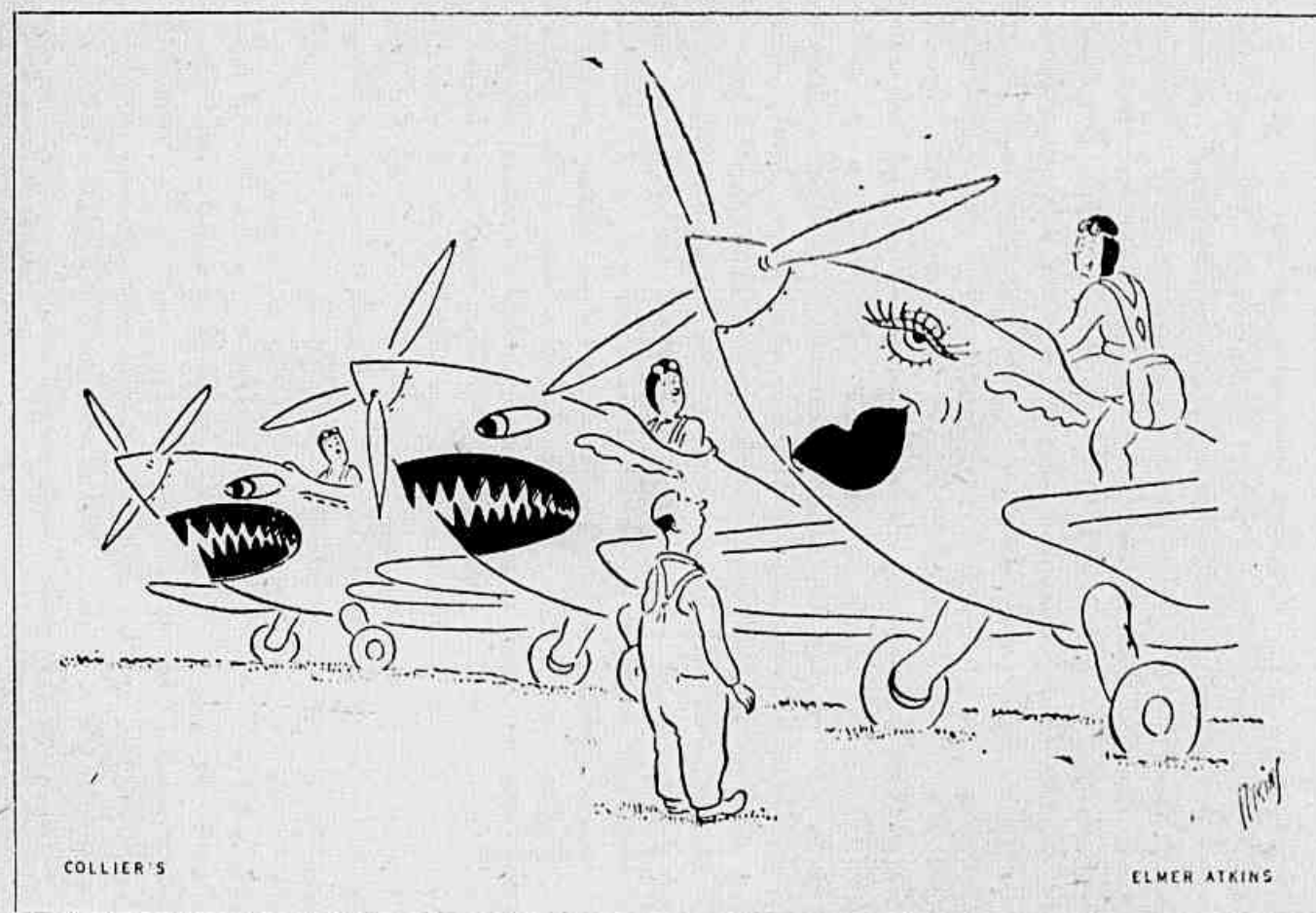


A modista — Se a senhora está tão descontente com esse vestido, com certeza não me encomendará outro.

A fregueza — Talvez... Mas descanse que a recomendarei a todas as minhas amigas.



— Eu apenas disse a ela o nome do novo perfume.



— Isto faz com que eles pensem que somos amigos.



A sombra dos acontecimentos vindouros.



"A Sala de Palestra dos Astor", cedido por Mrs. Vincent Astor.

Apesar da agitação modernista, o público moderno parece cada vez mais atraído pela arte do século XIX. Por todos os museus americanos cresce a curiosidade em torno das obras primas dos pintores e escultores que fizeram do século passado uma das épocas culminantes da produção artística da humanidade. Talvez isto se explique por um certo cansaço das extravagâncias modernistas, talvez por uma esperança de encontrar preciosas sugestões para a obra de hoje na obra de ontem. O fato é que constantemente nos chegam notícias dos Estados Unidos referentes a exposições de pinturas celebres que honraram as galerias mais famosas da Europa.

Assim, publicamos nesta página as reproduções de algumas telas em exibição nas *Grand Central Galleries*. Trata-se de retratos de algumas personalidades das últimas décadas do século XIX, agrupadas sob a denominação de *Retratos de Ontem e Hoje*, também inclui a obra de artistas contemporâneos. Muitas das pinturas desta exposição — de Sargent, Boldini, Cecelia Beaux e outros artistas eminentes do passado — foram cedidos por descendentes dos retratados. A exposição foi feita em benefício da Cruz Vermelha.



"Mrs. Philip Lydig" de Jean Boldini, da Coleção Chester Dale.



"Mrs. e Mrs. L. N. Phelps Stokes" de Sargent, emprestado pelo Metropolitan.



"Mrs. William Astor" de Carolus-Durand cedido por Mrs. Vincent Astor.

